

# FASCISMO

FILHO DILETO DA IGREJA E DO CAPITAL



MARIA LACERDA DE MOURA

*Enquanto o homem estiver armado, é um tirano e um covarde. Enquanto não fizer a revolução interior para a realização profunda, ninguém tem o direito de encher a boca com as palavras “revolução social” – porque só pode semear a verdade quem já fez a sua colheita.*

*Quanto ao mais, palavras lindas e lições aviltantes. Os homens e mulheres “de ideia”, deixam muito a desejar. O pensamento, em absoluta dissonância com as ações.*

*Só quando o homem realizar um ser superior, tendo abandonado a violência aos impotentes e aos degenerados, aos fracos e aos trogloditas, só então terá direito de exigir dos outros o respeito á sua dignidade de ser humano.*

*A violência é estéril. Nada cria. É força desordenada, destruidora. Fere ao acaso e gera a violência. Estéril? – Não! É a mãe do Ódio.*

*Quando o homem souber respeitar o outro homem, sem necessidade da policia ou das leis escritas; quando desaparecer a violência e a autoridade, por imprestáveis, - porque o homem não condenará mais a tirania com o objetivo do assalto ao poder, para se aboletar, gostosamente, no trono do tirano... já não será necessária a revolução social.*

*Mas, enquanto os “escultores de montanhas” teimarem em obrigar os homens todos a pensar segundo o seu pensamento, a crer no que eles creem, inutilizando, massacrando os sonhos ou o pensamento dos outros – para assegurar o predomínio das suas verdades – prendendo, exilando, fuzilando ou mutilando os corpos e as consciências dos que pensam de maneira diversa: - as guerras e as revoluções sociais, uma após outras, hão de ensanguentar a terra, inutilmente, perversamente, degenerando, enlouquecendo a todo o gênero humano. Isso será até o suicídio coletivo da humanidade, através da técnica moderna da ciência – a serviço do canibalismo das verdades organizadas.*

*Maria Lacerda de Moura*



# **Fascismo – Filho Dileto da Igreja e do Capital**

**Maria Lacerda de Moura**

**Barricada Libertária  
2012**

# **ANARQUIA!**

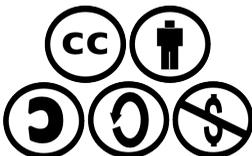
## **BARRICADA LIBERTARIA**

**Edição original:**  
**Fascismo – Filho Dileto do Capital**  
**1934**

**Digitalização e diagramação:**  
**Barricada Libertária**  
**Campinas, 2012**

<http://anarkio.net>  
[lobo@riseup.net](mailto:lobo@riseup.net)

**CP: 5005 – CEP 13036-970**  
**Campinas/SP**



## INDICE

<b>A ofensiva do Clericalismo</b>	<b>7</b>
<b>Os novos Autos da Fé</b>	<b>20</b>
<b>A Igreja é Escravocrata</b>	<b>22</b>
<b>Constantino e Clovis</b>	<b>27</b>
<b>As origens da intolerância cristã</b>	<b>36</b>
<b>A letra do Velho Testamento</b>	<b>39</b>
<b>A Igreja nada mais vale como poder espiritual</b>	<b>48</b>
<b>Catolicismo versus Protestantismo</b>	<b>50</b>
<b>D. João Becker e o Gen. Flores da Cunha</b>	<b>56</b>
<b>A doutrina da espada</b>	<b>58</b>
<b>A ofensiva do Clero no Brasil</b>	<b>60</b>
<b>Quantas vezes os “livros sagrados” foram “expurgados” dos erros?</b>	<b>65</b>
<b>Agapetas ou mulheres introduzidas</b>	<b>67</b>
<b>Elogio dos Cristãos aos Imperadores Romanos</b>	<b>68</b>
<b>Perseguições, milagres e santos</b>	<b>69</b>
<b>A tese de Raspoutine</b>	<b>71</b>
<b>São João Crisostomo precursor da “camaradagem amorosa”</b>	<b>72</b>
<b>O Livro das Taxas do Vaticano</b>	<b>74</b>
<b>Libertinagem e Prostituição</b>	<b>77</b>
<b>As obscenidades das catedrais</b>	<b>78</b>
<b>O Papa Sixto IV e a regulamentação da prostituição</b>	<b>79</b>
<b>Benedito IX e o breve: Honestate</b>	<b>80</b>
<b>Roma Papal: a “Grande Rameira” do Apocalipse</b>	<b>82</b>
<b>A irmã de Pretrarca – agapeta de Benedito XII</b>	<b>82</b>

<b>O “Lupanar” de Acca Laventia</b>	<b>83</b>
<b>“Santificação da Família”</b>	<b>83</b>
<b>Pio II, em pleno período das cruzadas, propõe aliança aos mulçumanos</b>	<b>85</b>
<b>Em plena idade média!</b>	<b>88</b>
<b>A Cidade do Vaticano</b>	<b>89</b>
<b>O Deus das religiões</b>	<b>91</b>
<b>Mussolini ateu</b>	<b>93</b>
<b>Mussolini: Papa-Imperador!</b>	<b>99</b>
<b>A Autoridade do Estado</b>	<b>101</b>
<b>O Vaticano já é comunista!</b>	<b>104</b>
<b>A Missão da Arte</b>	<b>107</b>
<b>A organização social: O diabo e seu amigo</b>	<b>109</b>
<b>O mundo, hoje é dos bandidos</b>	<b>112</b>
<b>“Associar ao individualismo dos espíritos, Comunismo das mãos”</b>	<b>120</b>

# Fascismo – Filho dileto da Igreja e do Capital

## A OFENSIVA DO CLERICALISMO

Sentindo a derrocada da sua moral de escravos, a queda irreparável dos direitos divinos da Igreja sacudidos pela razão humana, a diminuição progressiva do seu prestígio na literatura livre de muletas e a decadência do seu poderio – o Clero Romano faz ressurgir, das lutas políticas, o terror e provoca o renascimento das hostes imperialistas no despotismo das ditaduras modernas.

Por trás do *braço secular* dos governos – reúne o seu estado maior de tiranos inquisitoriais.

O Clericalismo é o pai do fascismo.

Mussolini e Hitler são os dois *braços seculares* da Igreja neste momento histórico. Representam o desespero do Cristianismo pretendendo reorganizar os Autos da Fé e acender outra vez as fogueiras da Inquisição. As aparências têm outro significado.

Cristo é um mito muito alto: não cabe dentro do Cristianismo ... O Cristianismo é anti-cristão. É a negação absoluta das palavras de doçura e amor de Jesus de Nazaré.

O Cristianismo, para mim, é significação mais perfeita de uma civilização voraz de déspotas e escravos.

Quando digo Cristianismo, eu me refiro à ordem social burguesa-capitalista. É a civilização do bezerro de ouro. O Estado confundiu-se de novo com a Igreja, não no sentido divino como outrora, mas, no domínio econômico-político.

E o Clericalismo se faz representar, modernamente, nas quatro castas dominantes do nosso regime social.

De novo o mundo civilizado é dirigido e governado despoticamente pelo jesuitismo de casaca.

Não há exemplo, no mundo moderno, de um só político de valo que se desembarace altivamente do domínio do clero, a não ser no México altivo e heroico.

Todos se curvam servilmente diante da Igreja e beijam covardemente

as mãos do Papa.<sup>1</sup>

O México é a prova eloquente da resistência tenaz contra a organização nefasta dos prejuízos seculares.

Guardadas as devidas proporções de século, de cultura, de civilização totalmente diversa, o México representa hoje aquela Veneza extraordinária, cidade única no mundo inteiro que resistiu, magnífica, à Igreja e aos Autos de Fé.

“Os anais da Inquisição não nos apresentam senão uma só vez, o exemplo de uma cidade, cuja habilidade política e sabia sagacidade soube contrabalançar a influência do Santo Ofício, levando o Papa a modificar, nos limites convenientes, a constituição do seu tribunal.

“Veneza era, talvez, a mais antiga cidade católica da Itália. A Itália havia sido reduzida a fogo e sangue pelos inquisidores e ninguém ainda pensava em Veneza. Essa circunstancia faz da cidade asilo seguro, e os heréticos o sabiam e aí se refugiando, a Inquisição não os viria buscar.

Roma só podia ver com muito pesar a tranquilidade de que gozava a rainha do Adriático; muitas tentativas faz, experimenta introduzir seus temíveis agentes no palácio de São Marcos, sempre inutilmente. Sob o pontificado de Nicolau IV, isto é, só em 1289 foi que o senado veneziano consentiu enfim no estabelecimento da Inquisição. E esse consentimento ainda foi dado com tais reservas que a influência de Roma desaparecia por completo e a Inquisição tornava-se simplesmente um tribunal subalterno, submetido em absoluto à autoridade do governo de Veneza.

Si nesse negócio o triunfo do Papa foi completo, consolou-se ele com a esperança de que a desconfiada susceptibilidade dos venezianos tornar-se-ia mais doce, e que estes deixariam qualquer dia à Inquisição, a liberdade

---

1 A Rússia vive em amistosas relações diplomáticas com o Papado. E, acaba de conceder aos Estados Unidos licença incondicional para fundar igrejas protestantes no território dos Soviets. A Rússia está bem com todos ... Para que o Estado qualquer seja, firme-se bem nos seus alicerces de força e poderio, tem de fazer concessões. O caso do México é único na história contemporânea. Aliás, a Rússia tem confiança na educação anti-religiosa das suas escolas e parece não mais temer a influência confessional de qualquer igreja. Na sua política externa dá-se bem com a Alemanha Hitlerista, embora as perseguições aos comunistas ... dá-se admiravelmente bem com a Itália fascista e cultiva ótimas relações com o Papado e o clero protestante dos Estados Unidos ... A Rússia bateu o recorde de diplomacia burguesa ...

de que ela gozava por toda parte. Essa esperança não se realizou. O governo veneziano não desmentiu a sua energia primeira, e longe de decrescer na sua firmeza, nada mais fez do que corroborar os seus primeiros atos por artigos adicionais, com os quais pouco a pouco se compunham os trinta e nove famosos artigos que formavam o código da Inquisição em Veneza”.<sup>2</sup>

Pois bem, o México, no mundo moderno, constitui a mais brilhante exceção e o atestado mais alto de coragem e independência por amor à liberdade de consciência e protesto contra a reação da tirania clerical.

Perdendo o seu poder religioso e confessional, perdendo seu prestígio, a Igreja serve-se de todos os aventureiros da política, revolucionários, incendiários, ateus antirreligiosos, do gênero de Hitler e Mussolini para tornar-se, de novo, por detrás desses arlequins sem caráter e sem consciência, a senhora de todo o orbe, dominando os povos e os Estados pelo terror e pelo fanatismo sanguinário.

Por isso, hoje é mais perigoso o Clero, escondido por trás dos nacionalismos militaristas de após guerra. Mais perigoso porque presente o desastre do seu desprestígio e a bancarrota dos sistema, e, pela sua elasticidade assombrosa, pela sua espantosa capacidade de dissimulação, pela adaptação constante, pela fantástica perseverança na espera das oportunidades, pela essência autoritária mascarada de humanidade, pelo tato psicólogo para saber não fazer desconfiar e nem opor dificuldade diretas, não provoca recusas intempestivas, não força negativas, não toma de assalto o poder, coloca-se sempre, incondicionalmente, ao lado dos fortes e junto aos vencedores ...

O Cristianismo tem o maior cuidado em não fazer lembrar a sua santa piedade inquisitorial.

E quando alguém lembra, o Clero e os seus sequazes apressam-se em pretender provar que não foi a Igreja e sim autoridades constituídas que ordenaram os Autos de Fé e condenaram às labaredas os criminosos dos crimes de heresia. A Igreja serviu humildemente aos poderosos...

A Inquisição foi de ontem, a historia desse martirologio da livre consciência está ainda fresca, mas a desfaçatez do clero a negar tanta

---

2 “Histoire des Sociétés Secrètes politiques et réligieuses”, por Pierre Zaccone, Paris, edição de 1867, páginas 277 e 278.

perversidade e a pretender colocar-se à margem dos crimes nefandos praticados pela Religião, em nome daquele Cristo de amor e piedade – é mais do que revoltante, é também repugnante.

Mas, a Igreja teve sempre o cuidado de se servir das leis e do governos para estabelecer o seu domínio e exercer as suas vinganças.

Demais, o Clericalismo não tem pressa. A organização da igreja é feita de molde a saber esperar pacientemente.

Mas, agora, diante da revolução social que se precipita, diante dessa avalanche que vem rolando com a impetuosidade devastadora dos cataclismos cíclicos, o Clero se apressa na tomada de posições outrora ocupadas a ferro e fogo.

Daí a encruzilhada diante da qual estacou o genero humano impellido pela horda impetuosa e brutal da reação clerical-fascista – reinvidicando de novo o direito e o poder de torturar, massacrar, exterminar em nome do Estado, divinizado hoje pelos nacional-imperialistas, em nome da autoridade do fanatismo e da intolerância do misticismo nacionalista.

Ou o terror, o renascimento do despotismo medieval mascarado de defesa, e que não é senão agressão imperialista, ou a razão humanizada pela dor de ver sofrer, a solidariedade humana a se defender contra a voragem liberticida – ameaçando sorver tudo, no caos das novas guerras de extermínio, ao mesmo tempo nacional-imperialistas e místico-religiosas.

Assistimos ao alvorecer de novas Cruzadas. Mudam-se os nomes das coisas, entretanto, é o espirito de autoridade que, em todos os tempos, no troglodita como no homem civilizado, mascarou o instinto animal de agressão – organizando o despotismo – para se apoderar da bolsa ou da consciência, do ouro e da liberdade do próximo.

E mais interessante: a Igreja clama pela liberdade. Sim. Pela liberdade de estrangular a liberdade.

Como no tempo das Cruzadas, o Papa abençoa Mussolini e a Igreja denomina “o homem da Providência” ao Dulce – chefe dos bandidos assassinaram covardemente a Matteotti, a Amendola, a Don Minzone...

Mussolini, no momento atual, guardadas as proporções, representa admiravelmente Inácio de Loyola quando procurou reerguer a Igreja criando a Cia. De Jesus, renovando-lhe as forças, cultivando-lhe novas raízes no fastigio e no terror. Tudo é Cristianismo...

Com o fascismo e o nazismo estamos vivendo uma nova inquisição, e, si continuarmos inertes, ela se estenderá até nós. As torturas denunciadas por Barbusse, na Itália fascista ou as crueldades do regime nazista são puramente inquisitoriais.<sup>3</sup>

Hitler é o responsável pelas vítimas sem conta, imoladas no altar do racismo, cuja ação social consiste em varrer da Alemanha todos os judeus e todos os partidos políticos que não sejam o nazista.

Van Der Lubbe tornou-se um símbolo na Alemanha, como Matteotti na Itália.

Esse individualista de caráter incorruptível salvou a vida de seus companheiros de processo, à custa da sua própria vida. Caluniado, maltratado pela imprensa nazista, torturado na prisão, envenenado com a “droga da verdade”, a “scopolamine” - empregada pela polícia estadunidense – para paralisar o controle do acusado sobre si mesmo, permitindo arrancar-lhe “confissões” involuntárias, nem assim Van Der Lubbe acusou ninguém. Está claro que se fosse cúmplice dos nazistas, não teriam empregado tal droga.

E a droga foi ministrada repetidamente, devido à recusa de Van der Lubbe em acusar aos outros, inutilizando-o fisicamente antes muito da execução.

Todas as torturas foram empregadas para que Van der Lubbe acusasse os comunistas. Inutilmente.

Declarou sempre:

“Eu sozinho realizei o incêndio do Reichstag, sem cúmplices e sem que ninguém tivesse conhecimento do fato”.

Não importa saber se foi mesmo. O que importa é não acusar a outrem.

“Condenem-me de uma vez. Apliquem-me a pena de morte, mas, acabem de uma vez com a farsa deste processo interminável”.

Enquanto o comunista Dimitroff não teve o menor constrangimento em acusar diante do tribunal de Leipzig, Van der Lubber declarava perante o mesmo tribunal não conhecer nenhum dos outros acusados.

Em outro estudo em preparo, publicarei toda a documentação colhida na Europa contra as calúnias e as perversidades publicadas para difamar e

---

3 Ver “Lu” de 12 de janeiro de 1933, Paris. Ver coleção de Estudios, 1933, de Valencia. Ver coleção de Nervio, 1932, 1933, Buenos Aires. Ver Monde, Paris.

macular o caráter viril e excepcionalismo desse operário modesto e desse individualista cujo o crime foi negar-se encerrar sua ação e sua vontade nas malhas de um partido político e reivindicar para si só a responsabilidade do seu gesto desesperado – com o fim de despertar as massas obreiras do seu letargo.

A seu irmão Jan Van Penthe lhe permitiram ver o cadaver de Van der Lubbe apenas por um instante, mas o suficiente para que lhe percebesse pela abertura da camisa o ombro despedaçado e terrivelmente machucado. Seu enterro foi às pressas.

E Van der Lubbe guardou um silêncio obstinado. Nada revelou. A ninguém comprometeu senão a si mesmo.

Cérebro e coração de um herói.

Desses caracteres raríssimos que a leviandade dos homens e a sua perversidade só sabe macular, porque não está à altura de os compreender.

Van der Lubbe, apesar de todas as calúnias do “Livre Brun”, ficará para sempre na memória dos oprimidos, como símbolo do individualismo na ação, como o revolucionário boêmio que se sacrifica – para sacudir as consciências, em uma civilização de covardes e amorfos.

Van der Lubber é o nome que melhor simboliza a ofensiva da Inquisição moderna.

Essa Inquisição mistico-política inaugurada pelo fascismo revive e supera a inquisição feroz da Idade Média.

Faltava unicamente o fato típico, “similar ao de Giordano Bruno, Juan Huss ou Savanarola” para emergir do caos moderno como símbolo de uma época sanguinária de degenerados.

O crime hediondo do envenenamento e torturas incríveis aponta o Cristianismo, com a sua moral barbara, como a causa dos desastros e das atrocidades inauguradas pelo Estado moderno, em nome das barreiras odiosas do misticismo nacionalista e econômico.

Enquanto os primeiros ensaios inquisitoriais se verificam e o mundo os vê escandalizados, mas, nada faz para impedi-los – a Igreja aguarda a oportunidade de poder assar vivos os homens e mulheres, em vez de queimar apenas os livros ...

Será possível que a covardia humana nos avilte a ponto de consentirmos em tal degradação?

Quando aprendemos que a Igreja perseguiu e martirizou a Giordano Bruno, a Copérnico, a Kepler, a Galileu, a Descartes, a Newton; quando revemos o que ela disse, por exemplo, de Newton, que “tirou a Deus essa ação direta sobre sua obra, que lhe atribui tão constantemente a escritura, para a transferir a um mecanismo material e substituir a gravitação pela Providência”, (White – *História da Luta entre a Ciência e a Teologia*) – longe estávamos de supor que hoje, agora, neste momento, Hitler persegue, exila, confisca os bens de Einstein – o maior cientista vivo – põe a premio a sua cabeça, essa cabeça notável que revolucionou toda a matemática e abriu novos caminhos às concepções da mecânica celeste.

É ainda o Cristianismo, ainda é a Igreja Romana, mesmo na alma protestante, é o ódio cristão ao judeu, mas também, e ainda mais – o ódio à ciência, o ódio à heresia que, através das investigações da ciência pura, estabelece princípios, e descobre leis naturais – contra os dogmas absurdos da infalibilidade, contra a prepotência da força bruta e contra o despotismo da violência religiosa ou política do *crê ou morre*.

Gregório XVI denunciava o princípio da liberdade da consciência como loucura absurda, e o da liberdade da imprensa como erro pestilento que, por demais detestado que fosse, nunca seria suficientemente detestado. (Draper – página 259, obra citada).

A Igreja vê, nestas manifestações de tirania organizada do Estado moderno – o caminho da sua redenção, do seu fausto e do poder temporal e espiritual, da sua liberdade – para ter a liberdade de massacrar a liberdade dos outros.

Se protesta, às vezes, pela voz de seus primazes, é porque as perseguições aos judeus estão sendo movidas pela Alemanha protestante ... Arma nas mãos de inimigos poderosos ...

Agitando os cordéis desse guinhol macabro de fascismo, racismo e daqui a pouco – integralismo – está o clero de todos os tempos, disfarçados na política, mascarado na diplomacia, vestindo a toga do magistrado ou o uniforme dourado da Academia, ostentando as insígnias do Maçom, empunhando a espada militar, mostrando no peito a Cruz da Legião de Honra, pontificando em Genebra, assinalando pactos de Paz ou comprando ações da Internacional Armamentista. A Igreja invadiu tudo ...

A educação clerical está dando os seus frutos.

A Igreja ficou pequena para conter o clero e movimentar os cordéis da sua política absorvente. O Cristianismo é uma organização tão perversamente arquitetada e tão admiravelmente mantida pelo espírito jesuíta – que penetrou todas as instituições, vacinou todos os homens contra a “vírus” da independência e da lealdade, e tomou conta do mundo – através da educação, tão maravilhosamente ministrada que degenerou e imbecilizou o gênero humano até a domesticidade covarde e a apostasia da própria consciência.

Vem de longe a aliança entre o altar e o trono: a Igreja sabe contar com o fator “tempo” para suggestionar o subconsciente e apoderar-se da razão, falseando o raciocínio até o obscurecimento absoluto da reflexão. Para isso, reivindicou sempre o direito à educação. Foi através da escola que chegou a reduzir a razão humana à expressão de zero ... E o seu poder lendário de adaptação?!

Nos vimos em São Paulo, por ocasião da revolução ou guerra civil de 32, a que ponto chega a elasticidade do clero, vestindo-se, desta vez, com a fantasia espetaculosa da demagogia mais escaldante. O clero também queria a liberdade e bradava aos céus pela Constituição. Porque queria a Constituição Clerical e o Estado como *braço secular* para defender as pretensões dominadoras da Igreja Romana. A Igreja livre, para sufocar a liberdade.

A intolerância sistemática do clero suspira pela fogueira e pelos santos inquisidores. A Igreja tem saudades fundas e nostálgica mística das suas perseguições e do fanatismo com que o povo acorria para meter as achas de lenhas nas fogueiras e ver assar vivos os hereges, os judeus e as feiticeiras.

E neste momento, através do fascismo, a Igreja tenta de novo tomar o mundo de assalto.

O número da revista “*Lu*”, de 12 de janeiro do corrente (1934) narra o seguinte, extraído de *Dimineatză*, de Bucarest: “O inquerito feito pela polícia no seio das organizações da Guarda de Ferro (fascismo romeno), revela, todos os dias, novas e edificantes minudencias na maneira de agir dessa instituição, que faz lembrar em tudo, os tristes e celebres Saint-Vehmes da Alemanha, tão medieval quanto moderna. Assim, há dias, as investigações do juiz de instrução de Braila chegaram ao arresto de um padre dessa cidade, que, em qualidade de servidor de Cristo, tinha uma

concepção bem esquisita da sua missão.

Esse representante da Igreja aceitará o encargo de receber o juramento solene dos novos membros da Guarda de Ferro, e, para que essa cerimonia fosse revestida do misterioso prestígio das coisas da religião, o padre decidira que se passasse diante do altar de sua igreja. Isso nada é ainda. O padre obrigava os moços a jurar diante de Deus e da Cruz que *“haviam de servir cegamente à Guarda de Ferro e aos seus dirigentes, até o último judeu tivesse desaparecido do território romeno”*.

Diante disso, diante da realização prática desse desejo unânime da Igreja romana e do Capitalismo não judeu, de que a Igreja é também membro notável, desaparecem os protestos de um ou outro bispo, aqui e ali, protestos vagos que nascem simplesmente do fato de prevalecer na Alemanha o protestantismo.

É a luta entre a Igreja de Roma e Lutero e Calvino. Os jornais de 21 de fevereiro de 1934 trazem um telegrama que é a confirmação do que acabamos de afirmar:

“Franfurt-sobre-o-Reno, 21 (H) O serviço da imprensa local comunica que padre católico recolhido à prisão de Hesse foi preso porque, por ocasião da execução de um comunista, entregou-se a “excessos de linguagens inimagináveis”. Acrescenta o comunicado: “É assim que esse eclesiástico não se lembrou de pedir para o comunista a clemência divina, mas procurou fazer crer que ele era mártir como Cristo e podia vencer serenamente, a última e dolorosa etapa de sua vida. Nessa prece suprema o sacerdote procurou excitar num assassino comunista o ódio contra a justiça humana. Comparar um assassino ao Cristo é uma blasfêmia e falta de tato. Não há lugar para tal padre no Terceiro Reich. O amor ao próximo quando ele se dirige a assassinos comunistas fere as tendências de nossos compatriotas de sensibilidade verdadeiramente cristã”.

Esse telegrama dá noção exata dos sinais dos tempos ... No Terceiro Reich não há lugar para os padres católicos. No Terceiro Reich domina o protestantismo. Estamos diante das novas Cruzadas. A linguagem isolada de um padre humano não é a expressão da linguagem e dos desejos da Igreja. A Igreja Romana não suporta os comunistas. Nesse ponto está de pleno acordo com o Terceiro Reich. Mas, quando o predomínio protestante se afirma na perseguição aos comunistas, a Igreja, pela voz individual de

alguns sacerdotes, protesta em nome da humanidade. É apenas a luta religiosa que se esboça.

Na Alemanha já se prende por crime de blasfêmia! Reminiscências da Santa Inquisição.

Os protestantes da Alemanha reviveram o Santo Ofício. A Igreja não protesta contra o Santo Ofício. A Igreja não protesta contra o Santo Ofício ou o Tribunal Inquisitorial. Alguns sacerdotes católicos protestam porque temem o renascimento do poder protestante ou do paganismo, e receiam ver a sua arma diletta nas mãos dos inimigos mais acerrimos.

Na Itália fascista, católica, romana, a Igreja conservou-se silenciosa deante das crueldades sádicas das hordas assassinas de Mussolini. Essas atitudes contraditórias atestam a luta religiosa neste princípio de fim de civilização. Quanto ao neo-paganismo da Alemanha, o imperialismo prussiano quer resolver, pelo nazismo, o problema político mundial, e quer resolver pelo paganismo neo-cristão, o problema religioso do universo ...

\*\*\*\*\*

O Papa Gregório I, século VI, dizia: “a santa ignorância é a mãe da piedade e da virtude”.

É verdade: “a santa ignorância” e a tirania é a argamassa com que a Igreja solidificou o seu poder e organizou a mais formidável de todas as organizações sociais da nossa civilização de animais ferozes.

Mas, não há palavras para descrever os crimes nefandos da Igreja embrutecendo os homens, reduzindo-os a animais domesticados aos quais tiraram todas as fibras do caráter e da vontade, de quem fizeram instrumento e juguete nas mãos dos poderosos e dos nababos. Nada mais há para dizer. Não há mais expressões para protestar. A propaganda anticlerical, a meu ver, deve basear-se nas palavras dos santos padres, na sua piedade abrasadora ... e nos textos das escrituras.

Justamente porque pode ser demonstrado, pelo menos “em vinte passagens positivas do Velho Testamento, que sua redação é posterior a Moisés de mais de um século e que ela provem da conivência manifesta de um grande padre e de um rei designado”, (Volney - *“Les Ruines e Recherches nouvelles sur l’histoire ancienne”*); - justamente porque o Velho

e o Novo Testamento estão intercalados de máximas e preceito do clero cristão e do jesuitismo não menos cristãos, depois de traduzidos e vertidos e adaptados por todos os Concílios; justamente por conter as bases do espírito de fanatismo e intolerância da Igreja; justamente por ser o Jeovah terrível dos exércitos o inspirador das doutrinas organizadas da Igreja; precisamente por essas razões – devemos tomar por testemunho do nosso desdém ao clero e da nossa repugnância pelos crimes inomináveis da Igreja – os livros sagrados da sua ferocidade e da sua tirania.

A. D. White (*História da luta entre a Ciência e a Teologia*), no Cap. XX que trata “Dos oráculos divinos à crítica superior”, analisando o mundo de interpretações do Velho e do Novo Testamento e estudando os textos das traduções dos Livros Sagrados dos judeus e dos Cristãos e todas as lendas em torno da sua adaptação aos gostos pessoais dos seus interpretes, conclui: “esses esforços chegaram naturalmente à declaração rabinica de que cada passagem da lei tem setenta significações diferentes, e que Deus mesmo consagra três horas por dia ao seu estudo.”

E Draper nos conta que a Bíblia de Sixto Quinto continha erros (perto de 2.000, dois mil), que seus próprios autores foram obrigados a suprimi-la!

É precisamente a razão por que os livros sagrados devem ser manuseados pelos anti-clericais, e constituem precioso manual de informações do Código moral legado pelo Cristianismo à nossa civilização de canibais.

A Igreja é, hoje, uma potência econômica e política, é um Estado dentro do Estado e aspira a ser o Estado único, a monarquia ditatorial e universal dentro do fascismo ou nacionalismo imperialista. Espera colher, agora, os frutos da educação de há tantos séculos.

É uma força viva, ativa, dinâmica, em plena efervescência – domínio absoluto por sobre os povos, as monarquias e as repúblicas.

A Igreja é a mesma da Idade Média, com a mesma organização e os mesmos sonhos de hegemonia universal. É o que devemos procurar provar – documentando-nos precisamente dentro da Igreja.

A Igreja esperou pacientemente, desde a Renascença e a Revolução Francesa. Esteve na defensiva. Agora, reata valentemente a ofensiva.

O capitalismo serve-se das doutrinas de renúncia e resignação passiva

da Igreja, para lançar os seus tentáculos de polvo por sobre as massas trabalhadoras. A Igreja se serve do capitalismo – para armar o *braço secular* do Estado contra a heresia.

Porque hoje os governos são os serviçais do Capital. A aliança entre César e Pedro é de todos os tempos, desde Constantino, e indispensável à estabilidade do Estado burguês e da Igreja Romana.

O Capitalismo presente a sua própria agonia.

A Igreja vê ruir os alicerces da sua soberania.

Daí o Fascismo: é filho dileto do Cristianismo e do Capital. É a nova aliança do altar e do trono – para o renascimento do terror e do despotismo imperialista – as armas com que os papas, os autocratas, a plutocracia pretendem estrangular de novo a razão humana e subornar a evolução.

A ofensiva do Clero é, pois, motivada pelo tropel do caminhar do gênero humano num ciclo de evolução em que, na arena social, se postam dois exércitos – para a Cruzada definitiva entre o princípio de Autoridade e o direito humano à Liberdade.

O Clero move, em todas as direções, as suas antenas, poderosas diante da covardia intelectual, multiplica os seus métodos de assalto indireto, imuniza e suborna, propõe e dispõe conforme as circunstâncias e o ambiente, no qual maneja os cordéis, com que aprisiona seus recrutas e voluntários servis, tirados de todas as classes sociais.

Em todos os tempos – psicólogos astutos e vorazes, a sua arma foi a mulher e a escola.

“... esses homens inventaram a mais profunda das perfídias: a obrigação absurda de lhes contar os segredos mais íntimos das ações, dos pensamentos, das *veleidades* (a confissão); de sorte que a sua curiosidade insolente levou a sua inquisição até o santuário do leito nupcial, no asilo inviolável do coração”.<sup>4</sup> São magníficas essas palavras de Volney.

E assim, vivem no celibato para terem todas as vantagens dos casados e “pouparem-se de todos os sacrificios domésticos”.

“Sempre denominaram *impiedade* a tudo quanto prejudica os seus interesses; resistem a toda instrução pública, para exercerem o monopólio da ciência; em todos os tempos, em toda parte, encontraram o segredo de viver em paz em meio da desordem por eles mesmos causada; em

---

4 Volney, “Les Ruines”.

segurança, no meio do despotismo que favorecem; em repouso, no meio do trabalho que vivem pregando; na abundância, no seio da miséria; e isso exercendo o comércio singular de *vender palavras e gestos* à gente crédula que paga como a mercadorias do mais alto preço”.

“Sob o manto da *pobreza*, encontraram o segredo de ser ricos e de se proporcionar todos os gozos.

“Sob o nome de *mendicidade*, arrecadam impostos mais altos que os príncipes.

“Sob o nome de dons e oferendas, conseguem rendas certas e isentas de despesas.

“Sob o nome de *recolhimento* e *devoção*, vivem na ociosidade e na licença.

“Fizeram da *esmola* um virtude, afim de viverem tranquilamente do trabalho do próximo”<sup>5</sup>.

Através da ignorância, da tenacidade incultural da mulher, da teimosia feminina doentia e passional, através da sentimentalidade sensitiva do sexo emotivo e através da inocência curiosa da criança – o clero estende os seus tentáculos de Briaréu, por todos os rincões do mundo.

A escola falsifica a história, e, cautelosamente, oculta os crimes, o cinismo, a libertinagem, a cupidez e a voracidade do clero em violar a alma humana. A mulher, apaixonada, exaltada, emotiva, domesticada até o servilismo – é a intermediária entre o padre e a sociedade, entre a Igreja e a criança e a sua missão consiste em estar a serviço da ignorância, do crime da superstição, do fanatismo, da intolerância obstinada e irreduzível, e, por fim, presta-se a esmolar para encher os cofres fortes da Igreja toda poderosa, mascarada de pobreza e humildade.

Assim, para combater a ignorância e a mentira com que é educada a juventude em relação aos fatos históricos e à autenticidade dos crimes clericais, é preciso citar as palavras santas dos luminares da Igreja, fazer a religião “verdadeira” falar pela boca dos piedosos padres, enfrentar uns contra os outros quando defendem os seus próprios interesses ou da sua Congregação, a exemplo dos Agostinhos e Dominicanos...

Essa é a lógica única, capaz de levar a dúvida aos mal avisados ou aos ... mal educados no confessionário.

---

5 Idem

Empenhamo-nos em mostrar à juventude que ainda tem fibra e virilidade na alma – armas ferozes dos que, em todos os tempos, só quiseram uma coisa: dominar para tyrannizar, separar para reinar, para assalto à bolsa e à consciência, para o assalto à liberdade e à razão.

A Igreja é o Anti-Cristo do Apocalipse.

Vejamos, por parte, a documentação que a Igreja nos fornece por suas próprias mãos piedosas.

## OS NOVOS AUTOS DA FÉ

Vejamos, por exemplo, a razão pela qual Hitler acaba de queimar milhares de livros em toda Alemanha, num Auto de Fé do Estado moderno.

Nos Atos dos Apóstolos, Cap. XIX, vers. 11, 18, 19 e 20 nos inteiramos que:

11: Deus, pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias.

18: E muitos dos que criam, vinham, confessando e publicando os seus feitos.

19: Também muitos dos que seguiam *artes* curiosas trouxeram os seus livros, e os queimavam na presença de todos, e, feita a conta do seu preço, achavam que *montava* a cinquenta mil *peças* de prata.

20: Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia.

Isso foi em Éfeso ... A Igreja procurou seguir a lição. Teófilo, bispo de Antioquia, no século IV, destruindo o templo de Serápis, destruir também a biblioteca de Alexandria, com cerca de 800.000 volumes. (Fleury, *Historia Ecclesiastica*). A Igreja responsabilizou por isso a Omar, general de Mahomet. Não é verdade. Antes da invasão mulçumana, Orosio encontrára a biblioteca deserta de livros.

Um decreto do Papa Gelásio I, em 494, condena à fogueira muitíssimos livros considerados heréticos.

Gregório, o Grande, mandou queimar a biblioteca palatina em Roma.

No século XIII, os Cruzados tomam Constantinopla e queimam as bibliotecas.

A metafísica de Aristóteles, traduzida em latim, é queimada em Paris, na praça pública, por ordem de um concílio de bispos, que proíbem que se conserve dela algum exemplar ou qualquer tradução.

Em 1207, um Concílio provincial de Paris proibia que se lessem, tanto nas escolas como particularmente, os livros de Aristóteles sobre filosofia natural. Seis anos mais tarde, o legado da Santa Sé, ao dar Estatutos da Universidade de Paris, renovou aquela proibição, estendendo-a também à *Metafísica*.

Gregório IX suspende os livros de física de Aristóteles, enquanto não fossem purgados de todos os erros suspeitos. Apesar das muitas mutilações feitas, Urbano IV ordenou a S. Tomás de Aquino que os revisse e purgasse ainda outra vez, comentando-os.

Assim desfigurado o pensamento de Aristóteles, tornou-se este autor preferido da Igreja, na Idade Média. (Bossi.)

Um Concílio de Paris, em 1210, condenou ao fogo os livros de Aristóteles.

O cardeal de Cisneros, na Espanha, mandou queimar 100.000 manuscritos árabes. Outros 8.000 foram deitados ao fogo pelo inquisidor Ximenes, no século XVI.

Sabemos que a ciência dos árabes era cobiçada pelo ódio da Igreja, pelo seu zelo em cultivar a ignorância. Os árabes eram grandes médicos, matemáticos, astrônomos, alquimistas – o que constituía crime nefando aos olhos de lince dos luminares do Santo Ofício de imbecilizar o gênero humano.

Um monge chamado Lope, de Barientas, em 1434, lança ao fogo todos o livros do Marquês de Vilhena, sem mesmo se dar ao incomodo de os ler.

Ainda hoje, a nossa polícia da ordem social faz a mesma coisa ... as bibliotecas dos revolucionários. Ativismo ou piedade cristã... pela cultura da “santa ignorância?”

O Chanceler de Gregório VII, Pier Damiano, no século XI, declarava que todas as ciências do mundo eram *absurdas e tolices*.

Daí o horror aos livros, o horror à ciência. Alcyonius, no livro *Do Exílio*, diz que era tal o império que os padres exerciam sobre os imperadores bizantinos que estes, para lhes agradarem, mandaram queimar grande número de poetas gregos. A biblioteca *forum aerarium* foi condenada as chamas por Leão Isaurico. (E. Bossi - “*A Igreja e a Liberdade*”).

Torquemada, na Espanha, destruiu as Biblias escritas em hebreu e

queimou 6.000 volumes de literatura oriental em Salamanca sob o pretexto de que ensinava judaísmo.

Seria interminável.

Diante disso, não se pode hoje admirar de que os nazistas alemães, ardendo de zelo racial e de puritanismo moraliteista, ordenem os Autos da Fé do Estado moderno, queimando nas praças publicas, ao som de hinos nacionalistas e oratória patriótica, em todas as cidades da Alemanha, os livros dos pensadores, filósofos, dos pacifistas e cientistas como Einstein e Freud. Antes, Mussolini e o seu bando de fascistas queimaram as bibliotecas dos Sindicatos, das Bolsas de Trabalho, como o clero queimou na Espanha as edições de centenas de milhares de livros, editados por Ferrer para Escola Moderna.

A Igreja se regosija momento, em silêncio ...

O Cristianismo inaugurou a ofensiva através dos processos nacionalistas de Mussolini e Hitler. Vê com alegria os Autos da Fé retomarem o seu lugar privilegiado.

## A IGREJA É ESCRAVOCRATA

Já vimos que o Velho Testamento é muito novo ... porquanto o que resta do simbolismo de Moisés é significação esotérica. Moisés era hierofante. Iniciara-se nos mistérios egípcios e escreveu um tratado de ocultismo que foi reajustado pela Igreja aos seus fins de dominismo. A Igreja perdeu a chave do simbolismo de Moisés e aferrou-se à letra morta, ao cadáver do pensamento. A religião de Moisés era o culto dos astros. As doze tribos de Israel simbolizavam os doze signos do Zodíaco.

Mas não propomos neste momento a estudar o simbolismo esotérico do Velho Testamento, nem as Leis do clericalismo antigo.

Vejamos, antes, as origens do pendor do Clero para escravização dos seres humanos. O Velho Testamento é escravocrata e a Igreja ou o Cristianismo primitivo ilustrou o Velho Testamento ... É o círculo vicioso. Um serviu ao outro.

O *Eclisiasticos*, Cap. XXXIII, versículo 26, 27, 28 e 29, diz:

26: O escravo trabalha quando o castigam, doutra sorte não cuida senão de descansar; afrouxa-lhe tu as mãos e verás com ele busca a

liberdade.

27: O jugo e as correias fazem curvar o pescoço duro, e ao escravo dobram as tarefas contínuas.

28: Ao escravo malévolo, tortura a ferros; manda-o à tarefa, para que não seja ocioso.

29: Porque a ociosidade tem ensinado muita malícia.

E os padres tiravam o privilégio da esperteza e a patente da malícia mandando que cada qual coma o pão conquistado com o suor do próprio rosto, enquanto eles o comem à custa do suor de todas as frentes ...

Asseguravam aos povos que a ociosidade é um vício e para eles somente, uma virtude ...

Fizeram trabalhar aos outros para que lhes sobrasse mais tempo de ociosidade afim de encontrar sempre novos meios de enganar e explorar os povos e assegurar a si mesmos todo o tempo disponível para se entregar às licenças da carne, às libações dos servidores da *vinha do Senhor* ... à boa mesa e às sextas dadivosas ...

A ociosidade é a mãe de todos os vícios salvo aos padres, que são de essência divina. Nesse ponto conservaram as prerrogativas pagãs: aos deuses, tudo lhes era permitido ... Neles, tudo lhes ficava bem ...

Não tem outra origem com preconceito clerical contra a ociosidade.

M. Guizot já reconhecia a absoluta necessidade do pauperismo para manutenção da ordem: o trabalho contínuo para manter a subsistência assegura essa ordem ... e cultiva a ignorância, a santa ignorância aliada da Igreja.

“O trabalho, dizia Guizot, é garantia eficaz contra a disposição revolucionária das classes pobres. A necessidade incessante do trabalho é o lado admirável de nossa sociedade. O trabalho é um freio”.

Também no Novo Testamento, na Epístola de São Paulo aos Efésios, Cap. VI, vers. 5, 6, e 7, diz o apóstolo:

5: Servos, obededei a vossos senhores temporais com o temor e tremor, na sinceridade de vosso coração com a Cristo.

6: (b) Não os servindo ao olho, como por agradar a homens, senão como servos do Cristo, fazendo de coração, a vontade de Deus.

7: Servindo-os de boa vontade, como a Senhor e não como a homens.

Já se vê que o fundador do Cristianismo não tem palavra de reprovação

ou de protesto contra a escravização dos homens. Antes, ensinava a submissão, a obediência, a resignação e o servilismo.

Também na Epístola a Timóteo, Cap. VI, vers. 1, 2 e 3, diz São Paulo:

1: Todos os servos que estão debaixo do jugo, estimem a seus amos por digno de toda a honra, para que o nome do Senhor e sua doutrina não seja blasfemada.

2: E os que tem senhores fiéis, não os desprezem, porque são irmãos; antes o sirvam melhor, porque são fieis e amados (a) como participantes que são do benefício. Isto ensina tu e admoesta.

3: Se alguém ensina doutrina diferente desta e não abraça as sãs palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, e aquela doutrina que é conforme à piedade;

4: É um soberbo, que nada sabe, mas, antes, titubeia sobre questões e contendas de palavras: de donde se originam invejas, batalhas, blasfêmias, más suspeitas”.

É a condenação do livre exame. É a condenação da altivez e da independência. Todos sabem as condições dos servos submetidos ao guante do senhor implacável.

Não era apenas os escravos, as vítimas da piedade cristã. Em todos os tempos e por toda parte os trabalhadores da gleba foram sempre as maiores vítimas das organizações sociais. Escreve Vaccaro que “enquanto o escravo se transforma e servo da gleba, o antigo *patrão* desaparecia, para ser substituído por uma outra harpia, por um vampiro não menos cobiçoso do sangue dos vencidos: *o senhor*.”

“Todos os que se entregavam à agricultura, escravos ou colonos, eram olhados como se fizesse parte dos bens que eles próprios cultivavam, do mesmo modo que o gado pertence aos bens cultiváveis.” Acrescenta E. Bossi: “ “Os senhores podiam fazer tudo que quisessem, não só dos servos como também da população inteira, existente nas suas terras. Falando dos servos, com frase mui desumana e incisiva, diziam: Este homem pertence-me. Posso coze-lo e assá-lo.”

É essa a ética do fascismo: é o direito nacionalista ou racista dos senhores modernos, incrustados no Estado, divinizado pelas ditaduras dos tiranos de opereta, de mãos dadas com o clero, também hoje, cala-se diante de quaisquer despotismo, à espera da sua oportunidade ...

Os servos, muitas vezes, vendiam os próprios filhos – afim de satisfazerem os seus pagamentos aos senhores exigentes.

“Os senhores só nos fazem mal – diziam os servos no *Roman de Rou.* Não obtemos deles razão nem justiça; têm tudo, podem tudo, comem tudo e nos obrigam a viver pobremente e dolorosamente.”

Degeneraram-se de tal forma que, em 1689, La Bruyère os descrevia do seguinte modo:

“Vêm-se certos animais ferozes, machos e fêmeas, espalhados pelos campos, negros, lívidos, queimados pelo sol, curvados sobre a terra que lavram com assiduidade invencível. Tem um espécie de voz articulada e, quando se endireitam, mostram um rosto humano. De fato, são homens. À noite, retiram-se para os seus covis, e, ali, vivem de pão negro, de água e raízes.”

O rei, interrogando ao bispo de Chartres, em 1739, a respeito do povo, respondeu-lhe o prelado: “a fome e a mortalidade são tais que os homens comem ervas como se fossem carneiros e morrem como se fossem moscas.”

Numa carta de Fleury, em 1740, o bispo Massillon, de Clermond-Ferrand, escrevia: “O povo dos nossos campos vive numa espantosa miséria sem camas e sem móveis. Na maior parte do ano, metade talvez, falta-lhe o pão de cevada e de aveia, seu único alimento, porque é obrigado a arranca-lo da própria boca e da boca dos filhos para pagar impostos.”

Entretanto, diz-nos Thiers (*Historia da Revolução Francesa*), “a nobreza e o clero possuíam dois terços do território francês e o outro terço possuía-o o povo. Pois era o povo que pagava impostos ao rei, grande número de direitos feudais à nobreza e os dízimos ao clero, sendo ainda obrigado a tolerar as devastações dos caçadores nobres e da caça.”

Dizem-nos historiadores insuspeitos que – no condado de França, Alsacia e no Roussillon, o clero possuía metade das terras. Em Hainaut e Artois três quartas partes. Em Cambrai, 1.400 arados em cada 1.700. Velay quase inteiro pertencia ao bispo de Puy, ao abade de Chaise-Dieu, ao Capitulo Nobre de Brionde e aos senhores de Polignac. Os conegos de Saint-Claude, em Giura, eram proprietários de 12.000 servos de mão morta. O arcebispo de Cambrai, tinha a soberania de todos os feudos do país, que contava 75.000 habitantes. Em Hainaut, o abade de Saint-Armand

possuía sete hectares de território de prevostado e recebia um oitavo daqueles de que não tinha as rendas senhoriais e as décimas ou dízimos.

Enquanto isso, o povo trabalhador morria de fome e de peste.

Depois, à medida que desaparecia a servidão, graças às Comunas italianas, o clero perseverava em conservar os seus servos e os servos da Igreja e das associações religiosas.

Os bispos e demais clérigos possuíam muitos servos e tiravam proveito do *jus primae noctis* ... (Zamboni – *Roma e Servidão, 1880*).

É essa servidão que o apóstolo São Paulo aprovava já nas suas epístolas. Como fundador do Cristianismo – responsável pelas torturas a que foram submetidos os servos da gleba, na leviandade com que os exortou à servidão e ao amor aos senhores avarentos e vorazes – nobreza e clero.

Como a Igreja é sempre a mesma, eterna e intangível, a essas condições de miséria e servilismo o clero quer chegar de novo – para maior gloria de Deus ...

Diante de tais fatos, não podemos admirar da tendência escravocrata da Igreja, cuja hierarquia de castas e posição social estabelece privilégios odiosos – para maior gloria do Clero.

Diante disso não nos podemos espantar do que nos conta Fernando Garrido na sua *História das Classes Trabalhadoras*, citando o trecho de uma carta cujo original existe, onde um colono francês de S. Domingos, nas Antilhas, pedia a um seu vizinho espanhol, mandasse-lhe um quarto de índio para *desayunar* (quebrar jejum) de seus cães. Ambos eram cristãos ...

Também a obra de Elisée Reclus (*O Homem e a Terra*) na tradução espanhola de A. Lorenzo, traz uma gravura representando um circo onde os conquistadores espanhóis do Peru tinham presas as suas matilhas de cães, os quais eram alimentados com carne de índios.

Eram católicos esses conquistadores espanhóis. A fonte de inspiração dessa ferocidade cristã está nos Livros Sagrados ... a Igreja tem sido coerente nas suas ações, embora às vezes a palavra se afaste dos objetivos visados ... Ainda é coerente: *os fins justificam os meios* ... E os cristãos são dignos das suas doutrinas e atitudes canibais. Eles o provam pelos seus atos e o verificam por si mesmos: O conego francês Pierre Charrón, em 1601, escrevia:

“É extraordinário que a religião cristã, sendo a única verdadeira, esteja dividida e subdividida em tantos partidos e seitas, quando tal fenômeno não se observa nas outras, que nós consideramos falsas. E, se repararmos, nos terríveis efeitos de tais divisões, ficaremos horrorizados ... Porque, entre os cristãos, só vemos perfídias, traições, ódios, encarniçando-se contra os vivos, os mortos, a vida, a honra e as cinzas ...”

Todos os santos padres da Igreja foram escravocratas. Saint-Hilaire de Poitiers, São Basílio, Santo Isidoro, São Crisostomo, São Bernardo ... seria ocioso enumerar. Santo Agostinho via a escravidão uma punição justa do pecado. São Tomás de Aquino, mais tarde, diz que a natureza designou certos homens para serem escravos. Bossuet acha que a escravidão é um direito de conquista guerreira. E os últimos servos foram os dos mosteiros e conventos! Foi a Igreja a última entidade que libertou os escravos ou os servos!

Porque não pode conserva-los por mais tempo.

## CONSTANTINO E CLOVIS

Quando os primeiros cristãos se perdiam em discussões ridículas, no século IV, e os conflitos apaixonados dividiam o clero, Constantino, que não era cristão, mas imperador, resolveu apaziguar os ânimos e servir-se dessa força nascente para aumentar o seu poderio.

Censurou Arius, apelou para a moderação de uns e outros e convocou o primeiro Concílio *ecumênico* em 325.

Constantino era maquiavélico, sanguinário e sem escrúpulos. Político hábil, ordenou que os padres fossem transportados gratuitamente a Niceia, para o Concílio. Lá compareceram 2048 bispos - “... gente a tal ponto simples, ignorante e grosseira, mas inflada de orgulho de se ver protegida pelo Imperador – no momento em que as perseguições dioclecianas ainda estavam presentes na memória de todos.” ( *Encyclopédie Anarchiste* – Lorulot.)

O Imperador tratava de por a religião a serviço dos seus interesses. Exclusivamente calculo político. E a prova é que Constantino só se decidiu a receber o batismo no leito de morte, se o recebeu ...

Mas, foi devido aos seus cálculos políticos que os primeiros cristãos se

fortaleceram. E foi então, fundada verdadeiramente a Igreja cristã, tirada do nada, pois o Cristianismo apenas começava a discutir as hipóteses ou as teses que mais tarde deram lugar aos dogmas. Estava dividido pelas dissensões, antes mesmo de ter forças básicas nas quais se apoiar para dominar.

Foi depois de Constantino que a Igreja começou a se impor. Continuaram, entretanto, as lutas pelo poder.

“Bem entendido, é o povo, a massa dos produtores e oprimidos que sempre fez as despesas dessas competições entre bispos, papas, reis e imperadores. Os pastores se disputavam a lã, mas o rebanho era sempre tosquiado”. (*Encyclopédie Anarchiste* – A. Lorulot – Paris.)

Desde o século IV o Cristianismo “deu o exemplo da ferocidade doutrinária a qual o mundo bárbaro não estava habituado”. (Idem). Inaugurou o seu poderio pelo terror. É a maneira de vencer pela força. Foi impiedoso para os inimigos. O próprio Constantino, para agradar aos Católicos, editou a pena de morte contra todos aqueles que possuíam escritos do heresiarca Arius. Mas, finalmente, por cálculo político, reconciliou-se com Arius.

Foi Teodosio, sucessor de Constantino que sufocou o Arianismo e de mais forças à Igreja.

Acompanhando o Imperador, os nobres e os ricos de Roma deram o seu apoio ao Cristianismo – vendo que os seus privilégios não eram ameaçados pela nova religião, pelo contrário, sentindo que Igreja era um pilar mais sólido para defende-los.

Quando o Império Romano desmoronou-se, a Igreja era a única instituição social, a única força organizada verdadeiramente e que pode resistir ao vendaval. O papa herdou o prestígio dos Cesares. A Igreja lucrou portanto. E no século V elevou-se ao apogeu do poder e da sua tirania. O papado se impôs à Igreja justamente porque se colocou no lugar dos Cesares destronados, aproveitando-se do seu prestígio e da obediência habitual do povo romano aos seus imperadores.

Faltando estes, o papa arrogou-se o poder dos Cesares. E a Igreja centralizou para sempre o seu espírito organizador e a sua diretriz.

Assim como em Roma a Igreja se apoiou num Imperador astuto e sagaz, na Gália apoiou-se nos bárbaros. A Igreja se serve dos meios que se

lhe apresentam. Clotilde era dirigida por Remi, bispo de Reims. A Igreja utilizou-se da mulher para a conversão de Clóvis. Sanguinário e cruel como Constantino, Clóvis pagava à Igreja somas fabulosas e donativos principescos – para obter absolvição para os seus crimes bárbaros.

Constantino deu poder à Igreja. Clóvis lhe legou uma fortuna imensa e domínios fabulosos.

“Para ser um bom católico é preciso ser rico. Se um bandido qualquer consegue obter muito ouro pelo roubo, pelo crime e reparte o produto de seus crimes com os representantes de Deus na terra, ganha o paraíso e pode tornar-se santo. A história está cheia de monstros de face humana que a Igreja sagrou porque eram muito ricos e muito poderosos. A história está cheia de nobres figuras humanas que a Igreja queimou ou torturou – porque eram humildes e pobres.

Se Al Capone e Lampião quiserem, os tesoureiros de Deus na terra lhes venderão um entrada no Céu para fazerem parte da corte celestial de Deus, Nosso Senhor ... E eles não envergonhariam a Santa Assembleia, ao lado de Hitler e Mussolini.

A Igreja canonizou bandidos ao pé dos quais a glória de Al Capone ou de Lampião empalideceria.” (*Néblind.*)

A Igreja deve a dois bandidos poderosos o seu dominismo político, social e econômico.

O luxo do clero, então tornou-se escandaloso. E as orgias, notáveis. Fundam-se os conventos e mosteiros. E daí se foi estendendo. Adaptou-se aos bárbaros costumes germânicos. Adaptou-se sempre e há de adaptar-se a todos os povos e a todos os costumes, pelos séculos dos séculos, enquanto houver terra.

Tronos, reis e príncipes, daí em diante, todos se apoiaram na Igreja para manter o seu poder e obrigar os povos à sujeição. César e Pedro fizeram a aliança eterna. Enquanto estiver de pé o Estado burgues – a Igreja ficará de pé – seja ele monarquia ou república, império ou democracia, ditadura fascista ou nazista.

A partir do século V a Igreja sentiu que podia dominar o mundo inteiro, mediu suas forças e proclamou-se a dona do universo.

Carlos Magno, Luiz XIV, todos os grandes da terra curvaram-se nessa aliança infame e voraz, para dominar e torturar.

Trono e altar – os dois poderes – o poder temporal e o espiritual – o primeiro sob o controle do segundo ... É São Bernardo quem pontifica a doutrina dos dois poderes, os dois gládios ... as duas espadas ... de modo que as massas não tem para aonde fugir. É o governo absoluto do corpo e da alma, o supremo domínio de todos os seres humanos.

O Estado, sob o controle da Igreja e a Igreja absolutamente livre, privilegiada, porque é de origem divina ...

Chegando a tal ponto, a Igreja declarava não derramar sangue: enviava os heréticos ao poder temporal para serem torturados. Matava a veneno e a fogo ... Queimados na fogueira, não derramavam sangue ... Os reis era obrigados pela Igreja a jurarem solenemente exterminar os heréticos. E a Igreja aplaudia sempre.

No dia seguinte ao do massacre de S. Bartolomeu, o Papa fez tocar todos os sinos de Roma e enviou felicitações a Carlos IX, com uma medalha comemorativa.

Não há na história da humanidade despotismo algum comparável à epilepsia inquisitorial da Igreja Romana. O extermínio dos Albigenses durou 20 anos. E com que fúria a Igreja os perseguiu!

As *Cruzadas* constituem outra página negra e sangrenta da história do Papado.

Em 1215 o Concílio de Latrão lança as bases da Inquisição, para quebrar a heresia pela espionagem e delação. Fortificou-se o Santo Ofício com a confissão auricular instituída pelo Concílio de Latrão.

Imaginemos apenas, para uma pálida ideia do que foi e será a Inquisição se a Igreja conseguir levantar-se de novo como senhora do mundo, que, só na Espanha, Torquemada (1420-1498) e os seus colaboradores queimaram, no espaço de 18 anos, 10.220 pessoas vivas, 6.800 em efígie e aplicaram penas e torturas a 97.321 criaturas humanas!

Mas, a avides da Igreja, a ambição e o luxo dos cardeais e bispos, as vendas de privilégios, as competições e indulgências, a compra de votos na disputa da tiara, tantas discórdias e tanta cupidez diminuía o seu prestígio e aumentava as suas lutas intestinas.

Um papa em Roma e outro em Avignon se disputam o poder espiritual. Depois, três papas a Igreja teve ao mesmo tempo.

“Mas, a Igreja não era por isso menos feroz, porquanto nesse momento

precisamente foi condenado à morte o grande pensador tcheco Jean Huss, pelo Concílio de Constança (1417), onde havia sido tratado traiçoeiramente: (prometeram salvar-lhe a vida se ele viesse explicar-se ... e o enviaram à fogueira. Aí está a alma da Igreja!) Depois da morte de Jean Huss, longas guerras religiosas arrebentam na Boemia, preparando o terreno ao espírito de revolta, que mais tarde há de produzir a reforma e o protestantismo” (*Encyclopédie Anarchiste* – Lorulot.)

É também em 1431 que a Igreja e o Rei da Inglaterra mandam queimar Joana D'Arc. A Igreja, para satisfazer ao Rei. “Sempre a soldo dos poderosos, a Igreja se associa de boa vontade a todos os crimes. Mais tarde, os ingleses, sendo vencidos, e o rei de França (Carlos VII) não querendo ser considerados como cúmplice de uma feiticeira, a Igreja concorda em a reabilitar. Depois, canonizou-a, e se serve da sua desgraçada vítima para explorar a credulidade patriótica e encher seus cofres.” (Lorulot.)

Em poucas palavras aí está a história de Joana D'Arc! ... Isso é a Igreja Romana!

Vem a Renascença.

“Os papas procuram ainda impor-se aos reis. O papa Julio II (1510) emite a pretensão de dar o reino da França ao rei da Inglaterra. É derrotado no seu intento. De ora em diante, mais avisados, os papas renunciaram a esses métodos brutais; contentar-se-ão em governar os reis da maneira oculta e dissimulada.” (Lorulot)

Vem a Reforma (1517). E os vícios da Igreja, as vergonhas do clero, crimes, roubos, dissidências, tudo vem à luz do dia nas contendas entre as suas ovelhas.

O Concílio de Trento – de 1545 a 1563 – reafirmou a autoridade da Santa Sé e pôs nas mãos do clero italiano o Papado e a Igreja Romana.

O Concílio de Trento proíbe severamente a heresia e as obras dos heréticos. Esse catecismo é o que prevalece até hoje no mundo católico.

Em 1600 é queimado Giordano Bruno (Roma). Em 1633 é preso e condenado Galileu.

Vale a pena conhecer os termos dessa condenação, esse “monumento de tolice e iniquidade”:

“Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo! Nós todos reunidos neste lugar sob inspiração do Espírito Santo, esclarecidos pelas luzes do

soberano pontífice, decidimos que nenhum fiel deve crer nem sustentar que o Sol é colocado imóvel no centro do mundo; decidimos que essa opinião falsa é absurda em teologia tanto como herética, porque é expressamente contrária às palavras da Escritura e implicaria uma acusação de ignorância para com Deus, a fonte de toda ciência e o revelador dos livros santos. Proibimos igualmente ensinar que a terra não está colocada no centro do Universo, que ela não é imóvel e que tem um movimento diário de rotação, porque essa segunda proposição é, pelos mesmos motivos, falsa, absurda, mesmo em filosofia tanto quanto errônea em matéria de fé.”

Que dirão hoje dessa condenação os professores católicos e os jesuítas que se dedicam a estudos de astronomia?

Durante cinquenta anos a igreja vigiou, perseguiu, martirizou Galileu, submeteu-o a interrogatórios humilhantes, obrigou-o a penitência veatórias, matou-o moralmente – porque o astrônomo descobriu que a terra se move em redor do Sol!

Quando, em princípios do século XVI, as lutas da igreja quase a aniquilam, surge Inácio de Loyola que a levanta de novo, fundando a Companhia de Jesus, graças à sua vaidade, de mundano, tendo saído ferido de um combate, no qual perdeu a elegância cavalheiresca de militar e nobre.

E foi sua mãe a autora dessa conversão, substituindo as suas leituras de cavalaria pelos livros piedosos da vida dos santos ...

“Graças aos jesuítas, a dissolução da Igreja foi paralisada; a luta contra os protestantes foi organizada mais eficazmente; as disciplinas interiores do clero se reapertaram. A mentalidade dos padres não foi melhorada, longe disso, mas, tornaram-se mais prudentes, mais dissimulados. Não se assistiu mais aos excessos desbordante de um Alexandre VI (Bórgia) esse papa lubrico, envenenador e assassino, de seus acólitos e de seus sucessores.

Não se viu mais um Leão X criar de uma só vez 36 cardeais, para encher os cofres que estavam vazios. As formas foram mais respeitadas e salvaguardaram-se as aparências.” (*Enciclopédie Anarchiste* – Lorulot).

André Lorulot propõe, em períodos, a seguinte classificação da história da Igreja;

“1.º O período heroico, ignorante e miserável; o dogma não está ainda definido e a clericalha não existe.

2.º O período de adaptação, depois de Constantino. O dogma é violentamente discutido entre bispos que buscam os favores do poder.

3.º Período do desabrochar. O Império ruiu. A Igreja manobra através dos séculos bárbaros; submete os príncipes acumula riquezas. Desenha-se o poder dos papas, muito limitado ainda pelos Concílios.

4.º O período do triunfo. Os Papas embriagam-se de poder, procuram derrubar os reis e dominar o mundo inteiro. Afogam em sangue e heresias.

5.º O período do gozo. A Igreja está em cio. Os festins e as orgias sucedem-se aos suplícios de livres-pensadores e heréticos.

6.º O período do jesuitismo. Instruídos pela experiência, os chefes da Igreja aprenderam a bordejar e a mentir, a ocultar as suas taras, a ferir na sombra, a agir de maneira subterrânea para dividir e dominar os povos sem se comprometer.

Esse período dura ainda hoje ...”

Mas, dos jesuítas trataremos especialmente em outro trabalho. Os seus métodos merecem mais luxo de detalhe ...

Eu acrescentaria ainda um 7.º período à classificação de Lorulot:

7.º O período do fascismo e do racismo. No desespero de causa perdida, porque o século da consciência livre não mais aceita os dogmas, a Igreja, indiretamente, servindo-se dos modernos nacionalismos imperialistas, e aproveitando-se dos desvarios e da degenerescência provocada pela última guerra, subvenciona, por intermédio do capitalismo, seu aliado de todos os tempos – polpudas somas aos aventureiros ousados – para fazer renascer os Autos da Fé e a Santa Inquisição – através do *braço secular* do Estado burguês cristianíssimo, em plena decomposição.

Entramos agora neste período.

Até aonde irá o cinismo da Igreja Romana e até aonde irá a covardia do mundo burguês cristianizado até a médula pela educação clerical?

\*\*

Quando as massas não mais aguentaram a pressão, estalou a Revolução francesa.

E a fortuna do clero, em 1789, era tal que dispunha de uma renda anual igual aos dois quintos do orçamento do Estado na França. Os seus

domínios valiam 3 mil milhões e davam de renda de 80 a 90 milhões. Os dizimos produziam outro tanto. Com os donativos de toda sorte, podiam ser calculadas em 5.200 milhões de libras as rendas do clero. (Desdevizes du Désert – *l'Eglise et l'Etat em France.*)

Nosso orçamento sendo, em 1925, de 30 mil milhões, o clero percebia pois, por ano, doze mil milhões, se não tivéssemos feito a Revolução, diz o Dr. Mariavé.

O alto clero explorava o clero. Daí que muitos padres foram também revolucionários ...

“Enquanto o alto clero assegurava para si todos os empregos vantajosos e as abadias rivalizavam-se com os condados, pelo número de seus escravos – havia algumas, dizem, que possuíam 20.000 servos – os monges mendigos invadiam a sociedade por toda parte, ajuntando ainda uma porção do pouco que restava aos pobres” (Draper.)

E isso vinha de longe: “As contribuições que iam ao papa e ao clero forma muitas vezes o dobro e o triplo das que iam aos príncipes. Assim, quando Inocêncio IV (1243-1254) pediu que 300 padres italianos a mais fossem dotados pela Igreja da Inglaterra e que uma cadeira (stalle) fosse dada ao seu sobrinho – uma criança – na catedral de Lincoln, calculou-se que as somas já pagas pela Inglaterra ao clero italiano, ultrapassassem três vezes as que se pagavam ao rei.” (Draper, pag. 193, edição francesa de 1877 de *“Les Conflits de la Science e de la Religion”*, cap. X.)

E, em 1789, quando Pio VI (1775-1799) viu que a Revolução Francesa punha as mãos nos imensos domínios da Igreja, e promulgava a Constituição Civil do Clero, armou a contra-revolução, a insurreição católica da Bretanha, da Vândea e outros trinta departamentos.

A Revolução Francesa, a princípio procurou apenas restringir os apetites vorazes e dominadores do alto clero. Diante da atitude da Igreja que, não queria perder as suas rendas privilegiadas, a Convenção tomou decisões mais radicais.

Daí vem o ódio da Igreja à Revolução Francesa e o ódio da Itália à França.

Depois, vem Napoleão Bonaparte, anti-papista, fazendo a Concordata com o Papa. Odiavam-se. Napoleão prende o Papa. Napoleão serve-se da Igreja para firmar-se no poder. O Papa vem sagrar Napoleão. Um serviu-se

do outro. O mesmo gesto repetido hoje por Mussolini, essa Concordata na qual o Papa e o Ditador – cada qual espera a queda do outro para guardar para si os dois poderes. Napoleão perdeu a partida. A Igreja venceu uma vez mais. Sempre de pé!

Entre o fascismo e a Santa Sé – quem vencerá? A Igreja benzeu as armas da Republica Francesa do mesmo modo que as de Luís XIV e do mesmo modo que sagrou a Napoleão ... Com o mesmo cinismo.

Passou incólume por todas as tempestades e todas as revoluções.

Depois da Revolução Francesa os governos, os tronos, os príncipes, as republicas, todos se apoiaram na Igreja com receio de novas revoluções. Ela achou meios de reforçar seu prestígio.

Vem Garibaldi, vem Mazzini, mas depois, vem Mussolini para consolidar a reação anterior.

Em 1870 foi promulgado o dogma da infalibilidade dos papas. A Igreja não se deixa prender por nenhuma razão e, no meio das maiores calamidades, quando a gente pensa que ela vai desmoronar, surge um ato seu mais atrevido, tal o seu cinismo e a sua petulância agressiva na vontade de poder.

E por toda parte cria associações religiosas, inaugura colégio e missões e aumenta o número das ovelhas do rebanho do Senhor ...

E é a mesma na vontade de dominismo e na ferocidade sádica. Em 1925, os cardeais franceses publicaram virulento manifesto contra as ideias laicas. Esse manifesto merece ser considerado como prolongamento das celebre encíclicas lançadas pelo papa Gregório XVI no século passado; seu espírito é idêntico ao do *Syllabus*, publicado em 1864, por Pio IX. A Igreja mantém, pois, todas suas pretensões. (Lorulot.)

M Houtin enumerava recentemente a armada católica segundo *‘L’Annuaire pontifical* para 1924. Essa armada compreende 1.024 bispos latinos, 87 bispos orientais, (dependendo de Roma), 18.304 jesuítas, 17.000 irmãos menores, 9.650 capuchinhos, 7.038 beneditinos, etc. Etc.; padres e vigários por centenas de milhares, congregações sem conta e missionários em todos os países do mundo. De todas as Igrejas atualmente existentes, a Igreja Romana é, sem contestação e, muitas vezes, a mais solidamente organizada, a mais rica e a mais temível. (Lorulot.)

E as Congregações religiosas das mulheres? E as religiosas mundanas

como dominicanas, franciscanas e tantas outras? E as Filhas de Maria? É um exército que cresce permanentemente, perigoso pelo número, pela exaltação de cada unidade, pela hierarquia e poder centralizado, e pela coesão dos seus processos de catequese e resistência a tudo quanto não pertencer à Igreja e aos compromissos com o Clero.

Demais, além desse exército de voluntários, há o exército de políticos que se prostram servilmente aos pés da Igreja moderna, como Mussolini que encarna ao mesmo tempo o espírito político, aventureiro, cruel e dominador de Constantino e Clovis, dá ao papa e à Santa Sé o seu antigo prestígio, o poder temporal, e aumenta-lhe os domínios e as riquezas – contanto que o Papa lhe auxilie a embrutecer as gerações novas – num delírio de força e imperialismo – para conservar-se no domínio e representar a farsa e o aplomb de um novo Cesar mais caricato.

Não nos iludamos. As pretensões da Igreja são as mesmas. E estamos diante de um dilema histórico num período cíclico da evolução humana.

Ou não nos submetemos de modo algum ao jugo poderoso e perverso da Igreja, ou a Igreja sufocará todos os sonhos de liberdade e fraternismo nas torturas e fogueiras da Santa Inquisição que ela tenta de novo acender nas praças publicas – para maior glória do Deus sanguinário dos Autos da Fé.

## AS ORIGENS DA INTOLERÂNCIA CRISTÃ

Vejam, com a própria história da Igreja, como o Cristianismo bate o *record* da tirania, das torturas, do despotismo, levando a palma a todas as organizações sociais de todos os séculos e de todos os povos.

É “a mais pesada instituição despótica que a humanidade jamais suportou”.

E Cristo nunca pregou a fundação de uma nova Igreja: era precisamente a negação de qualquer Igreja.

Foi Paulo de Tarso o fundador do Cristianismo ... sem Cristo, ou melhor: anti-cristão.

O mundo pagão não conhecia a intolerância religiosa. “Em vão procuramos, diz Renan, em toda a legislação romana, antes de Constantino, uma só passagem contra a liberdade de pensamento. A história do governo

imperial não fornece o exemplo de uma só perseguição por terem professado uma doutrina abstrata”.

A lei romana era tolerante. Todas as religiões e todas as filosofias era professadas e discutidas em Roma.

O Pantheon de Roma tinha altares para todos os deuses e respeitava todas as seitas de todo Império. Roma permitia, com “ desdenhosa tolerância” que fossem adorados os deuses dos povos vencidos.

Foi o primeiro imperador cristão, foi Constantino quem introduziu o costume de se queimarem vivos os criminosos. Depois, tal pena foi abolida para os assassinos e ficou em vigor apenas para os heréticos. Tal perversidade o paganismo desconhece. E foi a Igreja que a introduziu no Código Romano, pelo imperador que deu mão forte ao Cristianismo.

Muito antes de Constantino, a Igreja, que não tinha poder para torturar ou matar os heréticos, excomungava-os ou os ameaçava com as penas do inferno.

Quando alcançou o poder, as penas eternas e as ameaças transformaram-se em torturas do corpo, em dolorosa realidade para todos os que ameaçavam, com a independência de pensar, o exclusivismo dominista dos detentores das verdades eternas ...

“A metafísica, no mundo antigo, era simplesmente de opiniões. Mas, o Cristianismo helenizado fez da metafísica um dogma indiscutível. Daqui nasceu a consequência da intolerância doutrinária, porque a fé no dogma transformava as condições da salvação, e, assim, todos os partidos pretendiam estar de posse da verdade absoluta, julgando-se no direito e no dever de combater, não só com a razão, mas também com a violência, os erros dos outros. O espetáculo das discórdias teológicas era tão escandaloso, que Ammiano Marcelino não hesitava em afirmar que “os cristãos se laceravam uns aos outros com selvajaria de feras”. - (Gaetano Negri.)

O primeiros atos de intolerância foram praticados pelos próprios cristãos. Durante a noite, saíam das catacumbas a destruir altares dos pagãos, as estatuas dos “falsos deuses”. Roma tolerava todos os cultos. E, se Roma perseguiu cristãos, é porque estes provocaram os primeiros tumultos – destruindo as efígies dos deuses romanos.

E quando o povo romano também em tumulto e protesto fazia chegar a

Tibério o clamor da solicitação para perseguir os cristão que insultavam aos deuses, o Imperador respondeu:

–“Não. Deixe que os Deuses defendam, eles próprios, a sua honra”. Esse pensamento de tolerância redime a Tibério.

A princípio, as perseguições aos cristãos não se referiam às suas doutrinas, e sim, eram motivos políticos: constituíam eles uma “seita secreta, hostil aos outros cultos e perigosa para segurança da ordem e do Estado”.

“Os Cristãos, a despeito dessas perseguições, puderam resistir e desenvolver sua Igreja, enquanto os Valdezes, os Albigenses e muitos outros desapareceram totalmente diante da repressão sabiamente organizada pelo Cristianismo. Mais tarde, o protestantismo foi sufocado completamente na Espanha e na Itália, pelos mesmos métodos barbaros do catolicismo.

Os cristãos multiplicavam os números das suas vítimas, sem documentação histórica. Não foram perseguidos de maneira tão odiosa, como conta a sua história.

Mas, muito antes do humorismo de Aporely, descobriram que quem não chora, não mama ... e, enquanto queimavam os outros, punham a boca no mundo dizendo que eram perseguidos e preparavam já a canonização dos seus martires ... Processos integralistas ...

Desde o princípio, tiveram a lábia de gritar aos quatro ventos o martirologio das vítimas cristãs do paganismo. O Cristianismo primitivo era composto da plebe. A plebe é que foi sempre perseguida ...

“Uma perseguição absoluta pode matar uma ideia e a afogar em sangue. Meia perseguição favorece-a ao contrário, exalta-a e a estimula. Foi o caso do Cristianismo. Os Imperadores, ameaçados pelos Bárbaros de fora, não tinham tempo de o combater assiduamente”.

O Cristianismo, porém, não dormiu nunca sobre os louros colhidos da sua soberania fanática. Desde o princípio mostrou-se astuto: os cristãos escapavam-se das perseguições, valendo-se de certas leis liberais sobre associações funerárias (Dalaisi) e puderam possuir bens legalmente, receber donativos e ir acumulando riquezas. Demais, nos períodos tumultuários de perseguições – que eram dirigidas mais contra a plebe do que contra os religiosos – os cristãos abjuravam. Quando cessavam as

perseguições, voltavam a ser cristãos.

A história de S. Pedro, negando a Cristo três vezes, antes do cantar do galo ... serviu de exemplo aos cristãos. Era a tática, é a técnica da defesa – para vencer todo os obstáculos, sair incólume de todas as convulsões sociais, saltar por cima de todas as revoluções, assaltar, roubar, matar, e fazer reinar soberana a máxima jesuítica: *os fins justificam os meios* ...

E as suas doutrinas são elásticas. Assim, segundo a teologia, a Igreja compreende não só o clero, mas todos os adeptos, todos os crentes, todos os fiéis, o universo inteiro.

Se passarmos os olhos pelos Livros Sagrados, encontramos ali as leis do ódio e do despotismo que constituem o Código da Igreja Romana e as origens do “direito divino” que assiste ao Cristianismo de dominar todo o orbe e massacrar os heréticos, ou todos aqueles que não se querem submeter à tirania absoluta da Santa Sé. Isso foi ontem, é hoje, será amanhã - se o pensamento livre não se opuser à desenvoltura sistemática dessa organização satânica e miserável que tripudia por sobre a consciência humana, e como um vampiro vive de sugar as energias dos trabalhadores.

Vejamos o que diz Moisés, por exemplo, no *Deuterónimo*, Cap. XIII, vers. 2 e 3:

2: Destruí todos os lugares e que as nações, que haveis de subjugar, adorarem os seus deuses sobre os altos montes e outeiros, (a) e debaixo de toda árvore frondosa.

3: Derrubai os seus altares e quebrai as suas estátuas, ponde fogo aos seus bosques e fazei em pedaços os seus ídolos: extingui os seus nomes daqueles lugares”.

A Igreja Católica cumpre rigorosamente essa intransigência absoluta para com todas as outras religiões: somente na Igreja está a salvação, o caminho e a vida.

A Igreja não tem poupado esforços para aniquilar as outras religiões, a ferros e a fogo.

No Cap. XIII, contra os falsos profetas, diz Moisés, nos versículos seguintes:

6: Se teu irmão (e) filho de tua mãe, ou teu filho e filha ou tua mulher, a quem trazes no teu seio, ou o amigo a quem amas como à tua alma, te quiser persuadir, dizendo-te em segredo: vamos e sirvamos a deuses

estranhos, que tú desconhece, e teus pais desconheceram,

7: não estejas pelo que ele te diz, nem o ouças, nem o teu olho lhe perdoe de modo que tenhas compaixão e o encubras,

8: mas, logo o matarás: seja a tua mãe a primeira sobre ele, e depois, todo o povo lhe ponha as mãos.

9: Morrerá coberto de pedras: porque quis apartar-se do Senhor teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da cada da servidão.

12: Se ouvires que em alguma das suas cidades, que o Senhor teu Deus te há de dar para habitação, há alguns que dizem:

13: (f) Filhos de Belial saíram do meio de ti, e perverteram os habitantes da sua cidade, e disseram: Vamos e sirvamos aos deuses estranhos que vos são desconhecidos;

15: (g) imediatamente farás passar à espada os habitantes daquela cidade e destruí-la-as (h) com tudo o que nela há, até os gados.

16: Ajuntarás também no meio das suas ruas todos os moveis que nela acharem, e queima-los-ás juntamente com a cidade, de maneira que consumas tudo em honra do Senhor teu Deus e fique sendo um montão eterno de ruínas: não se tornará a reedificar”.

Aqui estão as origens das guerras científicas da técnica moderna.

Sou contra o antissemitismo, mas, se o sionistas, e se a massa fanática dos judeus tivesse o poder nas mãos – de que seria capaz se pusessem em prática as leis do seu livro sagrado?

No Levítico, Cap. XXVI – dos bens com que o Senhor encherá o seu povo se lhe for fiel, e dos males com que o afligirá, se for infiel – depois de ameaçar o seu povo com todas as calamidades mais cruéis, diz:

27: Se até depois disso ainda me não ouvirdes, mas teimardes em andar contra mim,

28: também eu andarei contra vós. Eu oporei o meu furor ao vosso e vos castigarei com sete novas pragas por causa dos vossos pecados,

29: até o ponto de voz reduzir a comer a carne de vossos filhos e de vossas filhas.

Seguem-se as ameaças de extermínio:

36: Quanto aos que dentre vós restarem, eu ferirei os seus corações de pavor no meio de seus inimigos; o ruído de uma folha que voa, os fará tremer; eles fugirão como se vissem uma espada e cairão sem ninguém os

perseguir.

Em Genesis, Cap. XIX, vers. 24 e 25, o Jehovah terrível também se vingava:

24: (c) Fez o Senhor pois cair (d) sobre Sodoma e Gomorra uma chuva de enxofre e de fogo (e) e que o Senhor fez descer do céu.

25: E ele destruiu essas cidades e todo o país em roda; todos os que habitavam e tudo o que tinha alguma verdura sobre a terra.

É a vingança feroz, multiplicada sempre sete vezes sete.

A nós, simples mortais, repugna tal ferocidade. Somos bem mais nobres do que Jehovah ...

No Exodo, Cap. XXI, vers. 23, 24, é a pena de talião: vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferida por ferida, nodoa negra por nodoa negra.

No Cap. XXIII, vers. 27, diz o senhor:

27: Eu farei ir adiante de ti o terror do meu nome: exterminareis todo o povo, em cujas terras entrares e farei fugir da tua vista todos os teus inimigos.

No Cap. XXXI, vers. 14:

14: Aquele que violar o sábado, será castigado com a morte. Se algum trabalhar nesse dia, perecerá do meio do seu povo.

No Levítico, Cap. X, vers. 1:

1: Então Nadab e Abiu, filhos de Aarão, lançando mão dos seus turíbulo, puseram neles fogo e por cima o incenso, oferecendo diante do Senhor (a) um fogo, (b) coisa que lhe não tinha sido mandada,

2: Ao mesmo tempo um fogo vindo do Senhor os devorou e eles morreram diante do Senhor.

Essa passagem tem sentido esotérico, mas, tomada ao pé da letra, vemos que Jehovah é terrível e simplesmente porque dois fiéis lhe ofereceram incenso sem que lhes fosse ordenado, fulminou-os para admoestar aos outros que exigia mais zelo nas homenagens que se lhe oferecessem.

No Cap. XIII, em relação aos leprosos, é simplesmente abominável.

No Cap. XX vemos a raiz dos costumes bárbaros de hoje, em que cada homem se julga senhor e possuidor absoluto da sua mulher ou da sua companheira, punindo-a de morte para *lavar a honra* no sangue da vítima –

como se a honra, um ídolo, uma coisa abstrata e subjetiva, fosse encastoadada, a do homem e a do nome de família, numa parte do corpo da mulher. Isso é ridículo e bárbaro. Pois bem, vivemos dentro desses costumes ainda hoje, mas, são as lições de Jehovah terrível do Cristianismo.

10: Se alguém abusar da mulher do outro, e cometer adultério com a mulher do seu próximo, sejam ambos punidos de morte, o adúltero e a adúltera.

Mas, os costumes modificaram-se um pouco mais requintadamente. Os homens que apedrejavam os criminosos de adultério, julgaram por bem culpar apenas a mulher. A repetição do costume tornou-se lei moral.

O versículo 14 também é edificante:

14: Aquele que, depois de se ter desposado com a filha, se desposar com a mãe, cometeu um crime enorme: ele será queimado vivo com elas ambas; e uma ação assim detestável não ficará *impunida* no meio de vós.

Os Tribunais especiais do fascismo e as penas terríveis instituídas por Mussolini como chanceler supremo e ditador infalível – que impõe na escola a saudação a romana ao seu retrato e, na bica de cada educando a frase inquisitorial: *Mussolini tem sempre razão* – assim como as penas impostas na Alemanha racista, para todo aquele que tiver a ousadia de ofender o santo nome de Hitler – tem suas raízes no Velho Testamento. Hitler está pondo em prática os Livros Sagrados do judeus ...

No Levitico, Cap. XXIV, vers. 11 e seguintes, lemos:

11: E como tivesse blasfemado (b) o nome do Senhor (o Senhor, hoje, é Mussolini ou Hitler) e o tivesse amaldiçoado, levaram-no a Moisés.

12: Puseram-nos em prisão, até saberem o que o Senhor dispunha.

13: Então, falou o Senhor a Moisés e lhe disse:

14: Manda deitar fora do arraial esse blasfemador; e todos os que o ouvirem, (c) ponham as suas mãos sobre a cabeça dele e todo o povo lhe atire pedradas.

16: e o que blasfemar o nome do Senhor, morra de morte. Todo o povo o apedrejará.

23: Tendo Moisés declarado essas coisas aos filhos de Israel, fizeram ele sair do campo o que tinha blasfemado, e o apedrejaram.

Não nos podemos admirar, portanto, que o Estado nacionalista

moderno se arrogue o direito divino para proteger o ditador, o chefe supremo, cuja palavra deve ser oráculo sagrado para todos os fieis da social-democracia ou do misticismo fascista.

No Cap. XXXI, tratando da repartição das presas de guerra, Jehovah, como um general carniceiro, traça o plano de batalha, saqueadas e queimadas as cidades, aldeias e castelos, passados à espada todos os prisioneiros – homens, saíram os guerreiros a receber Moisés.

14: E Moisés, irado contra os príncipes do exército, contra os tribunos e centuriões que tinham vindo da batalha,

15: disse: Por que reservastes as mulheres?

16: Não são elas que seduziram os filhos de Israel por conselho de Balaão, e as que vos fizeram violar as leis do Senhor pelo pecado do Fogor, pelo qual foi castigado o povo?

17: Matai, pois, todos os homens (machos) ainda mesmo os que são crianças, e degolai as mulheres que tiveram comércio com os homens.

18: Mas, reservais para vós as meninas e todas as donzelas.

Aí estão dois postulados da moral dos nossos dias:

1.º- ainda hoje, todos os homens são seduzidos e todas as mulheres são sempre culpadas de seduzir os homens.

2.º- Se os homens violam as leis sociais e morais – é por culpa da sedução das mulheres. Donde se vê que a fraqueza de caráter do homem é eterna e infinita... Ainda vem dos tempos de Moisés. Daí a Igreja conservar a idéia de que a mulher é arma do demônio e obra de Satanás. Estamos com a mesma mentalidade do século de Moisés.

No 3.º mandamento: reservai para vós as meninas e donzelas está o preconceito da virgindade e a religião da himenolatria.

Hoje, tal e qual como nos tempos de Moisés. A humanidade cristã e principalmente a dos países católicos, incluídos todos os ateus e livres – pensadores e anticlericais, mesmo os de verdade – todo o gênero humano dos países da cristandade católica – revolucionários ou reacionários – absolutamente todos conservam a idéia de que seria bom se pudessem conservar para si as donzelas...

A nossa moral é a mesma moral de Moisés, a mesma de Jehovah terrível dos exércitos e das vinganças premeditadas e executadas à risca pela Santa Inquisição e pelos tribunais fascistas.

O Código da nossa moral e da nossa política é o Velho Testamento.  
Parece incrível!

A moral da Igreja encrustou-se dentro da nossa carne. Foi como se as cinzas das vitimas queimadas vivas nas fogueiras, nós as respirássemos, fazendo-as circular nas nossas veias.

Cada um de nós que de um balanço na sua sensibilidade animal e faça um exame de consciência para arrancar de dentro de si as raízes fundas dessa moral de bárbaros, cristalizada dentro dos nossos sentimentos. A Igreja soube agir calculadamente nos sub-consciente e fazer penetrar no fundo de cada ser o vírus da sua moral feroz.

Eu sei que, pondo de parte as intercalações dos Concílios e dos Santos Padres – há muitas passagens no Velho e no Novo Testamento, interpretadas como simbólicas, esotéricas e que dizem dos mistérios antigos, do oculto aos olhos da ignorância, dizem da sabedoria dos hierofontes e dos magos. Mas, o Cristianismo perdeu a chave da sabedoria antiga, copiou servilmente o culto externo, apegou-se à letra morta, agarrou-se ao cadáver das idéias. Ao pé da letra, o Velho Testamento e parte do Novo é apenas a palavra do ódio e da vingança, da destruição a ferro e a fogo, da crueldade e do despotismo.

Nisso, a Inquisição andou perfeitamente coerente, carinhosa e solícita, os suplícios mais infernais.

A Igreja é porta-voz do seu Deus cruel, pessoal, vingativo, exclusivista, ciumento e feroz.

E o homem moderno, ultra-civilizado, depois de tantos séculos, requintou-se nas vinganças e ultrapassou em maldade ao Deus terrível. Estabelecamos a comparação. Em *Números*, Cap. XXXV, vers. 16 e seguintes, vemos:

16: Se alguém ferir com ferro, e o que foi ferido morrer, ficará réu de homicídio e ele mesmo morrerá.

17: Se atirar uma pedrada e o ferido morrer dela, será da mesma sorte castigado.

18: Se morrer o que foi ferido com pau, será vingado com o sangue do que o feriu.

19: O parente do morto matará ao homicida, logo que o apanhar, o matará.

20: Se um homem, por ódio, empurrar a outro ou lhe atirar alguma coisa à traição.

21: Ou sendo seu inimigo, o ferir de mãos e ele morrer, o percussor será réu de homicídio; o parente do morto logo que der com ele matará.

Pois bem, por mais que isso nos pareça brutal, há coisas piores na nossa civilização fascista.

Na Itália, *basta pensar* em matar um fascista – para ser castigado severamente. Basta *ter pensado* em eliminar Mussolini – para ser linchado pelo povo fascista ou condenado a ser fuzilado pelas costas.

Nos livros de Moisés, o castigo era para quem matasse o semelhante, era lei de Talião. No século XX a punição feroz, cheia de circunstâncias teatrais e cruéis – é para o que apenas matar um tirano.

Parece que ainda somos mais perversos em pleno século XX, da tecnocracia do que o Jehovah do Monte Sinai.

Na Alemanha racista, cinco comunistas são condenados à morte porque foi assassinado um nazista. Vai além da pena de talião, cinco por um! O nacional socialismo de Hitler bateu o Record e ganhou a partida, medindo as forças da crueldade com o Jehovah dos judeus e dos cristãos.

No *Deuterônimo*, Cap. II, vemos uma passagem assinalando o tartufismo de Jehovah e as lições de astúcia que o Velho Testamento ensinou aos inquisidores, a estratégia do velho general de todos os tempos de crueldades guerreiras.

25: Hoje começarei a meter o terror e o medo das tuas armas nos povos que habitam debaixo de todo o céu, para que, ao ouvir o teu nome, fiquem espavoridos, e, à maneira das que estão para dar a luz (parir) tremam e sintam dores.

26: Eu, pois, da solidão de Cademoth enviei embaixadores a Sehon, rei d'Hesebon, com palavras de paz, dizendo-lhe:

27: Passaremos pela tua terra, iremos pela estrada real; não declinaremos nem para a direita nem para esquerda.

28: Vende-nos tudo o que houvermos mister para comer: dá-nos também pelo nosso dinheiro a água que bebermos. Permite-nos somente a passagem,

29: (f) como fizeram os filhos de Esaú que habitam ao Seir e os Moabitas que habitam em Ar: até que cheguemos ao Jordão e passemos à

terra que o Senhor nosso Deus está para nos dar.

30: Mas, Sehon, rei d'Hesebon não nos quis dar passagem: porque o senhor teu Deus lhe tinha obdurado o espírito (no texto: obdurado o espírito – e como essas coisas sagradas são respeitáveis... aí vai como nos livros) e empedernido o seu coração, para ele te ser entregue às mãos, como tu agora vês.

31: Então me disse o Senhor: Eis comecei eu a te entregar Sehon com o seu país, pois começa a possuí-lo.

32: E Sehon saiu ao nosso encontro com todo o seu povo, para nos dar batalha em Jasa.

33: E o Senhor nosso Deus no-lo entregou e nós o derrotamos com seus filhos e com todo o povo.

Segue-se a narração dos saques, das pilhagens, das mortes de homens, mulheres e crianças, em todas as cidades e povoados. E, no fim, a retirada... O Senhor não permitia que ficassem nesse lugares. Só queria a mortandade, os suplícios dos habitantes e os saques das cidades. Executadas as ordens, a retirada – para continuar o ataque a outros povos. E era o próprio Senhor quem fazia os reis negarem a permissão da passagem – para que Moisés e os seus exércitos exterminassem impiedosamente todo o povo.

Nós, simples mortais, achamos isso simplesmente monstruoso. É esse Deus o Deus dos Cristãos!

O Cap. III narra outras vitórias do mesmo gênero. Todo o povo de Og, rei de Basan, foi passado a cutelo. Não ficou um só criança.

Ainda no Cap. III, vers. 9 e seguinte, diz Jehovah:

9: Eu sou o Senhor teu Deus: Deus zeloso, que castiga a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem.

10: e que faço misericórdia por muitos milhares dos que me amam e guardam os meus preceitos.

Aqui está a fonte das injustiças do Cristianismo e a raiz das “graças” e indulgências e misericórdias concedidas pela Igreja aos fiéis e as bênçãos do Papa até a 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> geração.

O Velho Testamento é, repito, o Código moral, político e social da Igreja. É ali que vão beber as fontes de inspiração na crueldade – os

sacerdotes educadores da mocidade, os que inspiram aos legisladores, os que buscam armar o *braço secular*, o Estado ou a lei – contra a heresia.

Jehovah determina que seu povo eleito extermine todas as outras nações e os seus povos. Que todos sejam passados a cutelo e não fique uma só criatura. Que sejam derrubados os altares, cortados os bosques, queimadas as culturas, reduzidas a cinzas as cidades:

16: Devorarás todos os povos que o Senhor teu Deus está para te entregar. Não te deixarás tocar de compaixão para lhes perdoares, nem servirás aos seus deuses, para que não venham a ser causa da sua ruína. (*Deuteronômio*, Cap. VII)

No Eclesiastes, na palavra de Salomão, encontramos a nascente da odiosidade e do desprezo da Igreja contra a mulher. No Cap. VII, vers. 27, diz o rei sábio:

27: e achei que é mais amargosa que a morte a mulher, a qual é laço de caçadores, e o seu coração, rede, as suas mãos são cadeias. Aquele que agrada a Deus, fugirá dela: o que, porém, é pecador, será dela apanhado.

28: Eis aqui o que achei, disse o Eclesiastes, depois de ter conferido uma coisa com outra, para achar razão,

29: que ainda a minh'alma busca e não pude achar.

30: Entre mil homens, achei um, de todas as mulheres nem um só achei.

Daí a fobia da Igreja primitiva contra a mulher.

Vem também do Velho Testamento o Código moral da sociedade em que vivemos, na qual a mulher ainda é tratada com ser inferior e explorada na civilização industrial e nos sentimentos – pelo homem, pela família e pelo regime social, apesar de toda a literatura romanesca e apesar do tartufismo de todas as palavras – deusa, rainha e santa e anjo tutelar...

Sem dúvida a humanidade transpõe os umbrais de uma evolução que não mais poderá aceitar esse código moral escravocrata, no qual o servilismo das mulheres e o egoísmo dos homens e a ignorância de ambos separam os sexos. É uma luta feroz de autoritarismo despótico do homem e domesticidade dissimulada da mulher, na sua astúcia permanente e perseverante, como meio de defesa.

É uma guerra sem tréguas, em que os dois sexos se rebaixam e se degradam na vileza e na espionagem mútua, no despudor das exigências

descabidas. Rolam ambos no desrespeito simultâneo, dentro da estreiteza sórdida da moral que o Cristianismo forjou do Velho Testamento. E é esse Código Moral o de todo o gênero humano, dos fiéis como dos ateus, dos religiosos com dos materialistas, dos reacionários com dos revolucionários.

É um erro supor que o homem “de ideias”, o verdadeiro revolucionário emancipou-se dessa moral de senhores e escravos: homens e mulheres, todos, absolutamente todos, mesmo aqueles que pregam as mais belas teorias emancipadoras – quando se trata dos casos pessoais, todos se vêm encravados dentro das bases desse Código moral de intolerância e perversidade.

Senão, vejamos as listas intermináveis de crimes nefandos praticados em todos os países e em todas as classes sociais. Os homens de hoje são os mesmos trogloditas das cavernas – quando os seus interesses pessoais são tocados pela mão do próximo. Tragam os mais belos rótulos dos meios mais avançados – e a sua língua corta como vitriolo as entranhas dos seus irmãos...

Que cada um de nós ponha a mão na consciência... embora a boa vontade de cada qual em se julgar um perfeição e e dissecar impiedosamente os defeitos dos outros.

\*\*

Não é mais preciso joeirar pela Bíblia os trechos déspotas, as passagens trágicas ou as vinganças e torturas. Se abrimos o *Livro dos Juizes*, dos *Reis*, os *Salmos*, *Êxodo*, quaisquer deles, a documentação é farta. Deixaremos para outro estudo o *Novo Testamento* e o estudo do *Mito Solar* ou de Cristo Cósmico.

Nessa introdução à nossa análise da situação atual da Igreja – como responsável pela loucura que se desencadeia pelo orbe terrestre – apenas queremos fazer notar que os tempos são os mesmos, que a Igreja não mudou e que as suas pretensões de dominismo estão de pé à espera da oportunidade a que faz jus.

\*\*

A Igreja nada mais vale como poder espiritual, mas, poderosa

economicamente e poderosa como organização social perfeitamente aparelhada no meio do caos de todas as outras organizações, a Igreja pretende transformar e substituir a força do poder espiritual que ela vê deslizar dos seus altares, pretende canalizar essa força para o poder temporal absolutista.

A Igreja sente que é o seu fausto, a riqueza espetaculosa das suas catedrais e a solenidade sumptuosa da sua arquitetura que ainda atraem os ricos e os poderosos, Porque as massas, esfalfadas de traições já escaparam das suas naves e das ameaças de excomunhão. Ninguém acredita mais no inferno nem nas penas eternas, e, a não ser a mulher analfabeta, sincera na sua santa ignorância, ninguém mais vai à Igreja senão como motivo de festa ou tartufismo social.

Porque o catolicismo da mulher elegante é apenas “rendez-vous” na Igreja e exibição de “toilettes”; do mesmo modo, frequenta os chás da casa Alemã ou os bailes carnavalescos da Hípica...

A Igreja, diante dessa calamidade, procura uma nova adaptação no tempo e no espaço...

Procura iludir os poderosos inventando uma “maioria católica” que não existe.

O Cardeal D. Sebastião Leme, no seu livro “*Ação Católica*”, (Livraria Católica, 2.<sup>a</sup> edição, 1933), escreveu que “*constituem verdadeira legião os que não apercebem da necessidade absoluta de frequentar os sacramentos*” (pag. 18 e 21), “*faz pena e provoca lágrimas vemos o nosso Deus exposto como vítima de amor e a igreja deserta ou quase deserta.*”

É uma confissão da mais alta figura do clero brasileiro e que anula a afirmação da “maioria católica”.

No prefácio ao livro “*Raios de Sol*” do padre Armando Adriano Lochu S. J. (1.<sup>a</sup> edição, S. Paulo, 1931, Ed. Das Escolas Profissionais do Lyceu Coração de Jesus), o Cardeal D. Leme confessa que “*a formidável maioria dos habitantes das nossas paróquias escapa ao raio de ação pastoral do clero*”.

Essa confissão do Cardeal brasileiro, se por um lado nos enche de satisfação, sentindo que as massas escapam da ação nulificadora da Igreja, por outro lado nos humilha na decepção de sentir até que ponto vai a

covardia e a ignorância de todos os nossos políticos, sem exceção, entregando o país à Igreja Romana porque pensam em conservar desse modo os seus privilégios e as suas posições políticas. Esse criminosos covardes estão preparando consequências calamitosas para os dias em que o povo brasileiro fatigado de traições e embustes, resolva no Brasil a ação direta – como os revolucionários espanhóis fizeram na Espanha ou os Mexicanos no México. A covardia dos nossos políticos inconscientes, neste momento, terá de responder pelos desatinos das multidões exaltadas.

Nesse prefácio, D. Sebastião Leme exclama ainda, falando dos que escapam à ação pastoral do clero:

*“De nada lhes servem as nossas homilias, os nossos avisos, as nossas exortações e conselhos. Não lhes aproveita a nossa missão evangelizadora. E, no entanto, são ovelhas que o Pastor Divino nos confiou aos cuidados! São almas de cuja salvação, devemos prestar contas no Tribunal Supremo! Eis aí, meu caro padre Lochu, um pensamento que me acabrunha o espírito.”*

Diante de tal ameaça, a Igreja não desanima. Muda de tática.

Ela já pressentiu que o seu campo de ação, de agora em diante é a América Latina. Viu, com os seus olhos de lince, que a Europa já é civilização morta. Que o fascismo na Itália é uma caricatura ridícula do império e as hostes romanas. Que Mussolini é também “Comediante”... “Tragediante”... Embora de forças às tiranias fascistas e racista, sabe que a história não se repete senão em espiral, e que um vulcão revolucionário solapa as bases do fascismo e não tarda a explodir pelos ares a oratória ridícula e a traição mil vezes repetida por Mussolini.

A Igreja sente o papado em perigo. E prevê que a próxima guerra é o prólogo da revolução social. Apenas circunscreve o círculo dessa revolução à Europa e supõe poder lançar as bases da sua potência espiritual, econômica e temporal no seio dos povos da América Latina.

Procura assestar as suas baterias no nosso Continente e espalhar os seus colégios de jesuítas nas nossas terras dadivosas – para maior glória de Deus e da Igreja.

A Igreja viu também que o protestantismo é uma força e que também se organizou na América.

A Igreja, imperialista, não vê com bons olhos o imperialismo

econômico da Inglaterra protestante ou da América do Norte, protestante.

A Igreja já viu que os Estados Unidos jogam com duas forças equivalentes e poderosas: dinheiro com que se compram as armas e as consciências e o protestantismo, por meio do qual é derramada, insensivelmente, nos templos, no cinema, na Associação Cristã de Moços e de Moças, no Rotary Club – a propaganda imperialista.

A Igreja Romana, o clero estrangeiro e nacional é, portanto, anti-imperialista, porque é católico, fascista, e defende o imperialismo eclesiástico romano – o maior dos imperialismos que jamais assolou a humanidade.

As guerras, na América Latina serão lutas econômicas para a conquista de mercados e luta religiosa – com a mesma finalidade... porque a Igreja é um balcão de luxo.

Inglaterra contra América do Norte, libra contra dólar. Inglaterra e América do Norte – protestantismo – contra latinidade e contra o catolicismo.

Valerá a pena esperar de braços cruzados o desenrolar dessa catástrofe inominável?

Somos um presa disputada pelo imperialismo político do fascismo, pelo imperialismo econômico da Inglaterra e dos Estados Unidos e pelo imperialismo da Igreja Católica Romana.

O clero militante se arregaça para o advento do fascismo – defesa incondicional da reação burguesa capitalista com todos os rançosos princípios da democracia cristã de mentira e do tartufismo moraliteista.

De braços cruzados os avanguardistas vão esperar, como espectadores, essa carnificina da ambição da crueldade e do despotismo sectarista?

São as Cruzadas modernas: defesa dos mercados comerciais e religiosos...

Essas considerações me vêm, diante da Conferência “*Imperialismo e Protestantismo*” de D. Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuiabá (Rio-1926).

Antevendo a luta futura do catolicismo e do protestantismo na América Latina, esse poeta arcebispo delineia o programa da Igreja Romana e aponta aos católicos o perigo do imperialismo americano... trazido pelos protestantes. Diz ele, num sofismo perverso:

“Destruir o catolicismo na alma brasileira, é o plano diabólico para minar os alicerces da nacionalidade.

“Conhecida, pois, a tática dos adversários, organizemos a resistência. Defendamos a fé, e teremos defendido a Pátria.”

Essa técnica da Igreja, na sua oratória para impressionar, confundindo catolicismo com nacionalidade, e Pátria com Religião ainda causa efeito... na juventude incauta, pela colocação apoteótica das palavras...

Uma análise superficial basta para ver como é balofa e se consistência a cultura dessa gente de sacristia. D. Aquino é a fina flor intelectual do episcopado brasileiro! Acadêmico!... Continua ele a sua oratória política passadista. É patético, mas espero que ninguém vá chorar...

“Imaginemos um Brasil, em que nos não falasse mais a doce linguagem materna. Figura um Brasil, em cujo céu não mais resplandecesse a sagrada constelação do Cruzeiro. Muito pior seria um Brasil, em cujas aras se extinguisse o lampadário secular das crenças avoengas. Novo Sansão despojado da sua cabeleira e da sua força, estaria entregue ao ludibrio dos conquistadores.”

E a insinuação maquiavélica diz mais:

“Se deixarmos estupidamente que o protestantismo destrua os nossos altares, as nossas imagens, o Crucifixo que beijaram na agonia os nossos antepassados e a cruz que lhes vela o último jázigo, não tardará o dia em que, nas garras do imperialismo, tenham a mesma sorte as bandeiras da nacionalidade.

Deus não permitirá tamanha desgraça. Revivamos a nossa crença de patriotas e o nosso patriotismo de católicos. Reacendamos nas veias o fogo sagrado desse entusiasmo ancestral, que nos legaram os Negreiros, os Camões, os Henrique Dias e todas as vítimas gloriosas da primeira invasão protestante, em cujos corações generosos a Nação Brasileira recebeu então e para sempre, o batismo de sangue pela causa da fé católica!”

Com essa oratória “piedosa”, “edificante”, o arcebispo prega a violência das armas e a repetição das lutas dos primórdios da nossa nacionalidade.

Pena não tivesse vencido Calabar... Pena não tivessem colonizado o Brasil os holandeses...

E o santo prelado-poeta prega violência armada contra os protestantes

– em nome daquele Cristo manso e meigo de coração, que deu a outra face estoica à bofetada social...

Diz mais D. Aquino:

“Ao magistério infalível da Igreja, o protestantismo substitui o livre exame, lisonjeando assim, a vaidade intelectual do século.”

Parece incrível que essa gente tenha ainda a desfaçatez de vir inculcar o magistério *infalível* da Igreja com a verdade absoluta e a lei das leis.

Que de tartufismo nessas páginas elegantemente passadista do arcebispo-poeta!

No Capítulo: *Imperialismo*, diz ainda:

“Vem sobretudo, de molde esta resposta, em se tratando da calúnia com que os protestantes usam acoimar de imperialismo a Igreja Católica.”

E vem mais sofisma:

“O Vaticano a dominar o mundo *manu militaris!* “Pode imaginar-se ficção mais ridícula? Se ainda corressem os tempos em que o Papa *summus arbiter*, traçava com um gesto sobre o nosso continente, o meridiano divisor das posses de Portugal e Espanha, talvez tivesse essa calúnia algo de verosímil e especioso. Hoje, porém, que o Papa é um grande encarcerado, soberano sem estados nem erário, sem exércitos nem armada, semelhante invenção é o cumulo da mentira e da parvorice.”

Mas, está página foi publicada em 1926. Hoje o papa não é mais o grande encarcerado, já é soberano dentro do seu Estado, já tem erário, policia especial e o seu exército esta aparelhado pelo mundo inteiro e tem um soldado em cada um dos seus fiéis. Talvez seja por isso que a atitude do clero, hoje, é mais decidida e talvez seja por isso que D. Aquino *profetizasse tão acertadamente...* para a juventude de São Paulo a coroa do martírio em prol do Constitucionalismo – que não apenas os paulistas mas todos os brasileiros que ainda acreditam no tabu das leis dos políticos pediam insistentemente.

Vejamos ainda o que diz D. Aquino:

“Mas, se por imperialismo entendem os protestantes o pode, a conquista e o domínio espiritual, oh! Que, neste caso, não cansem com amontoar citações, para provarem o imperialismo da Igreja, porque, de fato, ela não reconhece outra soberania, e nem disso faz mistério, senão antes o tem proclamado à face de todos os séculos”.

E a linguagem humilde do prelado vai crescendo no orgulho dominador dos detentores das verdade eternas!

*O poder, a conquista, e o domínio espiritual* – a Igreja não reconhece outra soberania senão a sua própria soberania infalível, eterna, intangível.

Já D. Antônio de Macedo Costa, Bispo do Pará, no seu livro *Direito contra Direito*, ostentava o mesmo orgulho imperialista e ensinava aos fiéis:

“Para os católicos, há uma autoridade muitíssimo superior a toda autoridade dos gênios mais brilhantes, da ciência mais profunda, da santidade mais eminente: uma autoridade mil vezes mais augusta e venerável que todas as autoridades humanas – *é a autoridade do Supremo Magistrado da Igreja de Jesus Cristo*”.

É o poder eclesiástico, o imperialismo romano acima do direito civil, acima do Estado e contra o Estado – se “o Estado lesar as leis de Deus e os direitos da Igreja”.

A esse respeito, para ver até que ponto vai a petulância da doutrina imperialista romana, ver o *Curso da Apologética Cristã* do Padre Dévivier, editada pela Cia. De Melhoramentos de São Paulo, 1925, livro recomendadíssimo pelo papa e pelo cardeal Mazzella, Nuncio Apostólico.

E Rui Barbosa, quando tinha valor, quando moço ainda não aburguesado e não vendido ao Estado, antes de perder o caráter e vender o talento e prostituir a consciência, na *Introdução a “o Papa e o Concílio”* cita o padre *Lamenais* defendendo a mesma doutrina:

“O poder espiritual – dizia ele – representa a lei inalterável da justiça e da verdade, fundamento e regra dos deveres e dos direitos; o poder temporal é a força – que constrange as vontades rebeldes a submeter-se à lei, ao Estado à Igreja, quando não, fora mister admitir duas potências independentes, uma conservadora da justiça e da verdade, a outra cega, e, pois, de seu natural arruinadora da verdade e da justiça.

“Ora, que vem a ser isso, senão entregar o mundo ao império de dois princípios, um benigno, outro maligno, e constituir um verdadeiro maniqueísmo social. Quem quer que, homem ou povo – diz a Igreja – adote esse erro monstruoso, transvia-se por aí do caminho da salvação”.

Rui Barbosa conclui:

“Diante de palavras decisivas e autorizadas, assim, qualquer ilusão

seria, é claro, uma puerilidade.

“A doutrina que o catolicismo (ultramontano) professa, e cuja rejeição constitui uma heresia monstruosa, incompatível com a felicidade eterna, é que a Igreja é a lei, o Estado a força; a Igreja, o direito, o Estado, a dependência; a Igreja, a cabeça, o Estado, o braço; a Igreja, a inspiração divina, infalível e imutável; o Estado, a cegueira animal e inevitavelmente serva”.

Essa doutrina professada por todos os luminares da Igreja.

É exata a conclusão de Paul Bert (*O Clericalismo*):

“A História mostra-nos duas coisas: primeiro, que a liberdade da Igreja é o domínio absoluto sobre o poder temporal e o seqüestro da sociedade civil; segundo, que a Igreja não se serve desse poder civil senão para destruir a liberdade”.

A Igreja aceita a República, quando não tem outros meios de governo mais absolutos. Ela é baseada na monarquia, na aristocracia, na nobreza hierárquica. Seu sistema de governo é absolutista. É portanto a grande liberticida.

É, portanto fascista.

Pio IX, na Encíclica de 9 de novembro de 1846, transcreve textualmente um documento do ano 450 no qual nos ensina que, segundo a Igreja: “a autoridade suprema não foi dada aos príncipes somente para governarem o mundo, mas principalmente para defenderem a Igreja”.

Gregório VII proclama que “o papa pode dar e tirar a quem quiser, os impérios, os reinos e a posse de todas as honras. O papa pode depor os imperadores e desobrigar os súditos do juramento de fidelidade. Deus não excetuou ninguém, não subtraiu nada ao poder do papa, antes o nomeou príncipe de todos os reinos deste mundo”. E pôs prática a doutrina quando excomungou Henrique IV. (Já citei em *Clero e Estado*, conf. 1931).

Inocência III sustentava a mesma tese:

“Os príncipes tem poder sobre a terra; os sacerdotes sobre a terra e no céu. Os reis têm ação sobre os corpos; os sacerdotes, sobre os corpos e sobre as almas. Deus pôs à frente do império e da Igreja uma só pessoa, que é o seu vigário na terra. Todos lhe devem obediência, afim de que não haja mais do que uma só ovelha é um só pastor”.

Inocência IV, em 1245, segundo essa doutrina, depôs o imperador

## Frederico II.

“O Estado procede da Igreja – dizia S. Tomás de Aquino – assim como corpo recebe vida da alma”.

Em 1511, Paulo IV proclamava: “O Pontífice romano, que representa Deus e Jesus Cristo, possui a plenitude do poder sobre todos os reinos e sobre todas as nações. Decretamos que todos os príncipes, reis ou imperadores, convencidos de sistema ou de heresia, incorram na perda de todas as honras, de todo o poder, de toda a autoridade, de todo principado. Devem ser entregues ao braço secular, para que sejam punidos com as penas respectivas. O Soberano Pontífice é o único senhor do mundo. Pode depor os reis e imperadores, suprimir e transferir os reinos, sem outra razão mais do que o seu beneplácito”.

É por isso que o clero em São Paulo todo se movimentou para depor o ditador Getúlio Vargas, porque não se mostrou bastante zeloso na proteção imediata e incondicional às pretensões exclusivistas da Igreja.

É o clero no Brasil, que esperou pacientemente 40 e tantos anos, quer agora a Constituição reconciliada oficialmente com a Igreja. O Clero não se esquece da recomendação da Concílio de Trento: “A missão dos reis é proteger a Igreja e a religião. Devem obedecer às suas ordens, e, quando assim lh’o pedirem, são obrigados a prestar-lhe o apoio do *braço secular*”. O Clero, no Brasil, já encontrou o seu caminho...

\*\*

Quando o arcebispo D. João Becker, do Rio Grande do Sul, inaugura, na cripta da catedral Metropolitana de Porto Alegre, isso há apenas um mês, o retrato do General Flores da Cunha, isso quer dizer simplesmente que a Igreja Romana, nas suas negações e lirismo, está pedindo o auxílio do braço secular do “bravo” militar a favor do Estado oficialmente católico no Brasil. Ainda é a “arrancada” pela Constituição... uma Constituição à gosto da Igreja.

E o general se penitenciou perante a Igreja : é a negação lírica da espada diante da sua prometida...

Disse o General:

“ Não poder haver a menor dúvida que pela vida tormentosa que tenho

levado, não tive ainda repouso de espírito e tranqüilidade suficiente para vir curvar-me diante destes altares, adotando definitivamente a sua fé benfeitora e salvadora. Hei de fazê-lo um dia, porém, se Deus me der vida”. (Dos jornais de janeiro de 1934).

Que farsa! E ainda há quem acredite em políticos! E ainda há quem dê a vida pelo banditismo oficial! Ainda há quem respeite o tabu das leis! Ainda há quem creia na necessidade do Estado!

Ainda há quem se prostre diante dessa oratória pesada de senilidade, dos homens públicos, defendendo os prejuízos empedernidos das velhas sociedades já mortas. O general Flores da Cunha, para sensibilizar o arcebispo, não se esqueceu de declarar:

“Aproveito a oportunidade para, diante de V. excia. E perante os meus patrícios católicos e não católicos, dizer que o que ainda existe de melhor no Brasil é justamente a constituição de sua família”.

Tartufos! Essa tirada agrada a todos, é da velha moral da mentira monogâmica. Satisfaz às mulheres –que todas se julgam honestas. Satisfaz aos católicos e não católicos. Porque o conceito da honestidade é largo... Satisfaz a todos os maridos enganados – que são em número eterno e infinito... no tempo e no espaço... Satisfaz a todos os generais polígamos. A satisfação é geral! Família! A sociedade se esboroa mesmo na família e os generais e coronéis continuam imperturbáveis, petrificados, abobados, de boca aberta diante da maravilhosa constituição da família burguesa! Tartufismo santo! E a santidade do bispo D. Becker rejubila-se de candura diante da inocência do General...

Tudo isso foi a afirmação feita à Igreja, pelo General Flores da Cunha, comprometendo-se a defender a Constituição contra o divórcio. Disse ele: “a indissolubilidade matrimonial é o freio das paixões desordenadas”. Uma chapa “edificante” para o arcebispo.

Esse “freio” é tudo. Não é apenas um freio: a Igreja precisa agora montar uma oficina de freios... E por isso foi buscar o general. É o *braço secular* para o momento.

Negaças do altar diante da espada...

Negaças da espada em frente ao altar...

Está selada a promessa do consórcio.

Mesmo que o tempo nunca mais chegue para o general ir rezar, já a

Igreja se satisfaz com o discurso oficial e o compromisso público. A conquista está feita. É assim que a Igreja compra os generais e os políticos, apenas com 30 dinheiros de presentinhos, inauguração de retratos e palavras de doçura...

Quando em São Paulo, os bispos e padres, em 1932, pedem a Constituição e preparam batalhões e os acompanham às trincheiras – é o ataque direto a uma ditadura branda que não cumpriu o seu dever ou as suas promessas políticas feitas ao clero em 1930. Getúlio Vargas comprometeu-se a fazer concessões ao clero, investido do poder, sentiu que há resistência contra as pretensões católicas. Encolheu-se na sua diplomacia. Daí o clero se armar com S. Paulo para depô-lo. Não é governo que convém à Igreja. Vencida guerra civil pelo governo ditatorial, já o clero, para lá das fronteiras de S. Paulo, se achegava manso e pacífico ao lado das forças vencedoras – clamando pela pacificação dos espíritos, pedindo anistia completa e total e procurando com boas palavras atenuar a culpabilidade dos que estiveram franca e abertamente com S. Paulo, certos de que venceriam dessa vez. Exilados os políticos, punidos os culpados com uma *tournée* à Europa, o clero nada sofreu. Ganhou em prestígio, porque a sua missão é dividir para imperar. E estamos vendo o clero exigir, pelos seus representantes, no ante-projeto da Constituição, as suas reivindicações mínimas: casamentos indissolúvel, ensino religioso nas escolas e assistência religiosa às forças armadas. Não é preciso mais. O clero precisa *apenas* da alma feminina nas malhas da sua rede, legislar sobre a constituição religiosa família, da escola, a mais poderosa arma da Igreja e precisa ter nas mãos as forças armadas – para maior Glória de Deus, para o que der e vier...

A teoria ou a doutrina de S. Bernardo está de pé e estará enquanto existir a Igreja: “As duas espadas, tanto a espiritual como a temporal, estão a serviço da igreja. Mas, uma deve ser desembainhada pela Igreja e a outra em defesa da mesma igreja. Aquela, pela mão dos padres, esta pela mão do soldado, mas, guiada pelo sacerdote”.

A revolução ou a rebelião de S. Paulo é de ontem – para se notar a harmonia, a coerência da Igreja nas suas reivindicações, desde os mandamentos de Moisés – que ela herdou, até a nacionalização romana da religião judaica como Igreja Católica Universal .

Em tudo isso é degradante o papel servil da mulher, empenhada em cultivar eternamente a sua beatífica e santa ignorância!

E a imbecilidade humana é eterna e infinita!

No seu discurso do dia 26 (*Diário de S. Paulo*, 26-1-43), no microfone do *Jornal da Constituinte* da Secretaria da Bancada Paulista, irradiada pela Rádio Record, o Sr. Alceu Amoroso Lima (Trystão de Athaide), receitando que se modifique o ante-projeto da Constituição já feito e no qual tomou parte preponderante, afirma que, “quando os católicos lançaram a Liga Eleitoral, obtiveram o compromisso solene da maioria absoluta das atuais deputados para as suas reivindicações mínimas – indissolubilidade conjugal, ensino religioso nas escolas publicas e assistência religiosa às forças armadas...”

E proclama com a petulância ostensiva do clericalismo dominante:

“Estes princípios e *os mais de justiça social* que defendemos, não podem deixar de ser integrados em qualquer tipo de Constituição que venha a prevalecer, seja o tipo analítico como o do ante-projeto, seja o tipo sintético como agora se pretende fazer. Sem elas, teremos retrogrado, teremos esquecido toda as lições da experiência, teremos dado mais um triste exemplo do nosso anacronismo jurídico”.

É fantasia a desfaçatez desses jesuítas de casaca. E fala em anacronismo – como si se pudesse usar dessa palavra para outra coisa senão para mostrar o anacronismo teratológico dessa formidável organização social da mentira e do despotismo.

Acrescenta Trystão de Athaide que “*felizmente estammos seguramente informados de que não há intuito algum de alteração nas linhas gerais do anteprojecto*”.

A Igreja tem sido dinâmica nas suas reivindicações Constitucionais. Mas, eu quero chegar à minha Conclusão. E, portanto, continuo a citar o discurso do Sr. Amoroso Lima:

“Estou certo de que São Paulo pugnará no mesmo sentido. São Paulo que deu o seu sangue e as suas riquezas, sem medidas, generosamente, renovamente, renovando as mais belas paginas de heroísmo da nacionalidade, para reintegrar o Brasil na ordem jurídica, não pode conformar-se com qualquer especie de Constituição e nem pode consentir em ser desvirtuada a obra dos constituintes de 1934”.

“Cabe a São Paulo, mais que a nenhum outro Estado, velar para que as inquietações passageiras do ambiente não venham prejudicar a obra grave, lenta e delicada da confecção de uma lei básica como a que o Brasil espera dos seus novos constituintes. E essa lei precisa corresponder à estrutura social do Brasil, que tem de basear-se na família estável e sólida, na educação cristã da juventude, no espírito religioso ordeiro e bom do seu povo, etc. etc. Eis o que São Paulo, em harmonia com as grandes forças sociais e políticas de nacionalidade, vai dar ao Brasil...”

É a continuação da voz poética de D. Aquino Correa, mobilizando o São Paulo conservador, plutocrata e católico contra São Paulo livre e nobre e ativo e independente, contra todas as forças vivas do Brasil.

Atravessamos o momento mais delicado da nossa vida política. Se a Igreja consegue na Constituinte a reivindicação mínima que exige a chapa única de S. Paulo apoio: - aqui no Largo da Sé veremos, daqui a pouco, erigida a fogueira e o Tribunal do Santo Ofício de assar vivas as criaturas humanas – para maior glória de Deus e salvação das almas...

As reivindicações católicas, neste momento, constituem questão de vida ou de morte.

Porque já dizia D. Vital, (“*O Bispo de Olinda perante a História*”, A. Manoel dos Reis.) : “quaisquer que sejam as leis e a constituição de um país, nenhum valor tem para consciência se forem contrárias às leis apostólicas.

“Desde os tempos primitivos até o presente, o que para nós sempre decidiu em matéria de religião, foram os decretos dos Santíssimos Padres e dos Sagrados Concílios e não as leis de nenhum príncipe”.

“Por mais sábio ou religioso que seja o leigo, ainda mesmo que fosse dotado de toda a virtude possível e imaginável, enquanto for leigo não deixa de ser ovelha...”

Seria interminável a citação e convido os interessados a ler o livro de Carlos Sússekind de Mendonça: *O Catolicismo, partido político estrangeiro*” editado a pouco.

Apenas a conclusão que é significativa e é a conclusão de todo o Clero brasileiro neste momento e a Conclusão do Vaticano que, da Itália, abençoa o esforço maquiavélico das suas ovelhas bem nutridas, sob este pedaço de Céu.

Diz D. Vital, que violou a Constituição do Brasil no Império:

“Como poderá um Bispo católico, sem desdouro de seu caráter sagrado, e sem incorrer nas iras celestes, desprezar e calcar ao pés as divinas Constituições da Igreja de N. S. J. Cristo para adorar as de seu país, que não foram feitas por Deus, nem pelo seu venerando Vigário?”

A Igreja clama pela liberdade, considera-se acima de qualquer poder, quer o despotismo, reivindica o direito de independência do Poder Civil, justamente porque é força liberticida, absolutista, invulnerável e intangível.

O bispo do Pará, D. Antônio de Macedo Costa já proclamou também:

“O que é obrigatório para todos, para os membros das confrarias como para os Bispos, como para os magistrados que governam, são os preceitos da Igreja universal.

“O que é obrigatório para os Católicos é obedecer ao Papa e aos Bispos, professar todos os dogmas de fé, receber os Sacramentos quando manda a Santa Igreja, e conformar-se nos atos do culto publico à disciplina geral do Catolicismo”.

“Isso sim é que obriga sob pena de pecado grave”.

Na *Introdução* de Rui Barbosa a *O Papa e o Concílio*, diz ele: “A sujeição dos católicos ao Papa é a mais ignominiosa das servidões. Deixa a perder de vista a tirania oriental. Diante dessa autocracia tremenda, a mais ferrenha teoria absolutista fica sendo apenas uma criação pigmea. A docilidade ao pontífice romano é, portanto, dever inviolável dos indivíduos e dos povos cristãos. Ainda nos desacertos e abusos papais, é, para os Estados, como para os indivíduos, católicos, dever de consciência obedecer ao chefe supremo da cristandade. O papa tem a ditadura universal e absoluta das almas e das sociedades. Ele é o procurador efetivo e inamovível de Deus”.

Não tenhamos ilusões quanto às atividades do clero em torno dos trabalhos da Constituinte.

É clara a sua atitude. No prefácio do livro do Pe. Desiderio Deschand, o arcebispo de Diamantina, D. Joaquim Silvério diz: “o Brasil é um país privilegiado e destinado pelo Criador a atingir o fastigio da grandeza temporal nas asas possantes do Catolicismo”. Esse livro, editado em 1910 (ver Carlos Sússekind de Mendonça – obra citada), diz, entre outras coisas não menos edificantes e que estão na boca de todos os católicos:

“Está a Igreja, entre nós, num momento decisivo: ou por uma ação enérgica organizará seus fiéis para dar combate aos males da época, ou dentro de poucas dezenas de anos verá as grandes massas escaparem a seu domínio e se atirarem à voragem da impiedade ou do indiferentismo.

.....

“Porque não declararam guerra de morte ao ensino leigo quando podiam tão facilmente fazer desaparecer das escolas e da mesma Constituição esse germe pestífero que já vitimou gerações inteiras?”

E incita os católicos a se arregimentarem para “fazer do Brasil a nação eminentemente católica que sempre devera ser, católica em seu governo, em todas as suas instituições, em todas as manifestações da vida publica e particular”.

Uma vez convencidos, de que a Igreja quer tomar de assalto a Constituição, pelos fatos e pelas atitudes do clero, em torno dos movimentos armados dos nossos últimos anos, e “posta de parte a utopia de exterminar oficialmente do território do país a igreja pontificia, o que releva é dar com o meio de a desarmar temporalmente, de lhe embotar os instrumentos agressivos” - diz Rui Barbosa quando moço, ainda no Império, na *Introdução a O Papa e o Concílio*, de Janus.

Nos vimos a mensagem do arcebispo de S. Paulo ao Cardeal D. Sebastião Leme. (*A Folha da Manhã*, de 21).

Em 1930, o clero brasileiro foi o pioneiro da revolução – silenciosamente, por trás dos bastidores. Washington Luis e Julio Prestes não davam nenhuma esperança de predomínio do clero no Brasil – justiça lhes seja feita.

D. Sebastião Leme foi quem convidou Washington Luis, em nome da revolução, a sair do Catete para entrar no Forte de Copacabana...

Em São Paulo, de 9 de julho em diante, era o pensamento unanime dos paulistas – repetir o mesmo gesto com Getúlio Vargas... E D. Sebastião Leme era a pessoa indicada...

Getúlio Vargas não resgatou o compromisso com o Clero. Mas, se o Clero fez tudo para dominar inteiramente – não conseguiu tão depressa por em prática os seus desejos de dominismo espiritual oficialmente assegurados pela lei.

Se Francisco de Campos, Ministro, se Antônio Carlos, líder da Aliança Liberal, se o jesuíta de casaca Trystão de Athaide tudo fizeram para por o Brasil nas mãos de D. Sebastião Leme, - Getúlio Vargas, diplomata sagaz, despistador, prometendo tudo e levando as promessas até o meio, nada resolveu ainda positivamente quanto à Igreja Católica. E a mensagem do arcebispo D. Duarte, quer dizer isto nas entrelinhas:

“Getúlio não nos serve. Precisamos gente que nos obedeça. Vá ao Catete e o convide a se retirar no Forte de Copacabana, como fez Washington Luis. Já esperamos 40! É o momento.”

Isso na intimidade... Os sacerdotes se entendem na sua linguagem apurada, na dissimulação e no tartufismo. Os fatos, a atitude do clero em São Paulo o confirmam.

A Igreja tem o poder divino de ligar desligar.

Todos conhecem as palavras de Gregório VII contra Henrique IV, imperador da Alemanha. Nunca é demais cita-las:

“É agora que é preciso agir, e vos adjuro, bispos e prelados muito santos, afim de que o mundo inteiro compreenda e saiba que, se podeis ligar e desligar no céu, nesta terra podeis tirar ou conceder a cada um, segundo os méritos, os impérios, os reinos, os principados, os ducados, os marquesados, os condados, e tudo o que os homens possuem, porque sois vós que muitas vezes tendes tirado aos maus e aos indignos e destes tendes, passado aos homens religiosos, os cardinalatos, as primazias, os arcebispadros, os bispados; se sois juizes das coisas espirituais, por que não o sois das coisas seculares?”

É simplesmente isso que quer dizer a mensagem do arcebispo de São Paulo ao Cardeal do Brasil, no inicio da chamada revolução Constitucionalista.

Tem razão Augusto Comte quando encara os protestantes como avalanches de islamitas...

A Igreja o sente e “declara que é um erro prejudicial admitir os Protestantes em idêntica igualdade politica e civil com os católicos e que é dever sagrado reduzi-los pelo constrangimento e os fazer desaparecer; que é abominável permitir-lhes abrir escolas” (Drapper, obra citada, pagina 259.) Daí não haver lugar no Terceiro Reich para os sacerdotes da Igreja Romana...

Daí o carinho dos sacerdotes católicos da Alemanha para com os comunistas... Apenas luta religiosa.

São os protestantes que farão frente à desenvoltura e à invasão da Igreja Romana no seio da América Latina.

Do choque dessas duas correntes religiosas e do enfraquecimento consequente de ambas, nascerá alguma coisa? Temos plena confirmação da voracidade clerical no Brasil, neste momento assanhada pelos últimos movimentos armados, desencadeados pela própria Igreja e maliciosamente denominados “revolucionários”!

Há 40 e tantos anos de Republica que o clero espreita e vigia. Dificilmente deixará escapar a oportunidade sabiamente preparada, mesmo embora a avalanche de protestos que, de toda parte do Brasil, se avoluma contra as pretensões vorazes e inquisitoriais da Igreja Romana.

Cristo tornou-se “prisioneiro de Estado”... Já foi milhões de vezes crucificado. Renova-se todos os dias o seu martírio no “mistério” das missas em todo o orbe – para exploração permanente do seu nome no balcão do Vaticano. Renova-se permanentemente a tragédia do Calvário – como argamassa para solidificar, pelos séculos dos séculos, o prestígio da Igreja na imaginação popular e no sub-consciente das gerações de mulheres e crianças que a Igreja amolda à educação clerical.

Admirável tato psicológico!

Não ataco nem defendo religiões. Não tenho religião. Não preciso de muletas. Só reconheço um Deus: o meu Deus interior. E respeito os Deuses que soluçam e sonham no coração de cada ser humano. Protesto contra o clero. Protesto contra a tirania. Reivindico o direito de livre consciência.

Mahomet é um dos grandes beneméritos da Humanidade. Não fora o seu exército de islamitas e a Igreja Romana seria hoje a tirania absoluta em todo o orbe.

Tenhamos, nós outros a coragem heroica daquelas avalanches de islamitas que se postaram à frente dos Cruzados para impedir a Igreja Romana de apoderar-se de toda a Terra – na voracidade do seu imperialismo de Loba Romana e Fascista.

Em um ponto mais alto da espiral da evolução humana, concentremos todas as forças da nossa razão contra a avalanche liberticida da Igreja rolando o seu peso de ouro e privilégios por sobre as consciências vendidas

dos nossos homens públicos.

Estamos vivendo um novo ciclo de Cruzadas.

Não podemos consentir que o gênero humano entre no período trágico de mais uma noite de mil anos do Santo Ofício de embrutecer e sufocar as consciências.

Seria tal o retrocesso que convidaria cada um de nós a se naturalizar Cafre ou Hotentote – para reivindicar o direito de ser humano na escala biológica.

Prestemos as nossas homenagens de solidariedade a todos os indivíduos, a quem quer que seja que, neste momento, combate, na imprensa livre – coragem heroica – para livrar o mundo das garras vorazes do Clero açambarcador, polvo exclusivista na sua cupidez de dominismo, absoluto – econômico, político, religioso e social.

Glória a essa vontade consciente que se levanta unida, forte, heroica, revoltada nobremente contra a tirania milenar dos que arrogam direitos divinos – para macular a razão, prostituir as almas das crianças e afogar em sangue a liberdade!

Também nós nos alistamos, voluntários da hostes modernas de islamitas – para combate da razão contra a brutalidade da força.

Em nome de Alá ou de nossa consciência, gritamos o nosso grito de guerra:

*Estava escrito...* Também nós, ao encontro das Cruzadas – pela Liberdade!

Contra a tirania!

\*\*

Em 1546, o grande concílio de Trento proíbe o livre exame dos livros sagrados da Igreja decretando:

“O Santo Concílio de Trento, ecumênico e geral, legitimamente reunido no Espírito Santo, lê no processo verbal, recebe todos os livros, *tanto do Antigo como do Novo Testamento*, porque o mesmo Deus é autor de um como do outro, do mesmo modo que as tradições, as quais olham a fé e os costumes, como ditados pela boca de Jesus Cristo ou pelo Espírito Santo, e conservados na Igreja Católica por uma sucessão contínua, e os

beija com igual sentimento de respeito e piedade.

Se alguém não recebe como sagrados e canônicos esses livros *inteiramente, com todas suas partes*, e tais com são na antiga Vulgata latina, e depressa, de propósito deliberado, as referidas tradições que seja anátema”.

Entretanto, esse dogma intangível do respeito incondicional a esses livros como a única palavra, a verdade única, deve causar espanto mesmo aos mais crentes, quando sabem que tais livros forma refundidos uma infinidade de vezes. De Potter contra, apoiando-se em documentos, que a primeira revisão deu-se no século onze, feita por Hésychius e Luciano, depois martir.

São Jeronimo faz de novo a sua revisão. Cem anos mais tarde o imperador Anastase, segundo São Vitor, determina novas retificações. Carlos Magno, com 72 anos, convoca sábios gregos e sírios para de novo corrigir e expurgar os evangelhos. Sixto – Quinto, por sua vez, segundo De Potter. Na segunda, foram já duas mil mudanças. Adições e subtrações, emendas e transformações!... Que teria ficado do texto?...

Mesmo assim, ainda há opiniões divergentes entre tantos luminares, inspirados pelo Divino Espirito Santo!

Se toda essa gente tivesse de ganhar o pão com o suor do seus rosto, não teria sido para tanta “camuflagem” em torno do bezerro de ouro e do poder temporal.

\*\*

Nós sabemos até que ponto chegou a imoralidade e a cobiça do alto clero. Tomemos por testemunha o papa Clemente VI que, segundo o abade Fleury, dizia em 1351, admoestando os seus cardeais e bispos:

“Falareis de humildade, vós que, entre todas as classes da sociedade, sois os mais soberbos e os mais sumptuosos nas vossas montarias e o resto de vossas equipagens? Falareis de pobreza, vós que sois tão ávidos, tão rapaces, que todos os lucros do mundo não vos podem saciar? Não vos falo de vossa castidade. Deus sabe vossa conduta. Fechais vossa porta aos desgraçados. Mas, vós a abris aos infames e aos exploradores de prostitutas”.

São Cipriano, no seu livro *Tombés*, escreve:

“Cada padre corre atrás dos bens e da honrarias com furor insaciável. Os bispos são sem religião; as mulheres sem pudor, reina a ladroeira. Jura-se e perjura-se. Os bispos abandonam as suas cátedras para correr para as freiras e mercados, querem ter muito dinheiro, enquanto seus irmãos morrem de fome, arrebatando fraudulentamente os bens dos outros, multiplicam seus tesouros por usuras infames”.

Já naquele tempo! O exemplo vem de longe.

Também Tertuliano o confirma:

“Vosso ágapes cozinham-se lentamente nas marmitas. Vossa fé se aquece ao fogo da cozinha. Vossa esperança repousa inteiramente nos bons pratos. Por Deus, tende o vosso ventre; por exemplo, os vossos pulmões; por altar, os vossos intestinos; por padre, vossos cozinheiros; pelo Espírito Santo, o cheiro dos alimentos; por unção, os molhos, por profetas, as eructações, *ructus*”. Eugène Nus conclui:

Essa “boutade” culinária misturada da anatomia, acaba por uma censura mais grave que o pecado da gulodice:

–“O que pondez acima de tudo, acrescenta Tertuliano, são os ágapes por meio dos quais os irmãos dormem com as irmãs”.

Não são apenas os irmãos e irmãs de religião: podemos mesmo tomar ao pé da letra... Sabemos que dois mais velhos do papa Alexandre Borgia, dom Cesar Borgia, jovem cardeal de Valência, duque de Valentino e dom João, o porta estandarte da Igreja romana, odiavam-se, indo até o assassinio, pelo amor à sua irmã – Lucrecia Borgia. O exemplo já vinha de trás.

Alexandre VI, Borgia, também era amante de sua filha, os três Borgias, pai e filhos, viviam em continuo sobressaltos de zelos, uns contra os outros, por causa de Lucrecia...

Também São Paulo já censurava os *delitos* entre irmãos de crença, nos primórdios ingênuos das fraternidades cristãs.

Em uma assembleia de bispos reunida em Elvira, lá para o ano da graça, de 300, proíbe às mulheres velar nos cemitérios “onde muitas vezes se cometem graves desordens sob pretexto de oração”.

É interessante que as peregrinações dos primeiros cristãos se assemelham ou são precursoras das associações de “compagnonnage”. São

Paulo ia de cidade em cidade, pregando a *boa nova*, mas, trabalhando, ganhando a vida como tecelão de tendas. Mais tarde, já não trabalhavam, “viveram do Evangelho”, segundo São Paulo, eram hospedados os missionários e mais a sua companheira de viagem – que cada apóstolo levava consigo. *Irmã*, mulher, é o termo empregado por São Paulo para designar essas auxiliares apostólicas, mas tarde denominadas *agapetas* – da palavra grega – que significa *amar*.

Sob a denominação de *mulheres introduzidas*, os Concílios tentaram depois modificar essa instituição das bem amadas do clero.

O clero de hoje procura explicar que essas *irmã-mulheres* ou *mulheres-irmãs* eram boas velhas que acompanhavam os missionários para fazer a sua sopinha e traze-los limpos... Mas, nesses tempos primitivos havia mais lealdade, mais delicadeza e ingenua pureza nesses costumes naturais do que hoje, cuja astúcia e sagacidade levam o clero a atos de deslealdade e adultério perene – para salvar as aparências.

\*\*

As perseguições aos cristãos não foram com a Igreja conta.

Os primeiros escritores cristãos, testemunhas e às vezes vítimas das repressões ao cristianismo primitivo, nos dizem ao contrário. Vejamos, por exemplo o que diz bispo Méilton na sua apologia aos Cristãos, dirigida a Marco-Aurélio:

“Nero e Domiciano foram os únicos perseguidores, e isso, porque, em todas as coisas, eram eles ímpios e loucos. Os bons imperadores, a saber Trajano, Adriano, Pio, Vérus não nos perseguiram”.

Tertuliano o confirma: “Nós nos glorificamos de haver tido por inimigos os monstros que vós mesmos rejeitais. Vossos bons príncipes, Trajano, Adriano, Marco-Aurélio, Vespasiano, Vérus nos protegeram constantemente”.

Lactancio cita os perseguidores do cristianismo: Domiciano, Décio – que ele denomina animal execrável – Valeriano, Aureliano e Deocleciano.

Eusébio de Cesarea – primeiro historiador da Igreja – declara que uma sucessão de imperadores até o advento de Diocleciano, protegeram os cristãos e os acumulavam de benefícios.

Diz ele: “Viam-se os bispos honrados e queridos dos povos e dos governadores de províncias”.

Não foram os imperadores romanos, na sua generalidade, que perseguiram os cristãos. Pelo contrário, os defenderam do fanatismo da população. O povo, a multidão é que sempre foi feroz no seu sectarismo religioso, político ou social.

Quando o procônsul da Ásia pergunta a Adriano se deve satisfazer aos clamores da população entregando os cristãos ao suplício, o imperador responde:

-“Se os provençais querem sustentar suas queixas contra os cristãos, até responder por ela diante de qualquer tribunal, que tomem esse único caminho mas, não por lamentos vagos e clamores. Se, pois, alguém os acusar e provar que eles fazem alguma coisa contra o Estado, é preciso puni-los. Se a acusação é intentada pela calúnia, punir os caluniadores.”

Trajano teve a mesma linguagem, escrevendo a Plínio, o Moço, governador da Bythinia que lhe pergunta de que maneira se deve conduzir com os cristãos.

Marco-Aurelio, na proclamação aos súditos asiáticos que reclamavam a proscrição dos cristãos, disse:

“...Mas, pertence mais aos deuses que a nós, castigar aqueles que se recusam a adora-los... Mais fazeis barulho contra esses homens, mais os acusais de impiedade, mais vós confirmais nos seus sentimentos e nas suas resoluções”.

Mas, os cristãos queriam ser martirizados. São Cipriano e outros luminares da Igreja aconselhavam aos cristãos que procurassem os suplícios.

Eugène Nus (“Viviseção do Catolicismo”) diz que “houve momentos em que a sede da santa morte foi tal que os Genitos não chegavam, diz São Justino e Tertuliano, para pronunciar a condenação que acabavam de solicitar.

-“Não vos faltam nem princípios nem cordas, gritavam os juizes já sem paciência, enforcai-vos e deixai-nos em repouso!” Dizem que foi Antonino prefeito das Galias, que lhes deu esse conselho”.

E parece que foi essa febre de ser martirizado para ganhar o reino dos céus, esse delírio epiléptico masoquista, essa epidemia do desejo de sofrer

que a Igreja, mais tarde aproveitou para apontar como perseguição sistemática aos cristãos. Tertuliano confessa quando escreve contra Celso: “Foi para excitar a coragem dos fiéis, afim de que a firmeza de alguns campeões da fé levasse os cristãos a se tornarem mais dignos desse nome, a não temer a própria morte, que, de tempos em tempos, um muito pequeno número dentre eles, bem fácil de contar, afrontavam os suplícios, em vez de trair a verdade do cristianismo”.

Conclui Eugène Nus:

“A era das perseguições dará nascimento mais tarde no mundo cristão, a um novo gênero de literatura fantasista, que fará as delicias da idade-média e até nos tempos presentes, terá ainda amadores. Depois dos romances evangelistas, virão os da Vida dos Santos, dramatizados pelo martírio. É principalmente no sétimo século que vemos desabrocharem-se esses produtos”.

E também os milagres. Como por exemplo, São Diniz decapitado, tomando a cabeça nas mãos e continuando a viagem! Eram de tal ordem que o próprio Santo agostinho disse: “Certamente é deplorável que a autoridade desse meio seja indispensável para impressionar, para dominar, para enganar o espírito de certa gente. Mas, nada é mais próprio que o milagre para agir sobre os sentidos dos tolos”. (Eugène Nus.)

São João Crisóstomo está de acordo que, no seu tempo, não viam mais desses prodígios, mas, explica essa lacuna de maneira satisfatória: “Se houvesse muitos milagres, acabaríamos por nos habituar e já não seriam milagres”.

Mas, a aureola dessa sede de martírio é bem menos brilhante e mais compreensível se, sabemos como São Cipriano a explica. É o meio seguro de poder pecar mais...

Também a confissão que tudo absolve, repetida, conduz à mesma liberdade de permanecer no *pecado*...

São Cipriano diz:

“Concubinários, adúlteros, bêbados, homens sanguinários, cobertos de toda sorte de crimes não colheram as palmas do martírio?”

Os que a ambicionam sem se preparar para isso por meio de uma vida mais virtuosa, desculpam-se dizendo:

-O martírio nos fará tudo perdoar, como a nossos pais. Nós nos

repousamos nele para nos lavar de todos os pecados que cometemos, esperando-o . Por nossas fornicções, nossos atos de inveja, nossa fraudes, nossas paixões, corramos para onde o diabo nos convida! O martírio saberá bem, por fim, arrancar-lhe a sua presa”.

Algumas seitas cristãs iam muito longe no desprezo da matéria: faziam tudo, não prestando a isso, grande atenção. Barbonios e Phibionios praticam desenfreado deboche para melhor glorificar o espírito cuja pureza brilha tanto mais, quanto mais a matéria está maculada. (Eugène Nus.)

Isso não é a tese de Rasputin?...

No reinado de Luiz XIV também o padre Molinos pregava que as tentações da carne devem ser desprezadas a ponto de não nos preocuparmos com elas. Mas, é curioso esse desprezo à carne... tal desprezo é a grande punição do demônio, que é o autor das tentações da carne: caindo na baixeza, nas impurezas, nas loucuras libidinosas – a alma ficará mais bela e mais forte... “Em 1700 anos de distância, dos Antoninos aos Bourbons, as mesmas torpezas morais se reproduzem sob o véu da religião sem quase mudar de forma”, diz Eugène Nus. E, podemos vir até mais longe, até hoje: século dos Antoninos até o século da relatividade, até a coroa e o feudalismo czarista, até 1917, até o século XX se reproduzem essas baixeza sob capa da religião católica.

Mas, as contradições do catolicismo, dos seus preceitos e suas leis morais chocam-se a cada passo.

“Casamento é criminoso, escreve São Jerônimo, porque o apóstolo nos tendo ordenado de orar sempre, e esse preceito não podendo ser cumprido durante o ato mesmo da geração, o casamento, que tem este ato por fim, nos força a desobedecer ao apóstolo”.

Descambaram para o terreno da lógica e se perderam no labirinto dos sofismas e das proposições de silogismos. Vêm-se tontos esses santos padres, a fim de explicar as “imoralidades” dos livros sagrados.

Abraão, por exemplo, empresta sua esposa ao Faraó, com o fito de atrair as boas graças do monarca, e, naturalmente, segundo os costumes e moral do seu tempo. Santo Ambrósio, para desculpar pai Abraão, diz que o adultério tornou-se pecado só depois que a lei proibia comete-lo. São João Crisóstomo é da mesma opinião e vai mais longe: acha mesmo admirável o devotamento de Sara prostituindo-se por obediência. Igualmente felicita a

Abraão o qual, fazendo todo o possível para facilitar o adultério, provou que não era ciumento. (Eugène Nus.)

É admirável essa teoria sexual na boca dos santos da Igreja Romana!

Guardadas as proporções em favor de Armand, São João Crisóstomo é o precursor da “camaradagem amorosa” de *l'en dehors...*

Santo Agostinho ainda vai mais longe, nos diz Eugène Nus. Desse caso particular, estabelece uma lei geral; em princípio, a mulher pode dispor do corpo de seu marido “e reclamar seu direito na matriz de uma outra”, como o marido, por sua vez, a exemplo de Abraão, pode transmitir seus poderes.

É esse mesmo Santo Agostinho, que negava os antípodas, na sua lógica de santo, porque, no dia do juízo final, os homens que estivessem do outro lado da terra não podiam ver o Senhor descer nos ares.

São Jerônimo, entretanto, só desculpa o casamento “porque ele produz virgens”.

Mas , a corrupção é a consequência do atentado à natureza e da hipocrisia e tartufismo social.

O Cardeal Baronius, um dos grandes historiadores da igreja, descreve os costumes eclesiásticos:

-“Que horrível espetáculo, apresentava então a Santa Igreja romana, quando infames cortesãs dispunham à vontade das cadeiras episcopais, e, o que é mais terrível de pronunciar e de ouvir, quando elas colocavam seus amantes até mesmo no trono da Santo Padre”.

Falando ainda dos cristãos em geral, tal como os vê nos séculos dez e onze, diz:

“A corrupção, a cupidez, violência e a crueldade chegaram a tal excesso que não havia mais meio para os chefes eclesiásticos, de se distinguir da massa pelos vícios e pelos seus crimes”.

Nós sabemos dos festins obscenos nas salas do Vaticano, assistidos e determinados por Alexandre Borgia e sua amada filha e amante – Lucrécia – amante também de seus dois filhos e casada com o duque de Ferrara, Alfonso d'Este, casamento de que Alexandre Borgia se arrependia sempre, embora já velho, zeloso da filha.

Sabemos que Julia Farnese, a jovem amante do papa sexagenário, servia de modelo para os quadros santos...

E tantas outras! Era as *madona* dos pintores celebres, a virgem mãe de Jesus...

O papado não podia mesmo surgir senão de Roma, da Itália, da “Nação Carnaval”, desse mundo de opera buffa perene, eterna, infinita...

No início do século dez, Teodora, cuja filha – Maroise – foi amante do papa Sergius, fez sentar seu amante João X na cadeira do Santo Padre. Marosie conspira contra o papa e sua mãe, manda sufoca-los entre dois colchões e um ano mais tarde faz subir ao trono pontifical seu filho João XI, de 24 anos de idade, filho do papa Sergius.

Um neto de Marosie, João XII, é eleito papa com 18 anos de idade!

Sete anos mais tarde, um concílio o depõe, pelo fato de haver dado a suas amantes, (entre as quais uma que se chama Etienne e havia sido amante de seu pai), os calices de ouro de suas igrejas. Ele havia castrado um cardeal, furado os olhos de seu padrinho e tantas faz até que é assassinado “por um marido menos complacente que os outros”. Mas, “O sopro do Santo Espirito, apesar de todas essas incorreções, não deixa o papado, cada vez mais venerado pelos fiéis”, conclui Eugène Nus. E a Igreja continua infalível, eterna, imutável, divina, impecável, soberana universal.

\*\*

Impossível nos limites deste estudo narrar os episódios mais importantes das lutas entre papas e imperadores e entre os eclesiásticos entre si – pela posse do poder.

Uma das mais interessantes é a de Bonifácio VII, esse papa histrião, esse arlequim do papado e o rei de França.

-Sabei que vós estais submetido a nós, no poder temporal como no espiritual”, diz o papa.

-”A Bonifácio, pretendo papa, nada ou pouco saúdo! Que vossa grande fatuidade saiba que não somos submetido absolutamente a ninguém pelo poder temporal”, responde o Capeto. E essa luta era econômica... Felipe, o Belo, acaba vencendo o papado depois de uma série de acontecimentos que põem a nú as pretensões imperialistas da Igreja Romana.

De 30 a 40 anos durou a luta pontifical – um papa, dois papas, três

papas ao mesmo tempo – disputaram o poder, até que, depostos, Martinho V instalou-se no trono pontifical. Mas, quantos envenenamentos, quantos roubos, quantos concílios, quantas mortes misteriosas de Cardeais e bispos, até que o Vaticano fosse entregue a um papa supremo!

Essa luta quer dizer: assaltos ao poder, às riquezas e honrarias. Sabemos que Paulo III fez cardeal seu neto, Alexandre Farnèse, com 14 anos de idade!

\*\*

No *Livro das Taxas* o papa João XXVII enumera em uma Tabela, a taxa correspondente a cada um dos crimes que podem ser resgatados a dinheiro.

“Papa João XXII, cuja residência era uma vasta agência de aferidores e caixeiros, e que em cada canto só se tropeçava com mesas, balanças, joias, tabelas de desconto, cambistas, corretores e usuários, para João XXVII, diz Guilherme Dias – ex-padre católico – não há crime que não possa remir-se a dinheiro, não há perdão que não possa dar-se a troco de ouro”. (*Ecos de Roma*). Essa taxa serviu a outros papas e acumulou riquezas no Vaticano.

Vejamos uma ou outra coluna dessa Tabela:

1º- No Capítulo do Parricídio e Uxorricídio:

(moeda forte)

Pelo assassinio de pai, mãe, irmão ou irmã, a absolvição custará a quantia correspondente	4\$860 reis
Quem matar a sua mulher pagará	4\$860 "
Por matar a mulher para casar com outra	7\$500 "
O marido que espancar a mulher a ponto de lhe causar aborto, será obrigado a pagar	2\$400 "

2º- No Capítulo do Infanticídio:

O pai ou mãe que matar seu filho

será absolvido por	4\$860 "
Se ambos tomarem parte no infanticídio	5\$200 "
A mulher que fizer uso de bebidas abortivas, preparadas pelo marido, pagarão pela absolvição	4\$850 "

### 3º- No Capítulo dos “Pecados Carnais”:

Se um clérigo praticar um ato desonesto, que que seja com uma freira, no convento ou fora dele, quer com suas primas, netas, afilhadas, ou com outras mulheres, pagará	11\$820 "
Se além desses pecados naturais, praticar outro contra a Natureza ou obscenidade com animais, a absolvição custar-lhe-á	13\$020 "
Por qualquer pecado de luxúria ou ato libidinoso	5\$660 "
Se o clérigo houver cometido incesto, deve aumentar <i>por consciência</i>	1\$620 "
A absolvição da mulher adúltera que quiser esquivar-se a processo criminal, custará	14\$020 "

E por aí vai, indefinidamente.

Há as dispensas por cinco anos e as dispensas perpétuas para toda espécie de crime – ladrão e incendiário, para comer carne, manteiga, ovos, e mais coisas proibidas em dia de jejum, para estupro, incesto, por defloramento, para envenenar crianças, por devassidões, iniquidades, vícios, baixezas, por todas as monstruosidades. Vale a pena ler o livro de José Martins – História das Riquezas do Clero Católico e Protestante – para se ter ideia dessa documentação autêntica.

Lanchatre (“Os Crimes dos Papas”) diz: “Não acompanharemos de comentário algum essas *Taxas da Chancelaria Apostólica* – obra prima de infâmia saída do cérebro de um papa... Por isso, o piedoso Conrado, abade de Usperg, falando do *Livro das Taxas* exclama: - Oh Vaticano! Regozija-te agora; todos os tesouros te estão abertos! Anima os crimes dos homens e das crianças, porque as tuas riquezas dependem dos seus desregramentos e das tuas iniquidades! Impele para o deboche, excita o incesto, até mesmo o parricídio, porque, quanto maior for o crime, mais libras de ouro te renderá! Regozija-te, entoando cânticos de alegria! Agora é que o gênero humano está sujeito às tuas leis! É agora que reinas pela depravação dos costumes e excessos das inclinações ignóbeis! Os filhos dos homens podem conceber impunemente todos os crimes agora que sabem que os absolverás por um pouco de ouro! Contanto que te tragam o ouro, embora manchado de sangue ou de luxúria, abrirás o reino dos céus aos debochados, aos sodomitas, aos assassinos, aos parricidas. Que digo? Vender-lhe-ias o próprio Deus por um pouco de ouro!”

José Martins cita Koseritz (“Roma perante o século”, 1871, Porto Alegre):

João XXII, graças à sua invenção das *Taxas*, deixou 33.000.000 de escudos; Inocencio VIII deixou uma fortuna ainda maior. Eugênio IV, Calixto III, Pio II cingiram tiaras do valor de 200.000 ducados; Alexandre VI, além do engraçado costume de fabricar cardiais a 1.000.000 de escudos cada um, que logo após envenenava para novamente apoderar-se do chapéu e torna-lo a revender, Alexandre VI recebia anualmente 40.000 ducados para servir de carcereiro ao irmão do turco Bajaret; recebeu deste mais 300.000 para mandar envenenar-lo na prisão, e vendeu-o finalmente, já com o veneno no corpo, ao rei Carlos VIII de França, por 20.000 florins de ouro.

Não podemos conceber nada mais vil.

O dízimo que o clero recebia de todos os produtos da terra, quis também estende-lo às mulheres dos seculares: Koseritz narra o caso, em Brescia, de um padre que, no confessional, pedira à sua penitente o dízimo das carícias que fazia ao seu marido.

Castilla conta que “os inquisidores assustavam as mulheres com as penas do inferno e abusavam horrivelmente do pudor das matronas e

donzelas nos cárceres do “Santo Ofício”, convertido em lupanares. Eles gabavam-se publicamente das suas proezas, chegando um a confessar que, depois de mandar açoitar uma judia, dormiu com ela uma noite e a mandou queimar no dia seguinte. (Castilla - “História das Perseguições Religiosas na Europa”, tomo III.)

Lachastre (“História dos Papas”) diz que Pio V quis expulsar de Roma 45.000 prostitutas e o clero se opôs tenazmente, alegando que lhe eram necessárias. E o ex-padre Guilherme Dias narra que “quando Leão X queria recompensar os serviços de qualquer prelado, dava-lhe como prebenda 100 cortesãs escolhidas”.

Rhoidis (La Papisa Juana) conta que, por ocasião do Concílio de Constança (1413) os eclesiásticos levaram consigo 1.500 rameiras, para assim demonstrarem a necessidade de uma reforma no clero”.

Dufour (“História da Prostituição”) narra que, na França no último quinto do século VXI (1581) havia 5.018.191 pessoas que viviam à custa da Igreja Gallicana, com uma receita, despesa e saldo totais de 100.539.119 escudos. Esses 5 milhões e pouco de pessoas, eram assim classificadas:

Padres e todos os seus dependentes	1.018.782
Mulheres prostituídas pelos mesmos	1.171.754
Raparigas de má vida nas 81 dioceses que então havia	1.406.104
“Bastardos”	1.121.138
Alcoviteiros, homens e mulheres	260.830
Sodomitas	39.583

Dufour acrescenta entre outras coisas edificantes que os vigários, em algumas dioceses compravam licença por um ano para cometerem adultérios; e, em outras, compravam o direito de liberdade sexual impunemente por toda vida.

Seria interminável a documentação. Vai aqui apenas uma amostra. Veja-se o livro de E. Armand:

### “LIBERTINAGEM E PROSTITUIÇÃO”

“A história, que descarregou a sua fúria sobre os Tibérios e os Neros, apenas se detêm nos tipos , representativos da Idade Média. Se anatematiza Messalina, quem ouviu falar da mulher do bispo Prisco, que ia com as suas criadas ou servas forçar as portas das celas dos monges?

Se estigmatiza Vitélio, ignora o bispo Cautin, que se entregava ao vinho sem nenhuma moderação e, às vezes, bebia tal quantidade que eram necessários quatro homens para tira-lo de debaixo da mesa.

Se denuncia a crueldade patrícia romana, quem conhece algo sobre a viúva do cruel bispo de Le Mans, Bodegesila, que, uma vez viúva, em sua raiva sádica, corta, nos homens, os órgãos sexuais com a pele do ventre e, nas mulheres, os manda queimar com ferro quente”?

“Pi y Margall, diz E. Armand, não podia compreender as obscenidades das catedrais: as gorgolas, os átrios, as colunas, ornamentadas de cenas que fariam corar ao libertino mais rematado. Compreendia muito bem que a arte pagã glorificasse a Vênus e Priapo: essa arte, apoiava-se, antes de mais nada, em uma crença popular, favorecendo, por outra parte, os desígnios do legislador e contribuía para um fim social, que a História não pode de deixar de reconhecer, mas, como explicar as aberrações da arte cristã da Idade Média, a arte casta por excelência? Poderemos responder que o instinto popular protestou sempre contra as mortificações da carne, que a concepção cristã quis impor à Europa central e meridional; que nunca se acomodou a um regime severo em matéria sexual; quanto às decorações realistas das catedrais, não se sabe, depois de tudo, se estigmatizam os pecados dos grandes dignatários, civis ou eclesiásticos, ou se eram para o povo miúdo uma maneira de reivindicar a liberdade de fazer outro tanto (era a única tribuna de que então dispunha.)

As cenas esculpidas nos átrios das catedrais ultrapassam a tudo o que nos veio de Pompeia e Herculano: falos emergindo de uma capucha; monjas exibindo suas partes posteriores ou seu sexo; frades em posições do ato sexual, monos mordendo as nádegas de mulheres nuas... Muitas dessas obras de pedra foram destruídas, mas, ficaram algumas, e, entre as que foram aniquiladas, ainda se conserva a recordação de certa escultura, da igreja de San Germain de los Pradros, de Paris, que representava uma religiosa deixando-se abraçar por duas partes ao mesmo tempo, por um frade e por um lobo; e outra, em São Jorge de Bocheville (Normandia)

dantesca mistura de homens e monos”.

Repousa transcrever tais barbaridades, mas, assim como ao iniciar a nossa cultura, isso constitui, para nós, uma das emoções de mais nojo das orgias clericais e o espanto que se apoderava de nós foi tão forte que reafirmou o nosso desdém à hipocrisia e ao tartufismo clerical; assim também, essa amostra contribuirá certamente para arrebatar das garras da Igreja outras almas femininas, enganadas miseravelmente pela educação dos colégios religiosos.

Vejam os outra página de Armand, na sua documentação histórica:

“Todas as prostitutas cuidavam de reconhecer a Madalena como sua padroeira. Em Paris, frequentavam a capela da rua da Jussienne. Ali mandavam dizer missas, punham vela e levavam a sua oferenda; de todos os lados da capital, chegavam em peregrinação. Essa capela era celebre por um cristal curioso, representando Maria, a Egípcia, em uma barca, arregaçando a vestimenta e preparando-se para pagar ao barqueiro a travessia; para explicar a imagem, dizia o rótulo: “Como a santa oferece seu corpo ao barqueiro para passa-la”.

\*\*

Passemos agora a ver a relação que existiu na Idade Média, entre a Santa Sé e as pensões chics...

“Cornelio Agripa, de Nebbesheim, em seu livro *De incertitudine et vanitate scientiarum*, Lion, 1564, cap. 64: *De la luxuria*) afirma que o Papa Sixto IV (1471-1484) fundou três lupanares em Roma, onde as cortesãs, obrigadas a lhe pagar cada semana uma “jula” de ouro, lhe davam uma renda anual de vinte mil ducados. O mesmo autor assegura que o Papa cedia esses lupanares aos clérigos, como benefícios, e que ouviu falar de um prelado romano, detentor de dois benefícios, de um curato de vinte ducados, um priorato de quarenta ducados e três prostitutas em bordel, que cada semana lhe pagavam vinte “julas”.

Sixto IV pode ser que fosse o papa mais intrometido nesses assuntos, mas, outros soberanos pontifícios regulamentaram a prostituição, aproveitando suas rendas em benefício da Igreja, e deles próprios. Benedito IX concedeu a uma de suas penitentes, da qual havia sido confessor, o

monopólio da prostituição.

Pelo breve “*Honestate*”, Benedito IX outorgou a essa dama o direito de reunir sob o mesmo teto as jovens sãs, porém já entregues ao vício. A diretora tinha a obrigação de fazer ouvir missa todas as manhãs, a suas pensionistas e a missa havia de ser celebrada por um padre velho, na igreja de Santa Maria, um pouco antes de amanhecer.

As pensionistas da favorita de Benedito IX eram obrigadas, para sair à rua, a vestirem-se de preto e levar um véu que dissimulava o seu aspecto. Em casa vestiam-se e ataviavam-se com “coquetterie”. A diretora podia oferecer aos clientes várias pensionistas ao mesmo tempo, mas, a sua presença era indispensável, afim de que se não faltasse às leis da *honestidade*.

O visitante só podia escolher uma mulher de cada vez.

Os clérigos, prelados e *monsenhores* só eram recebidos se já trouxessem a indulgência.

A casa era dividida em três classes, a tarifa era proporcional à elegância da moradia, à idade da mulher e ao grau de dignidade do santo do dia. Nas grandes solenidades, as tarifas tinham que ser aumentadas em proporções extraordinárias.

Um dos médicos do Papa se encarregava da saúde das mulheres “com decência porém com exatidão”. Naquela casa não podia haver mulher que fosse “irmã do cardeal”.

A Igreja tirava bons lucros dessa casa.

O regulamento (*Acta Benedicti IX*, 327, nº 21) ia acompanhada de uma tarifa. O último artigo nos diz que a mulher, depois de haver pago seus gastos, devia entregar um terço do lucro ao mordomo de Sua Santidade e o último terço era para a diretora, “em recompensa de seu zelo”.

O papa Julio II dedicou às cortesãs um bairro especial em Roma. (Bula de 10 de janeiro de 1510.)

Leão X publicou três regulamentos com o objetivo de salvaguardar a decência exterior e a boa ordem na... irmandade das prostitutas romanas.

Clemente VII ocupou-se da questão do testamento das rameiras e lhes impôs a obrigação de legar a metade de seus bens ao convento de Santa Maria da Penitência.

Para subtrair-se a essa doação obrigatória, as cortesãs colocavam as

suas economias em renda vitalícia, mas Clemente descobriu o subterfúgio e lançou a excomunhão contra os que admitiam tais combinações.

O marechal de Roma, encarregado da polícia urbana, arrecadava o aluguel das casas de lenocínio, e isso durou até 1870.

Em 1556, o duque de Guisa que entrara em Roma com o exercito francês, fez prender esse marechal, porque os seus subalternos levavam os soldados franceses “a lugares maus e nefastos para sua saúde”.

Em meados do século XVI, o papado correu o risco de perder o monopólio da prostituição.

Os jovens da nobreza romana levavam por sua conta as moças das casas publicas. Então interveio o Papa, estabelecendo que quem quer que fosse que fizesse sair uma moça da casa publica, seria castigado “com a amputação da mão direita ou o desterro, segundo a qualidade do culpado”, (*Estatutos e novas reformas da cidade de Roma*, 1558, XXII.)

Os lupanares, autorizados pelos Breves e Indulgências, multiplicaram-se. No século XVIII, contavam-se vinte e dois; o mais elegante era reservado “para os nobres estrangeiros e membros do corpo diplomático”.

Essa casa era análoga às nossas de “rendez-vous” e era frequentada pelas filhas da pequena burguesia, principalmente pelas das burocracia pontifical. Às mais atrevidas encarregavam de fazer “falar” o cliente diplomático ou revistar seus bolsos. A 27 de janeiro de 1770, o secretário da embaixada da França foi despojado de toda a correspondência cruzada entre o arcebispo de Paris e o embaixador do rei, e a Santa Sé teve a audácia de utilizar essa correspondência. O escândalo estalou; o Papa teve que restituir a correspondência e apresentar suas desculpas.

A Roma pontifical eram um vasto prostíbulo.

Em fins do século XVIII, segundo uma estatística que parece verídica, havia em Roma um total de 6.800 cortesãs, e, nessa época, a cidade não tinha ainda mais de 100.000 habitantes.

Na Idade Média dizia-se: *Qui Roma vide, perdetur fide*: “quem Roma vê, perde a fé”. Para evitar que a juventude caísse na pederastia, as mulheres adotaram um decote convidativo, especialmente nas grandes festas. À memória nos acode a resposta daquele Papa a quem, em dia de sua coroação o cardeal camarlengo lhe assinalava um crucifixo de ouro suspenso entre dois seios opulentos de uma jovem e formosa romana: “o

calvário é mais doce que a cruz”.

Roma era a “Grande Rameira” do Apocalipse: “a cidade em que as rameiras parecem matronas” - segundo as informações a Paulo III, pelo seus encarregados de averiguações neste sentido - “rameiras seguidas em pleno dia pelos nobres familiares dos cardeais e clérigos”.

Pico de la Mirandola ante o concílio ecumênico de Latrão exclama:

“Poderá passar em silencio a multidão de prostitutas e rebanho de rapazes... e o sacerdócio alternativamente comprado e vendido? O povo ignorante, escandalizado com os maus exemplos que, sem cessar, e por toda parte, tem diante dos olhos, abandona toda classe de cultos, e tem medo até da piedade”.

O jesuíta Masdeu, dizia a mesma coisa e chamava Roma “a pátria das rameiras.

...”A gente da Igreja, que vive na desordem, no sacrilégio, na simonia e na concubinação, comendo com as cortesãs a renda da Igreja, destinada ao alívio dos pobres, e entregando às mulheres públicas os bens do Crucificado”. (Sermão de S. Felipe y Santiago, fol. 577, y de S. Trinidad, fol. 74.)

Enquanto durou o poder temporal dos Papas, as prostituição se assenhoreou da Santa Sé.

“Tudo é comum entre nós – dizia a canon – até as mulheres”.

Benedito XII prometeu a Petrarca um cardinalato, se lhe desse sua irmã Selvaggia. Petrarca recusou indignado. Benedito XII irritado, fez tudo para que Petrarca fosse denunciado aos inquisidores como herege. Temendo ser condenado à morte Petrarca foge precipitadamente para Avignon.

Antes de partir recomendou insistentemente sua irmã ao outro irmão, Gerardo. Seus irmão teve menos escrúpulos, foi comprado pelo Papa. A troca da riqueza, Gerardo uma noite a conduz, adormecida, ao quarto do Papa. Tinha apenas 16 anos. Foi a agapeta de Benedito XII.

Seria interminável se eu continuasse a transcrever a documentação inesgotável do livro de E. Armand.

Roma não seria Roma sem *Acca Larentia*, a prostituta que criou Romulo e Remo, a “Loba”, cuja cabana se denominava “lupanar”, de “Lupa”...

As palavras “lupanar”, “abadessa” - dona de pensão chic, e, “convetos” - casas de “rendez-vous” - vêm da Roma gloriosa.

A fortuna de Rômulo, a cabana e as terras – são produtos do “lupanar” da prostituta romana.

As “lupercaes” eram festas dos romanos em homenagem à memória de Acca Larentia.

Flora é a segunda prostituta celebre em Roma. Legou seus bens ao povo romano. Daí as festas “Florais” em honra à generosidade de Flora. Jogos, esportes e festas de prostituição pública, orgias desenfreadas.

Depois vêm os nomes celebres das imperatrizes e messalinas. A história de Roma é a história da prostituição.

Júlio César, o “super-homem latino”, para Mussolini – o primeiro homem depois de Jesus Cristo, era considerado pelos seus amigos como “o marido de todas as mulheres e a mulher de todos os maridos”.

Era chamado publicamente: “a rainha de Bitínia”.

Era tal o seu sensualismo que diz a história, um tribuno do povo, Helvio Cinna, manifestou várias vezes que tinha preparada uma lei para ser publicada na ausência de César, quando esse o ordenasse, autorizando-o a casar-se com todas as mulheres que quisesse, para deixar descendência. A lei não foi promulgada. Para que? César era César...

Para que fosse “o marido de todas as mulheres”, é sinal de que as virtuosíssimas matronas romanas lhe concediam esses favores.

Aí está a Roma dos Cesares, a Roma dos Papas, a gloriosa Roma: “cérebro e coração do mundo”!

## “SANTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA”

Agora, entre nós:

O “*O Estado de Minas*” de 9 de Setembro de 1931, na 3ª coluna da 5ª página, na “Seção Religiosa”, sob o título “Santificação da Família”, estampa um programa de ação torpe da Confederação Católica, para o perfeito sistema de espionagem e delação no seio das famílias mineiras. Esse programa é da autoria do Padre Álvaro Negromonte.

Vai aqui transcrito fielmente. Respeitamos o estilo e a vileza da concepção...

*“Programa de ação da Confederação Católica de Belo Horizonte, em 1931, trabalho apresentado pelo Padre Álvaro Negromonte e que o transcrevemos por partes.*

*“Visitar todas as casas da paróquia, examinando-lhes as necessidades espirituais.*

“O Pároco divide a paróquia em grupos de casas por quarteirões ou ruas que serão confiadas a uma senhora; esta divisão racional e metódica, feita sobre a planta da paróquia, não deve escapar nem um casa.

“É prudente copiar a divisão e arquivá-la, juntamente com o nome e o endereço da zeladora encarregada do grupo.

“Para maior eficiência do trabalho, convém que os grupos de casas não tenham muitas casas, 40, 50 no máximo.

“O vigário, que deve conhecer bem as suas paroquianas, distribuirá os grupos às senhoras que mais facilmente os puderem visitar, entregar um grupo de casas a uma senhora que morasse muito longe dele, seria, de antemão, inutilizar as esperanças, a menos que se tratasse de uma verdadeira apostola – o que é raro.

“Nomeada, a encarregada começa imediatamente a sua tarefa; descobrir as uniões ilícitas, as crianças por batizar, as que não frequentam catecismo, as que não fizeram a 1ª comunhão, os que não fazem a Pascoa, os enfermos que precisam de sacramentos, os que têm filhos em colégios protestantes, etc. etc.

“A zeladora para fazer essas sindicâncias, deve ter muito jeito, muita prudência, muitas vezes no simples curso de uma conversa bem orientada, se chega facilmente ao resultado desejado, do que com perguntas diretas, importunas e irritantes.

“Imprudência seria declarar que o fim da visita é conhecer as necessidades espirituais... a visita se faz sob um pretexto qualquer: um aniversário, um nascimento, um batizado, uma moléstia, um luto ou em companhia de uma amiga da casa e mil outros motivos que nunca faltarão e uma mulher para visitar uma outra.

E... toca a conversar, que nesta conversa é que sai tudo!... Aí se fica sabendo que são só contratados no civil, que os meninos ainda não estão batizados, ou não frequentam o catecismo, que aquele maiorzinho não fez primeira comunhão e até... as rusgas dos esposos.

“De tudo o que se tiver informado, com prudência e segurança, a zeladora tomará notas escritas e apresentará em sessão para que se fique sabendo:

- 1º)O número de casas visitadas;
- 2º)O número de uniões ilícitas;
- 3º)O das legitimadas;
- 4º)As crianças de mais de um mês por batizar;
- 5º)Os batismos de adultos, tanto por fazer, como os conseguidos;
- 6º)As crianças que não frequentam o catecismo;
- 7º)Outras necessidade espirituais.

“Do que for apresentado em sessão do apostolado, a secretaria fará um relatório sucinto e completo para apresentar à confederação”.

.....

Essa “peça inteiriça de baixeza” foi divulgada pela “Liga Mineiro Pró Estado Leigo” de Belo Horizonte.

Isso se chama simplesmente – espionagem e delação, alcovitece e devassa nojenta, degradação e jesuitismo, torpeza e des pudor.

E as “senhoras” da “boa” e da “alta” sociedade, as senhoras virtuosas, piedosas, caridosas, religiosas, as beatas e santificadas damas católicas prestam-se a tanta vileza, fazem o papel de polícia secreta, insinuam-se na intimidade das famílias – *para conversar*, para farejar os segredos das alcovas e lava-los até a sacristia!

É tal a desenvoltura apostolar do clero no Brasil que os processos do Pe. Negromonte devem estar mais divulgadas, porém não com tanta desfaçatez, indo tão claramente para as colunas dos jornais das capitais dos Estado.

São os processos medievais de espionagem e delação. Em plena Idade Média! Em pleno regime fascista!

\*\*

Conta-se que Pio II, tendo sublevado contra si todos os soberanos da Europa, dirigiu-se ao vencedor de Constantinopla que possuía o exército, a artilharia e a ciência militar mais forte e escreveu a Mahomet II:

“Saiba que nossos antecessores Etienne, Adriano, Leão, suscitaram Pepino e Carlos Magno contra Astolfo, rei dos Lombardos, e, em recompensa, investiram Carlos Magno, seu libertador, do Império, o qual até então pertencia aos gregos. É razão por que, podendo reconhecer teus benefícios, apelo para teu patrocínio”.

Enquanto os outros – nobres e plebe, morriam nas cruzadas – o papa buscava a aliança dos muçulmanos!

E o sultão, mais nobre, mais altivo, conhecedor da história dos papas, recusou-se!

Pouco se incomodavam com o “santo sepulcro” - ideia que servia para aliciar o povo fanático para as cruzadas – o que os papas ambicionavam era deslocar os monarcas, enfraquecendo-os, mandando nobres e príncipes para Jerusalém, afim de se aproveitarem da sua ausência e estabelecer por toda parte o seu domínio.

O resultado das Cruzadas foi, entretanto, contrário aos desígnios do papado. Os cruzados cristãos foram aprender que os islamitas cultivavam as ciências, as artes e a filosofia. Foram saber que a ignorância cristã era muito maior do que se podia imaginar... Foram ver a civilização muçulmana e maior pureza nos costumes islamitas. Foram aprender que também os mahometanos adoravam a um deus único e com justa razão consideravam idolatras os cristãos. E trouxeram do Oriente, conhecimentos e vocabulário riquíssimo, e admiração por esse povo altivo, cavalheiresco e nobre. Foi a Igreja Romana que perdeu as Cruzadas, que perdeu com as Cruzadas.

A história política dos papas é um amontoada de rapinagem e vileza inacreditáveis. Todas as suas conquistas são a peso de ouro arrancado violentamente do suor das massas trabalhadoras.

A investidura dos papas pelos imperadores ou a consagração dos imperadores pelos papas – foi sempre conquista política e transação comercial.

Bispos, cardeais, prelados, compravam ou vendiam a peso de ouro as suas dignidades eclesiásticas. O mundo cristão foi sempre uma grande feira, o mercado mais torpe de toda a história da humanidade. Eram todos, sem exceção, simoníacos ou traficantes das coisas santas.

O chamado óbulo de São Pedro é a maior “chantagem” conhecida em

todo o orbe.

É celebre a história da luta entre Gregório VII, Hildebrant, e Henrique IV. Da excomunhão recíproca, de todas as represálias e das desgraças mútuas, o papa vingou-se punindo as damas romanas pelo fato de não terem deixado violar-se pelos alemães, fazendo-as violar pelos turcos... (Eugène Nus.) Foi esse papa que proclamou:

“Todo os príncipes devem beijar os pés do pontífice romano e não beijar senão esses pés”. Foi esse papa quem verdadeiramente iniciou o domínio universal da Igreja Romana. Começa aí a idade de ouro do Papado e da Igreja Católica.

Os insultos e traições entre papas e imperadores, essa luta terrível entre poder espiritual e temporal, as dissensões e o furor, a traição e a reconciliação desses séculos tenebrosos, desgraçadamente vemos reiniciadas com o advento do fascismo, entre Mussolini e o Papado.

Maquiavel explica antecipadamente a razão da tirania fascista no seu *Discurso sobre Tito Livio*: “Se os italianos são excessivamente malvados, isso se deve imputar à religião e aos padres”. O fascismo é o filho dileto da Igreja – religião, cupidez e vontade de domínio.

\*\*

Quando relemos as páginas magistrais de A. D. White - “História da Luta entre a Ciência e a Teologia” - (edição francesa de 1899), e vemos as montanhas de absurdos defendidas pela Igreja Romana e pelo Protestantismo, os erros científicos e a ignorância cultivada pelo Clero Cristão, a morte de toda a sabedora antiga, o sepultamento de todos os admiráveis conhecimentos astronômicos, matemáticos, físicos, químicos, médicos, biológicos, geológicos, zoológicos, etc., que nos vieram dos Árabes, dos egípcios, dos caldeus, dos chineses, dos hindus, dos povos mais antigos, - sentimo-nos inquietos, alarmados, apavorados, diante da invasão da literatura fascista – Hitler, Mussolini e os seus asseclas – que é também a negação da sabedoria, a negação da ciência, o culto da violência, o estímulo à ignorância e à força bruta – em caminho dos Autos da Fé e das Fogueiras e torturas da Inquisição.

O livro de Hitler – Evangelho do Terceiro Reich – representa a volta à

Idade Média: é a negação das verdades científicas, sociológicas, éticas e a afirmação e a defesa da brutalidade, da selvageria, do dogma da força e do assalto aos séculos de pesquisas científicas – em prol da ignorância e do despotismo.

Os outros – D’Annunzio, Papini, Pirandello, Marinetti e a coorte mais nova dos nazistas – criaram uns, cultivaram outros, a escola do crime e da perversidade sádica.

Em plena Idade Média!

E que persistência dos grandes em cultivar o erro a ignorância!

White conta que (pág. 166) “desgraçadamente, até aquele dia, a política da Igreja romana, tanto como a da Igreja protestante consistiu em ignorar essas novas revelações (científicas) e o resultado dessa teimosia é visível. É inútil dizer aqui, qual a condição do pensamento, nas classes médias de França e Itália. Na Alemanha, podemos mencionar este fato típico em 1881, nas igrejas de Berlim, não havia lugar senão para 2% da população, e esses lugares eram mais do que suficiente para o número de fiéis que os frequentavam. O fato não pode certamente ser atribuído à falta de espírito religioso entre os alemães do Norte. Quem viveu no meio deles se convencerá do contrário; mas, é devido principalmente ao fato de que, enquanto os resultados das investigações científicas penetravam na massa do povo, o partido dominante na Igreja luterana recusava-se obstinadamente a ver a causa dessa frieza religiosa e persistia em impor entraves de interpretação literal e dogmática aos espíritos.”

Essa obstinação no erro, de geração em geração, passa ao subconsciente da massa e cria e cultiva a ignorância, a superstição e a defesa persistente da crença e da fé contra o espírito de dúvida e investigação.

Que de esforços fantásticos a Igreja Romana e Protestantes fizeram para defender a gênese bíblica das verdades científicas e perpetuar o erro e a mentira!

E que maravilha de coragem e perseverança dos investigadores, desafiando as torturas e o poder do fanatismo – para a descoberta das verdades científicas! Quanto sacrifício e quanto martírio e quanta imprudência até a perda da vida – para defesa da liberdade de consciência – e dizer que esse heroísmo pode ser todo em pura perda – se a

humanidade descamba novamente para o fascismo – que é aliança da força bruta com a ignorância fanática da Igreja Cristã!

Hoje sabemos, pelas investigações científicas, pelas descobertas das ruínas antigas, pelo estudo das pirâmides e de arte egípcia, pelos hieróglifos e pelos manuscritos que conseguiram salvar-se da santa piedade cristã, sabemos que as descobertas modernas dos nossos sábios eram todas já conhecidas dos antigos. Esses descobrimentos do mundo antigo e que o Cristianismo sufocou nas fogueiras e nas revelações, obscurecendo e espalhando a confusão e as trevas onde havia discernimento e cálculos matemáticos, arte, ciência e sabedoria.

A Astronomia já se vai aproximando da Astrologia, e a química, nascida da Alquimia, vai-se aproximando da fonte de onde surgiu.

Os livros de Blavatsky – *Isis sem véu* e *Doutrina Secreta* – documentadíssimos, Draper, White e todos os pesquisadores do mundo antigo o confirmam.

\*\*

Telegramas de Março deste ano de 1934 descrevem um espetáculo interessante e... medieval de grande significação neste momento de renascimento das pompas clericais, após a concordata entre Mussolini e a Igreja. Vejamos um desses telegramas:

## CIDADE DO VATICANO

*“Realizou-se ontem uma grande reunião da Ordem de Malta*

Cidade do Vaticano, 14 (H.) – Pela primeira vez, há um século e meio, reuniram-se todos os membros da Ordem de Malta. Cerca de 600 cavaleiros e damas iniciarão, esta manhã, as visitas jubilares pela Basílica de S. Paulo-fora-dos-Muros, na qual a quase totalidade dos titulares já se achava presente, por volta das 9 horas.

Os votos de boas vindas aos cavaleiros que haviam revestido o grande uniforme da Ordem foram apresentados pelo grão-mestre, príncipe Chigi della Rovere-Albani, que trazia sobre o uniforme ampla manta de veludo negro.

Depois de pronunciadas algumas palavras pelo príncipe Chigi, formou-se o cortejo, a cuja frente tomou lugar o cardeal Bisleti, bailio da Ordem, acolitado pelos cardeais Sincero e granito di Balmonte e outros prelados igualmente titulados de Ordem. Seguiam-se o grão-mestre e um cavaleiro italiano, que carregava a bandeira vermelha com a cruz branca, insígnia da Ordem.

Vinham depois dispostos hierarquicamente, os membros da Ordem: grãos-priores, bailios, professores, cavaleiros da Justiça com o peito recoberto de um plastron vermelho a cruz de prata, e por fim os cavaleiros.

É interessante recordar que os cavaleiros da Justiça fazem voto de pobreza, castidade e obediência ao grão-mestre.

Entre os membros das famílias reais, vi-se o arquiduque Francisco de Habsburgo. Viam-se também os membros da ordem da Anunciata e os presidentes das Associações Italianas, Alemãs e Espanholas”, que respondem aos priorados dos referidos países, que são os seguintes” de língua italiana – Roma, Duas Sicílias e Lombardia, e Veneza; de língua alemã – boêmia e Áustria; de língua espanhola – Castela e Aragão. Seguiam-se as damas da Ordem, conduzidas pela princesa de Hohenzollern, os bailios honorários e devoção, e por fim os cavaleiros de honra e devoção.

O cortejo, depois de atravessar a basílica, saiu pelo lado esquerdo, deu a volta no claustro externo e penetrou novamente no templo, cantando hinos religiosos, e então procedeu à adoração nos quatro altares da Basílica.

Imensa multidão apinhou-se nas imediações da Igreja, para assistir a um espetáculo tão raro quanto magnífico.”

Nobreza e clero, poder e dinheiro, César e Pedro, monarquia e Igreja Romana: - renascimento da Reação com o advento do Fascismo.

Em plena Idade Média!

Essa é a obra prima que vangloria Mussolini. Mas, vejamos “o homem enviado pela Providência”, segundo a opinião autorizada da Igreja, discursando como revolucionário, na Suíça, na conferência em Lausanne, comemorando o martírio de Jen Huss, o reformador tcheco excomungado por Alexandre V, depois queimado vivo. Jean Huss foi condenado pelo Concílio de Constança em 1415, apesar do salvo-conduto que lhe fora

concedido pelo imperador Sigismundo.

Teatralmente, da tribuna, esbravejou Mussolini:

“Eu nego a existência de Deus. Si ele existe, que me fulmine dentro de cinco minutos”.

Esperou. Nada aconteceu.

“Vede, disse Mussolini, não existe”.

Essa tirada de clown não deve desagradar aos espíritos fortes dos negadores sistemáticos, adoradores da Deusa Razão, no altar do Ateísmo ortodoxo, mesmo sendo anti-fascistas...

## O DEUS DAS RELIGIÕES

Não há meios desses “revolucionários” aprenderem a distinguir entre Deus terrível, pessoal, dos judeus e cristãos e as forças cósmicas que regem o Universo, através de Leis matemáticas, cuja grandeza incomparável não vai fazer caso e nem se apercebe da existência de um Mussolini da oratória de arlequinadas, numa tribuna, a fazer esgares de saltimbanco para divertir a multidão.

O próprio Sébastien Faure nas “*12 Provas da Inexistência de Deus*”, trabalho admirável de lógica irrefutável, recapitulando os seus argumentos, confessa:

“Não percais de vista que me não propus apresentar-vos um sistema do Universo que tornasse inútil qualquer recurso à hipótese de uma força sobrenatural, de uma Energia ou de uma Potência extra mundial, de um Princípio superior ou anterior ao Mundo. Tive a lealdade de dizer-vos, como era meu dever, que, assim proposto, o problema não admite, dentro dos atuais conhecimentos humanos, nenhuma solução definitiva, e que a única atitude que convém aos espíritos reflexivos e razoáveis, é a expectativa.

O deus que eu quis negar e cuja possibilidade espero ter negado, é o Deus das religiões... que o Clero diz representar na terra e tenta expor à nossa adoração”.

Tem bem razão Percy Ward (Presidente da Associação Racionalista Americana de Chicago) quando diz:

“O cristão é um ateu em relação a todas as religiões, exceto a sua.

Suponhamos que não há mais de mil religiões no mundo. Cada religião tem o seu deus particular. O cristão não acredita *senão* no *seu* deus. Não crê na existência de nenhum outro das 999 religiões. O ateu, não acredita em nenhum dos 1.000. A única diferença entre o ateu e o cristão, é que o ateu nega apenas mais um deus que o cristão”. (“Remarques Désavantageuses sur Dieu”, Supplément à *l’Idée Libre*, revista mensal, França, agosto de 1929). Para completar esse argumento simples e admirável, vejamos outro, também de um ateu confesso, o Cte. Roberto de Barros, do Magistério Militar naval, no seu livro documentado: “Pensar. Crer. Trair...” publicado no Rio, em 1919:

“A essência misteriosa e ignota das coisas, a cortina espessa que impede à inteligência humana, tal e qual ela é hoje, de decifrar a grande causa originária de tudo quanto existe, a treva inquietante que nos circunda ainda, apesar da tenacidade estupenda dos homens da ciência, o sangue e a lágrima que tem corrido por conta de enganadores fantasmas, tudo nos leva a crer que a humanidade tem despendido as suas melhores energias em torno de palavras.

O próprio *ateísta* que se não preocupe somente *com palavras* e que admita – como todos admitem – *uma causa originária qualquer* para as coisas do universo, até ele mesmo poderá dizer honestamente: sim, Deus é um só, é “*um nome coletivo*” que sintetiza a *grande causa* misteriosa, impenetrável, indefinível, diante da qual se agita intranquila, rudimentar ainda, sempre indagadora, a mentalidade humana!

Teístas e ateus, “*todos nós somos homens*”.

Uns e outros respiramos do mesmo ar, morremos da mesma morte, remergulhamos na mesma terra, provimos da mesma fonte.

Percamos o orgulho que nos é emprestado pela intolerância religiosa e também pelo falso conhecimento das ciências”. (Páginas 65 e 66).

E Han Ryner, em “Sínteses Supremas”, agnóstico e metafísico, nos ensina:

“No alegre domínio das antinomias, toda demonstração me aparece como muito ingênua ou muito hábil. Aqui, o louco é aquele que não dúvida; porém aquele que nada deixa transparecer de suas dúvidas, é um charlatão”.

E mais:

“Uma metafísica é obra pessoal, como um poema; procura satisfações pessoais. Impô-la, é loucura sacerdotal; propô-la, ingenuidade paternal. É preciso contentar-se em a expor”.

“Não digo a ninguém: Adote a minha metafísica. Eu diria, antes, a cada um: Experimente ver se não gozará de um grande prazer, procurando construir uma metafísica à sua medida”.

Han Ryner é ateu...

Essa é a atitude científica, de expectativa, em face da incógnita do Universo.

Porque o *sim* dogmático e o *não* dogmático se equivalem. Esse é o verdadeiro filósofo, de “o sorriso da dúvida e a música dos sonhos...”

Mas, permitida a nossa digressão, voltemos ao ponto de partida do nosso capítulo.

Não percamos de vista Mussolini...

Em *Popolo d'Italia* de 18 de novembro de 1919, depois de uma série de ofensas e injúrias grosseiras contra o Vaticano e o Papado, conclui:

“Só há uma revisão possível da *Lei das Garantias* e é a sua abolição, seguida do convite de novo em Avignon, ou (de conformidade com os gostos apregoados pelo Vaticano, durante a guerra) ir para o meio dos Boches”.

Nesse momento, toda contemplação, toda negociação, qualquer concordata com a Igreja era uma vergonha nacional, humilhação, atirar “lama nas páginas mais gloriosas do “Resorgimento italiano”. E agora, o fascismo, Mussolini faz desaparecer nos Autos da Fé os documentos do *Risorgimento!*

Em *Popolo d'Italia* de 28 de agosto de 1919, era do programa fascista o seguinte:

“Nós queremos o sequestro de todos os bens das Congregações religiosas e a abolição de todas as mesas episcopais que constituem um enorme carga para a Nação e o privilégio de um pequeno número”.

Mas, *Foglio d'Ordini* – o boletim oficial do fascismo, declarava a 21 de outubro de 1927: “Para a Itália fascista, não há dúvida e está fora de toda discussão que jamais será restabelecida, mesmo em proporção reduzida, o poder temporal que teve seu fim em 1870”.

Eugenio Chiesa (antigo ministro da Itália), na sua brochura “A

restauração do Poder Temporal dos Papas”, Paris, 1929), diz que Mussolini escreveu nas suas notas em uma brochura “Les Charlatans noirs” de Malot, publicada em Genebra, com um prefácio do antigo deputado Maurice Allard, esta declaração: - Neste da graça 1904, - (porque é desse ano a brochura) – mês de julho, o embaixador francês do Vaticano foi chamado e esperamos que esse fato seja o sinal da abolição da concordata. A república francesa realiza, dessa maneira, depois de mais de um século, os desejos da grande revolução contra o dogma católico”.

“L’Idée Libre”, revista mensal dirigida, na França, por André Lorulot, no seu nº de fevereiro de 1929, publica um discurso de Mussolini, impresso na Suíça em 1904, intitulado “O Homem e a Divindade” (Biblioteca Internacional de propaganda Racionalista – Chêne-Bourg, Genebra), do qual extraímos os seguintes trechos:

“O progresso continuo das ciências naturais vai, das cidades aos campos, dispersando as trevas densas da idade-média, e as multidões desertam das igrejas onde, de gerações em gerações, arrastam-se para rezar a um deus, monstruoso produto da ignorância humana”.

Assim falava “o homem da Providência”...

“O dogma é absurdo porque significa a imobilidade e o absoluto. Nada nesse mundo é absoluto, mas tudo é relativo. Nada é eternamente imóvel, mas há a transformação continua, movimento perpetuo das forças.

O dogma se apresenta à razão humana com um obstáculo ao progresso, porque impõe limites às incitações angustiosas, porém salutares da busca da verdade, porque refreia a livre expansão de todas as energias intelectuais.

A ciência vai destruindo os dogmas religiosos. O dogma criação divina é reconhecido absurdo”.

Nessa conferência contraditória com o pastor evangelista, Alfred Tagliatela, a 26 de março de 1904, na Casa do Povo, em Lausanne, cujo tema de controversia era: *Deus não existe. A Religião na Ciência é a o absurdo – na prática, uma imoralidade,- nos homens, uma moléstia, -* Mussolini citava a celebre frase de Marx: “A religião é o ópio do pobre”.

Agora, para governar como tirano, ministra ópio católico a toda a Itália!... à força.

Diz ainda Mussolini:

“Depois de haver demonstrado que o dogma religioso se apresenta ao espírito humano e à crítica racionalista como a “absoluta consagração do absurdo”, vamos ver como a moral religiosa é “imoral”.

Mas adiante:

“Os evangelistas são ridículos quando, em vez de estudar a Bíblia como documento de certo interesse histórico, querem dar-lhe um vida real e levar às massas os princípios do Cristo (que talvez nunca tivesse existido) como os princípios ético de uma moral sempre jovem, permanente, moderna, em completa harmonia com os tempos novos. O evangelho e a moral chamada cristã são dois cadáveres que os evangelistas tentam galvanizar, mas, é preciso dizer, aliás com pouco sucesso”.

“É, pois, claro que a moral religiosa é uma moral de resignação e sacrifício, que pode ser cara aos fracos, aos degenerados, aos escravos, porém que se converte em uma diminuição da razão e da personalidade humanas. Ela curva o homem para terra, fã-lo escravo da divindade, favorece a conservação dos sentimentos primitivos que se amarram ao ciclo ultrapassado da vida animal, transforma o “ser pensante” em “carneiro passivo”, que age no temor do Julgamento Universal.

“A moral religiosa é a emanção e o reconhecimento do “direito divino” que é a supressão da personalidade humana, e a “moral religiosa” reconhece uma tal supressão e legitima a renúncia que o homem faz de si mesmo no altar da divindade.

A “moral religiosa” apresenta os estigmas originais do autoritarismo, precisamente porque pretende ser a revelação da autoridade divina. Para traduzi-la em atos e a impor à humanidade, surgem as castas sacerdotais dos reveladores e, com eles, a mais “feroz intolerância”.

“É certo que a religião é uma doença psíquica, do cérebro, é uma contração e compressão do indivíduo, o qual, se profundamente religioso, apresenta-se a nós como um anormal.

A história de muitos santos, beatificados pela Igreja, é repugnante. Não é mais do que a profunda aberração do espírito humano à procura de quimeras ultra-terrestres; é um delírio que vai até os espasmos da paixão e acaba na loucura.

De sorte que muitos daqueles que, hoje, estão entronizados nos altares das igrejas católicas, foram doentes, histéricos, *déomanos e demonomanos*.

Hoje ainda, nos campos mais afastados da Itália e da Espanha, assistimos a fenômenos semelhantes. San Genáro, para o povo de Nápoles, a Senhora de Lourdes para o beatismo francês, não são aberrações análogas?

Se abrimos uma história das religiões, descobrimos que elas agiram patologicamente sobre o cérebro humano. Se, hoje, a Idade Média se retira para as sombras espessas dos conventos, devemos esse fato ao ceticismo triunfante, e se as moléstias epidêmicas religiosas do espírito não se apresentam mais com o terrível grau de intensidade de outrora, devemos à diminuição do poder político da Igreja, que, em outros tempos, fazia pesar sobre a cabeça dos povos uma chapa de chumbo”.

E mais ainda:

“Mas, o religioso se apresenta aos nossos olhos sob outra característica: *a atrofia da razão*. A faculdade pela qual o homem se diferencia das espécie animais inferiores, é a atividade do raciocínio. Ora, o devoto renuncia a explicar qualquer dos inúmeros fenômenos naturais, porque a fé lhe basta. O cérebro perde o hábito de pensar e o embrutecimento religioso *recalca o homem para a animalidade*.

Em resumo, diremos que o “homem religioso” é um anormal e que a “religião” é causa certa de algumas moléstias epidêmicas do espírito, para quais se impõe a cura dos alienistas.

A religião revelou-se em cheio como uma instituição tendente ao poder político para eternizar a exploração e a ignorância do povo”.

Parece incrível! É, esse homem, o Duce da Itália, o político que fez concordata com a Igreja e entregou a direção espiritual de 42 milhões de italianos ao Vaticano!

Esse “continuador de Nietzsche”, na frase irônica de Ludwig, diz agora o seguinte, nos seus “Colóquios” com o psicólogo alemão, falando do Cristianismo:

–“Mas, considerando o todo, as vantagens excederam os inconvenientes. Em certo sentido, o influxo do Cristianismo foi útil: uma fase de progresso na história da humanidade”. Depois de uma série de considerações, diz:

“Se o Cristianismo não chegasse a Roma imperial, nunca passaria de uma seita judaica. Esta é a minha íntima opinião”.

É o mesmo Mussolini! Eis como a estátua esculpe o estatuário!

Confundido com a sua obra, o escultor começa a ser modelado pela massa. A multidão fascistizada matou o Mussolini anticlerical, ateu feroz, inimigo da Igreja romana.

Também é bem verdade: o *não* dogmático tem a mesma força do *sim* dogmático... O ateu feroz e o beato são as duas faces da mesma medalha. Facilmente trocam os lugares. O ateu e o crente se equivalem. São os dois polos. Estão mais próximos um do outro do que o centro. *No meio está a virtude...* Nem crer, nem negar. Nem dogma da fé, nem dogma da negatividade *à priori*. Pesquisar, sonhar, buscar... “o sorriso da dúvida e a música do sonho...”

Mas, nem mesmo é bastante essa atitude, pois Mussolini, nessa controvérsia citada em *l'Idée Libre* dizia:

“Quando afirmamos que “Deus não existe”, entendemos, por essa proposição, negar a existência do deus pessoal da teologia; do deus adorado – sob aspectos variados e diversos modos – pelos devotos do mundo inteiro; do deus que, do nada, cria universo; do caos, a matéria – do deus de atributos absurdos e que repugnam à Razão humana”.

Eu assinaria essa proposição.

Mas, não posso conceber como uma coincidência se acovarda de tal modo, vendendo-se à glória do poder, e entregando 42 milhões de seres humanos à educação e à assistência espiritual da Igreja Romana - “para eternizar a exploração e a ignorância do povo”, segundo as expressões da sua conferência.

De que vale escrever essas verdades, elevar a consciência a tais alturas e depois vender-se, prostituir-se, calcar aos pés a nobreza e o altruísmo, trocar o pensamento revolucionário pela ação que avilta, pelo egoísmo que trai todo o povo e explora e persegue – exclusivamente pelo prazer satânico de governar, de martirizar, de subir ao poder a troco de descer até a bestialidade da tirania!

Esse é “o homem da Providência”.

Sim, porque “o papa, esse fascista de última hora – que, também ele, agiu como ditador, sem deliberação nem do Colégio dos Cardeais nem do Concílio dos Bispos – vai reunir em torno de si todas as reações europeias”. (Eugenio Chiesa, obra citada.)

Tem razão Chiesa:

“Pio XI esqueceu os crimes da Tcheca fascista, o assassinio do cura de Argenta, don Minzoni, as bombas enviadas contra o cardeal Ferrari, as devastações das sociedades cooperativas da Lombardia e da Toscana, as dissoluções das organizações do Partido Popular, dos “boy-scouts” católicos, da *Bonomelli*, sociedade para proteção dos emigrados italianos, dos bancos católicos; não quis lembra-se que, em novembro de 1928, a proposito da organização ginastica feminina, que era tratada militarmente, deplorava que “depois de vinte séculos de cristianismo, havia na cidade santa menos sensibilidade na educação da moça do que na Roma pagã; esqueceu-se, o papa, da encíclica na qual se lastimava do contraste entre a concepção do fascismo, fazendo do Estado um ídolo e a concepção individual sobre a qual é baseada a doutrina católica”.

Mas, o catecismo romano é obrigatório nas escolas italianas, a assistência religiosa às forças armadas, cerimônias civis e militares acompanhadas de serviço religioso, aumento do soldo dos padres, isenção total, presente e futuro, de impostos às congregações religiosas, casamento religioso valendo como o civil, o direito eclesiástico regulando todas as coisas concernentes ao casamento, extinção da Franco-Maçonaria, supressão da liberdade de associação, casamento indissolúvel, isenção de impostos sobre a sua profissão, perseguição a toda e qualquer outra religião na Itália, sob a chapeta de “toleradas”.

Logo após a assinatura da Concordata, foi suspensa a construção de um edifício protestante, pelas autoridades, sob o pretexto de violação do regulamento de arquitetura, - o grande colégio protestante metodista – no Monte-Mario, em Roma.

Mas, hoje “*para substituir o “Duce”, só há Jesus Cristo*”! Essa frase foi pronunciada pelo deputado Farinacci, secretário geral do partido fascista, por ocasião do assassinio de Matreotti.

\*\*

O Cardeal De Vio procurava convencer a Lutero: “Deves crer que uma só gota de sangue vertida por Cristo foi suficiente para a redenção do gênero humano e que todo o resto que ele verteu na Cruz foi deixado em

herança ao papa afim de formar com ele um tesouro no qual todas as indulgências serão alcançadas”. (Chiesa.)

“*Libro e Moschetto*”, jornal fascista da Universidade e dos universitários, sob o alto patrocínio do fãscio de Milão, comentando o Tratado de Latrão, coloca o fascismo acima dos princípios cristãos, porque “*o fascismo está destinado a se impôr ao mundo inteiro*”, embora, *para uso externo* e Mussolini afirmando que “o fascismo não é artigo de exportação”. O referido jornal comenta que, “se o tratado de conciliação é a expressão da vontade precisa da nova Itália de se aproximar da Santa Sé, não como detentora do princípio religioso cristão, mas, como detentora da maior organização espiritual que existe no mundo, com a intenção de *se substituir à Santa Sé na direção dessa organização* que, tendo perdido a ideia conquistadora, continua a existir só pela sua inércia, e a vivificar com a nova ideia fascista para a atirar em caminho da conquista espiritual do mundo, então podemos seguramente afirmar que o 11 de fevereiro de 1929 passará à história como o princípio da realização do império mundial sob a base espiritual econômica da Itália fascista. Agindo assim, a Itália de Mussolini não fará mais do que seguir o exemplo do que o Cristianismo fez com o Império de Constantino, no quarto século de pois de Cristo, e do que a Itália “humanista” fez no século XVI, com o catolicismo”.

Não é modesto o sonho imperialista de Mussolini. Como Gog, quer os monarcas do mundo aos seus pés:

## PAPA E IMPERADORES

Não é a toa que Mussolini anuncia a Ludwig ter determinado a sua ação *em grande estilo*...

Mas, vejamos ainda um período de *Libro e Moschetto*:

“Por essa razões, a Itália que, hoje, com o fascismo, encontrou a única ideia que pode salvar o mundo da anarquia, deve aproximar-se do catolicismo – unicamente *para apoderar-se de sua organização mundial* e impor ao mundo essa ideia “salvadora” que é sua.

Se tal é a significação do recente tratado de conciliação, a mocidade italiana só pode saudar nele, o gênio previdente de um homem que escolheu o grande caminho para conduzir a Itália do lictor ao seu Império e

ao seu poder mundial...”

Ação em grande estilo...

O povo tosquiado pagará todas as despesas: - 1.750.000.000 liras! Foi o preço da prostituição religiosa de Mussolini.

E o padre Roothaan, geral dos jesuítas, no Congresso de Chieri (Chiesa) declarou:

“Em verdade, nosso século é extremamente delicado. Imagina-se que as cinzas das fogueiras estejam completamente extintas? Que não há nem um pequenino tição para acender uma só tocha? Os insensatos, chamando-nos Jesuítas, acreditam nos cobrir de infâmia... Mas, esses Jesuítas lhes reservam a censura, a mordação e o fogo... E, um dia, serão os senhores de seu senhor”.

Agradecemos a Chiesa a sua brochura tão documentada.

E o fascismo, o racismo, o integralismo, a Concordata, jesuítas, o Vaticano, toda a reação, monarquia, republicas, ditaduras, tudo se alia para o advento dos Autos de Fé e da Santa Inquisição por sobre todo o Orbe.

E cabe a Mussolini o triste papel de trair o gênero humano pelos trinta dinheiros da Ditadura, crucificando a evolução aos interesses do seu despotismo de “volontà di potenza”.

E é esse tirano que tem a petulância de dizer que quer fazer da sua vida uma obra-prima!...

Escultor de montanhas...

De um lado Mussolini representa Constantino – o político que assegura a força do seu poder à custa de dar mão forte à organização católica romana.

De outro lado, representa Inácio de Loyola que levanta a igreja em uma fase da sua decadência – para se apropriar da sua organização que lhe vai assegurar o poder, a glória e a força de se impor ao mundo como Papa-Imperador.

Duas vezes infame, duas vezes traidor, duas vezes maldito por todas as desgraças que os eu gesto de covarde e aventureiro fará recair sobre a evolução humana.

Todos os seus aliados são menos criminosos. Hitler não foi revolucionário, não foi anarquista, não pregou nem escreveu, nem percebeu, nem sentiu dentro de si a evolução pela qual atravessou

Mussolini.

Não houve, desde Constantino e desde Inácio de Loyola outra figura mais nefasta para o gênero humano.

Não se pode pressentir até aonde nos pode levar esse gesto desgraçado de Mussolini.

É o começo de uma nova era, a era mussoliniana. A glória das mãos ensangüentadas, a glória de todas as traições, a glória de Constantino, e a glória de Inácio de Loyola, a glória de acender de novo no mundo as fogueiras da Santa Inquisição.

O sonho de Mussolini cresce cada dia. No discurso da comemoração do ano XII do fascismo, o Duce pontifica: “A Revolução Fascista não é apenas o privilégio e o esforço da Itália, mas, a palavra de ordem e a esperança do mundo”.

## A AUTORIDADE DO ESTADO

O imperialismo cesariano de Mussolini transparece ainda em seus artigos dos últimos dias deste mês de Março de 1934:

“A Itália não rompeu os laços do passado, senão que restabeleceu esse passado de maneira ainda mais forte, não tanto seu passado recente, mas, o passado eterno e glorioso, iniciado em Roma e Florença, e mais tarde, o sábio governo da Republica de Veneza, cujo lema era “*A Autoridade do Estado*”.

O passado glorioso do império romano está na história do Cesares, deste os Antoninos com Marco-Aurelio – filósofo nas horas vagas, quando não era imperador romano, até Nero, Calígula, Heliogabalo Cômodo e a série ininterrupta desses histriões trágicos, até Messalina e Lucrécia Bórgia, até os papas e o alto clero da voracidade, da libertinagem, dos Autos da Fé, do Santo Ofício e do Tribunal da Inquisição.

A glória de Roma está estampada de sangue. Roma foi a Capital da corrupção, a “Grande Rameira”.

Vejamos ainda a palavra de Mussolini na assembléia quinquenal do fascismo. Extraímos de *Popolo d'Italia* (Milão), alguns trechos deste grande discurso:

“Tanto em politica com em economia, nós nos encaminhamos para

outras forma de civilização.

“As forças políticas do último século, democracia, socialismo, liberalismo, franco-maçonaria estão esgotadas.

“O Estado retoma o seu prestígio e seus direitos, como interprete único e supremo das necessidades da sociedade nacional. O povo é o corpo do Estado, e o Estado o espírito do povo. Na ideia fascista o povo é o Estado e o Estado é o povo.”

Como isso é idiota: jogo de palavras. Nenhuma significação. Só pode mesmo embasbacar aos fascistas.

As forças esgotadas são todas as forças burguesas, compreendidas as do fascismo, essencialmente burguesas, na palavra, na ação, na ideia, na “camuflagem” dos “retoques no velho capitalismo degenerado”...

“O Estado fascista corporativo, é o Estado onde governa a polícia”, a espionagem e a delação. Isso é velho e burguesíssimo. Isso é da Roma dos Cesares, da Roma dos Papas, da Roma política e religiosa.

É o próprio Mussolini quem o confessa nesse discurso:

“Depois da Roma dos Cesares, depois da Roma dos Papas, há hoje a Roma fascista que, *pela simultaneidade do antigo e do moderno* se impõe à admiração do mundo”. O grifo é nosso.

O antigo – conhecemos de sobra. E o moderno é igual ao antigo, não: é a caricatura do antigo. Mais trágico, porque é moderno...

A nossa compreensão dessa dolorosa tragédia torna-a ainda mais angustia.

Estamos em pleno século XX e ainda os povos admiram a Loba Romana! É tragicamente trágico... Ainda o mundo aguenta um Mussolini!

Há ainda povos, que pedem o manganelo e o óleo de rícino! Todos querem governos fortes! E há que cite seriamente as frases desse truão macabro, herdeiro genuíno da glória dos imperadores déspotas e dos papas lúbricos!...

O fascismo se orgulha da Roma dos Cesares e da Roma dos Papas!

O povo romano aplaudia os tiranos porque era escravo, ou ganhava a vida como gladiador.

Hoje o povo aplaude porque, se não tem corpo escravo aos senhores, a sua alma é alma de escravo, aviltou-se até a baixezinha de aplaudir por servilismo. Não tem o estoicismo de morrer como os que repetiam: *os que*

*vão morrer te saúdam*. Não têm a virilidade dos que morriam como gladiadores – para divertirem ao povo no circo.

Hoje, o descarater e a covardia se ajoelham diante dos bandidos e dos salteadores da politica ou da religião, da bolsa ou da consciência...

Estamos numa época em que pontificam os Mussolini, os Hitler, os Stawisky, os Tonko (Antônio Mikik do Banco Comercial del Plata), e os “gangster” Dillinger ou Al Capone...

Roma dos Cesares... Roma do Vaticano... Roma Fascista... Um simbolo!...

Nesse mesmo discurso, tratando do aumento da população – a menina dos olhos de Mussolini – o ditador diz:

“A potência militar do Estado e a segurança da Nação estão ligadas ao problema demográfico, problema angustioso para todos os povos de raça branca e para o nosso também. É preciso afirmar uma vez mais e da maneira mais peremptória que a condição insubstituível da primazia é o numero. “Sem o numero, tudo decai, tudo se esboroa, e tudo morre.

“A ideia que o acréscimo da população determina um estado de miséria, é tal modo idiota que não merece mesmo ser refutada. Seria preciso começar por demonstrar que a riqueza não nasce de uma multiplicação da vida, mas de uma multiplicação da morte”.

Isso é anti-científico. Não é com sofismas dessa ordem que se vai negando a lei de Malthus. O neomalthusianismo não é a multiplicação da morte. Isso é malabarismo de palavras.

Justamente o neomalthusianismo evita a morte pela defesa da vida e cultivo da força de um numero limitado. Como tratamos do problema neomalthusiano em outros estudos, inútil repetir aqui o que dissemos alhures.

E a primazia não é do número – é da qualidade.

Mussolini prega o princípio da “revolução permanente”. Mas, confunde “revolução permanente” e pantomima permanente...

Ele cultiva o entusiasmo emocionante das multidões fascistas mediante as paradas, os emblemas, os penachos, a música de guerra, os discursos, os gestos romanos, os uniformes vistosos, o aparato teatral italiano.

Chama a isso “revolução permanente”... Mas toda gente se satisfaz com seu espetáculo e a sua carnavalesca e a sua oratória de palavras. E as

suas frases são distribuídas à imprensa mundial como o credo da era do século XX. Mas, parece incrível que o gênero humano, tenha chegado a tal superficialidade!

Entretanto, as cifras provam o contrário. “Lu”, de 23 de Março de 1934, na página 8, publica um artigo de um observador e testemunha britânica em torno do Estado corporativo italiano, documentado, no qual é confirmada pelas cifras a contradição entre a fala de Mussolini e a realidade prática.

Os salários italianos baixam cada vez mais e o custo da vida sobe...

Não tenho espaço para documentar, mas, peço ao leitor para ler o nº de “Lu”. Quanto aos desocupados: A crise na Itália começou em 1927. O Instituto de Estatística da Universidade de Roma, publicação prudentemente suspensa desde 1931, nos deu as cifras dos sem-trabalho, até aí.

Em 1925, havia na Itália 156.659 desocupados; em janeiro de 1929, 439.000; em fevereiro de 1932, 1.200.000; e em abril de 1933, um pouco mais de um milhão, nos diz o referido articulista. Em novembro de 1932, 185.000 receberam socorros mínimos. Por 1.035.000 desocupados. Como vivem os outros? Nada se diz a respeito. Conclui o jornalista, depois de uma série de dados e documentação:

“Os admiradores do Estado corporativo só tem que estudar as condições econômicas atuais da Itália para ver que não têm nada de brilhante, embora as afirmações da propaganda fascista; aqueles que imaginam que o sistema corporativo representa uma nova formula de economia nacional, podem verificar que esse sistema foi estabelecido graças a alguns simples retoques no velho capitalismo regenerado... Em realidade, o Estado fascista corporativo não é senão um Estado onde a policia governa”.

## O VATICANO JÁ É COMUNISTA!...

“A Lanterna”, no seu nº de 19 de Abril de 1934, transcreve, no nº 21 de outubro, da revista “Documentazione Cattolica”, órgão oficial composto no Vaticano, qualquer coisa muito interessante que revela uma época e constitui um simbolo da fantástica propriedade de adaptação da Igreja

Romana.

Psicólogos extraordinários, os santos padres católicos já perceberam a derrocada do capitalismo.

O Vaticano, muito perto de Mussolini e do fascismo, percebeu também que o regime de “l’Italia d’oggi” é coisa passageira...

Sendo assim, urge tomar novo caminho. O vaticano olha, observa, apalpa os progressos do comunismo... E já deliberou, antecipadamente.

Há mais de três anos que venho dizendo aos meus amigos: se não houvesse outros motivos para eu não aderir ao partido comunista, adepto do Estado proletário, chamado – haveria o motivo básico: - o fato de “toda gente” ser já “comunista”...

“Toda mundo” é comunista... sem saber mesmo o que é comunismo, sem conhecer o que seja comunismo, o que é marxismo, o que é o Estado bolchevista ou soviético.

Mas, o comunismo já tem o seu rebanho. E isso seria já o bastante para eu não ser comunista, se não fora individualista...

Agora, o Vaticano vem confirmar a minha atitude.

O Vaticano, o clero também já é filo-comunista!...

Vejamos a documentação:

“O catolicismo, diz a referida revista, como sistema e como ética, tem sempre mantido o capitalismo a grande distância. Ele sempre procurou vence-lo, pois a fonte e o espírito do capitalismo são evidentemente contrários a Deus”.

Mas, que desfaçatez! Para comprova-lo, bastam as rendas da prostituição, angariadas pelas prostitutas amantes dos Papas, na Roma gloriosa. As riquezas do clero e o meio de a obter, a ferro, a fogo, a veneno, são páginas de todos os capítulos da história da Igreja Romana.

Mas, o órgão do Vaticano é muito mais positivo e traça já uma diretriz:

“Eu penso que nenhum papa oporia barreira ao caminho do marxismo, se o marxismo permitisse alguma fresta por onde este espírito da Eternidade pudesse infiltrar-se nas massa operárias, se ele oferecesse alguma superfície segundo o espírito cristão, conservando-se o quadro da sua organização exterior”.

Essa é a negação diante da República Soviética.

Foi assim que a Igreja fez em todos os tempos. É uma Messalina, a

“grande infame” que, com cinismo revoltante, presta-se a tudo, entra em qualquer combinação – para perpetuar a sua vileza e macular todas as épocas.

Essa declaração é muita significativa. Prova:

1º- Que o fascismo está em decadência, apesar de todos os discursos de Mussolini, e apesar das paradas dos camisas-pretas.

2º- Que o mundo cristão, na sua faina de espionagem por todo o orbe, vê que a sociedade caminha inevitavelmente para o comunismo – porquanto o fascismo repugna às consciências mais esclarecidas e está em plena decadência;

3º- Que Hitler, irritado, violando, massacrando, torturando, supondo dar forças ao fascismo, foi mais prejudicial ao regime e contribuiu diretamente, com os seus processos violentíssimos, para a decadência do regime fascista, tornando-o ainda mais ridículo e odioso.

4º- Que a Igreja já está em um decadência tal que não mais pode encobri-la. Que precisa assumir uma atitude decisiva e agarrar-se a uma tabua de salvação para não naufragar de vez.

5º- Que a Igreja não pode tirar as vantagens que aspirava dentro do regime fascista, embora todas as concessões de Mussolini e a Igreja unida ao Estado fascista.

6º- Que há luta surda entre o Fascismo e o Vaticano.

De qualquer maneira, a declaração da revista oficial da Igreja Romana, se representa o simbolo da adaptação desse polvo, ao mesmo tempo nos diz que os tempos são chegados...

Vão enterrar-se mutuamente.

Porque, não podemos injuriar a Rússia soviética, não podemos supor que aquele punhado de homens de valor, que derrubaram o tsarismo feudal e construíram, seja como for, uma sociedade nova, cheia de esperanças e forjada à custa do trabalho estupendo de toda uma geração nova de trabalhadores, intelectuais, cientistas, artistas e pensadores, não podemos imaginar que aquela gente admirável seja capaz de dar a mão à Igreja para continuar a escravizar a alma humana.

Não. O marxismo é a negação da Igreja. E a Rússia Soviética vai levantando os alicerces de um mundo novo, aonde não haverá lugar para o Vaticano.

E o proletariado do mundo inteiro não suportará mais o guante feroz e voraz da Igreja Romana.

As “massas” fascistas, racistas ou integralistas saem da pequena burguesia inconsciente e insatisfeita, comprada pelo capitalismo, ou saem dos ex-combatentes da grande guerra, são os “gangsteres”... ou os Johan Bogdân das trincheiras e do crime.

O proletariado mundial começa a sacudir a juba e não quererá mais suportar a carga da Loba Romana – fascista, capitalista e clerical.

Findou-se o ciclo.

A declaração saída do Vaticano encheu-nos de profunda alegria!

Não é possível que o mundo proletário, que o ciclo da civilização, que vai começar uma nova era, levante a Igreja Romana da sua decadência, pactuando com a sua depravação e a sua voracidade milenar.

\*\*

Não cabem mais, nos limites deste livro já volumoso de documentação, o capítulo do banco pontifical da usura... O capítulo da história dos jesuítas, por exemplo, ou outros dados históricos – para comprovar a razão do desdem da nossa consciência livre para com esta civilização de vampirismo.

Mas, estamos certos de que estas páginas bastam para conhecer o que é o fascismo e saber o papel da Igreja Romana desempenha no caos da nossa sociedade bestial, de aventureiros e proxenetas da bolsa e da consciência.

\*\*

Sou como aquele louco de Andreas Latzko: será possível que se possa esquecer por um instante a dor humana?

Tornar-se insensível à luta de morte espalhada já no Oriente e na América?

Será possível que se possa gozar a vida, sabendo que criaturas humanas arrastam as vísceras dilaceradas no arame farpado ou, em decomposição, os pulmões envenenados pelos gases – nas guerras de extermínio da nossa civilização de bárbaros?

Desgraçadamente, o intelectual de hoje é um Marinetti prostituído. Acovardou-se diante da luta econômica. Para alimentar o corpo, vende a alma. Presta-se a tudo. É o “camelô” das tiranias.

Não lhe sendo fácil vender o corpo, porque os há de graça, no servilismo aviltante aos potentados, vende a consciência, deixa-se violar por todos, vende os corpos do proletariado para as bocas dos canhões e vende a liberdade de pensamento dos idealistas pelos 30 dinheiros do salário infame, recebido no balcão da imprensa diária – a serviço dos tubarões do poder e dos “super-elefantes” da indústria e do capital. Entre nós já há tipos de jornalistas acatadíssimos que são repugnantes.

Dentro desse cenário vil de tartufismo, em toda parte do planeta, o mundo do pensamento tem a preocupação de joeirar por entre a intelectualidade e fazer destacar as figuras excelsas de pouquíssimos artistas e pensadores que não puseram na porta da sua banca de indústria – a placa da covardia e do cinismo: “Consciência à venda”!

Os avanguardistas e forjadores do porvir são realizadores excepcionais daquele milagre de sinceridade e do prodígio da harmonia que constituem o verdadeiro herói, o que comunga onde quer que haja beleza e jamais se perde a orar diante de um altar único...

São os que vemos um pouco por toda parte, semeando, ao leu, uma nesga de beleza ou um gesto heroico de solidariedade incondicional, e não os encontramos em parte alguma... nem os vemos fechados dentro de partidos ou algemados a igrejas, a grupos, a sociedades...

Ninguém precisa associar-se a blocos de homens ou de mulheres para sentir a beleza ou para espalhar o exemplo nobre de uma atitude ou realizar um ato enérgico de suprema reação à rotina ou ao servilismo e à imbecilidade humana.

Podemos entrar, sem compromisso gregário, sem nos determos, em todos os grupos, em todos os partidos, levar o nosso esforço por toda parte onde quer que possamos pressentir um motivo de estética, ou surpreender a dádiva de um sonho generoso.

São esses os artistas do Absoluto, os cavaleiros andantes da vida eterna – porque isto, por aqui, tornou-se muito pequeno para o nosso sonho alado e constitui uma hipótese banal o regime de uma sociedade de exploradores, emparedada por um horizonte ocupado pelo infinito da imbecilidade

humana, no toque de reunir dos interesses disputados na “loucura planetária” das guerras econômicas.

A Arte tem de penetrar todos os desvãos dos problemas sociais em busca de um motivo de beleza, integrar-se na dor universal, viver onde quer que seja, para presentir cada estremecimento de sonho ou uma nesga de idealismo em busca da solidariedade humana na dor ou no anseio da Perfeição.

A Arte deve possuir uma bondade inesgotável para ser a própria Beleza semeando uma dádiva de amor, esparzindo a altivez eloqüente da simplicidade que se perde quase no anonimato humilde dos simples, isolando-se, mas, sabendo manter esse espírito de revolta contra a vulgaridade, a exploração, a torpeza, a mediocridade e a rotina dos domesticados, porém, olhando tudo com um sorriso bom para todos, tão puro que não pretende humilhar.

Cada tristeza interior deve transparecer no sorriso irmão da alegria vizinha, porque Alegria deve ser a eterna criadora de harmonia.

Cada Artista deve estar sempre à espreita para vigiar dentro de si mesmo e exclamar, como sentinela sempre postos, vigilante ao despertar do troglodita!

“Voilà lê papou qui remonte!”<sup>6</sup> E, nenhum de nós tem mais o direito de permitir o despertar do papou interior...

\*\*

Esse ecletismo estético vem de um largo espírito de tolerância compreensiva, porque, a intuição do artista humano sabe que muitos são os caminhos...

As lutas terríveis do pensamento, fechado em seitas e partidos, em grupos e em igrejas, têm a sua origem no sectarismo, têm a sua raiz na ortodoxia das verdades organizadas.

O Artista deve chegar à conclusão de Krishna-murti, naquele apólogo:

***“O Diabo e seu Amigo”***

---

6 **Une nuit d’orage.** Georges Duhamel.

“Descendo uma rua, viram a sua gente um homem abaixado e apanhar no chão alguma coisa, a qual foi examinado minuciosamente e guardada com cuidado no bolso. O amigo perguntou ao diabo:

-Que foi que apanhou aquele homem?

- Um fragmento da verdade –respondeu o diabo. Eu o farei organizar a Verdade”.

É a verdade organizada a causa de todas as males sociais. Enquanto procurarem organizá-la – seja no campo das lutas dos partidos políticos, ou dos embates religiosos ou das reivindicações revolucionarias e reacionárias de todos os matizes – em qualquer terreno – viveremos no mesmo caos social de tartufismo e incompreensão.

O diabo, aqui, é a própria sociedade... são os grupos detentores da Verdade, e que querem impor a sua verdade a todo o orbe terrestre – tenha ela o nome de fascista, comunista, católica, espírita, cristã, anarquista, teosofista, liberal democrata, nacionalista-socialista, - sufocando as verdades dos outros.

Cada qual julga estar com a verdade, cada qual “sente” que tem uma missão a cumprir... Defendendo a sua verdade contra a verdade de outrem.

Cada grupo de bate pela verdade, contra a verdade de outros grupos e de outros indivíduos.

E mais a convicção de estar com a verdade é arraigada e mais as lutas são encarniçadas.

Daí, a organização da verdade em religiões, em filosofias, em grupos revolucionários ou reacionários, em ciências, em arte, em academias, em lutas de classes, em princípios sociológicos – para a defesa da verdade própria.

É, pois, um perigo o individuo convencer-se de estar com a verdade: são as perseguições, os autos de fé, as fogueiras, os degredos, todas as Siberias e as Clevelandias ou os Biribi do Sectarismo, seja vermelho ou tzarista, democrata, clerical, romano ou fascista.

É a defesa agressiva de todos os detentores da verdade, porque cada qual afirma: fora da minha igreja não há salvação.

É a autoridade animal, o espírito de autoridade dentro de cada ser humano – a causa das organizações sociais.

Nós atacamos os governos, as religiões, industriais, a concorrência

comercial, e a causa de todo o nosso mal estar é a sociedade em si. Religiões, governos, não são filhos das sociedades, da organização social. E a economia política sabe disso, quando afirma:

“Cada povo tem o governo que merece”... Como todos os governos são excrescências...

As organizações se substituem umas às outras... Porque, a causa está em nós mesmos.

O que é preciso é a não-cooperação com a sociedade.

O que seria necessário é a solidariedade de todos no gesto individualista... contra a bastilha burguesa das quatro castas parasitárias: políticos, clero, militares e exploradores industriais. Mas, não para formarem outras castas com outros nomes...

Seria a não-cooperação com o Estado, com a religião, com a caserna e com os exploradores e proletariado.

Abster-se de toda função pública de ordem administrativa, judiciária, militar; não ser prefeito, juiz, policia oficial, político ou carrasco. Não aceitar funções que possam prejudicar a terceiros. Não ser banqueiro, intermediário em negócios, explorador de mulheres, advogado, explorador de operários. Não ser operário de fabricas de munições ou armas de guerra, não ser operário de jornais clericais ou fascistas (difícil!...) Recusar Ser instrumentos de iniquidades. Sacrificar o corpo, si for preciso – do numero das cousas diferentes para o estoico – afim de não sacrificar a razão, a liberdade interior ou a consciência.

Não denunciar, não julgar, não reconhecer nenhum ídolo – nem reacionário, nem revolucionário. Não matar. Resistência ativa, ação direta, a nova tática revolucionaria de suprema resistência ao mal: a não violência.

Aí esta um programa mínimo de não-cooperação. Quem o puder seguir... que heroísmo!

O governo de hoje tanto é um produto da organização social capitalista que estamos assistindo ao espetáculo deprimente do sabujismo de Estado, de joelhos entes de potencia açambarcadora de Capital.

Daí o imperialismo da libra ou do dólar. É ingenuidade, suprema ingenuidade, qualquer tentativa social - pela violência - contra o imperialismos. Lá esta a China martirizada pelo Japão. Si são os imperialismos econômicas que fornecem o dinheiro e as armas para o

governo e os rebeldes!

\*\*

O mundo, hoje, é dos bandidos.

O Estado “líder” da civilização mundial capitalista curvou-se, reverente, diante da força do banditismo organizado.

Na há, nas grandes cidades estadunidenses, nem um só médico, um só advogado com clínica segura se não faz parte de uma organização poderosa de banditismo.

No país da cadeira elétrica dominam os bandidos e escroques milionários. O maior bandido dos tempos modernos, Al Capone, o técnico do banditismo estadunidense, o “rei do roubo” é bem o simbolismo da civilização ocidental.

E, nada de extraordinário, se Al Capone for, amanhã, o Duce dos Estados Unidos da América do Norte.

Como nas novelas de capa e espada ou nas aventuras policiais da literatura de cordel, o mundo inteiro está nas mãos dos piratas e salteadores. E a Internacional Armamentista, da gente honesta, dos Rokcfeller, dos puritanos e filantropos, dos diplomatas e estadistas, fornece as armas, o dinheiro e os pretextos...

O Estado Capitalista é uma quadrilha legalmente organizada pelos proprietários, para explorar o trabalhador. Os outros, são lacaios, sem mesmo se aperceberem...

É queimado o trigo, o café, enquanto os milhões de esfomeados que os produziram morrem de inanição ou aceitam, à força, a humilhação da esmola de um prato de sopa ou do albergue noturno para os sem-trabalho.

E a perversidade chegou ao cumulo, se é verdade que na Argentina queimaram-se carneiros, porcos nos Estados Unidos e vacas na Holanda!

Não posso crer. A minha consciência recusa-se a dar crédito a esse gesto inominável de crueldade: fazer produzir para destruir friamente.

E os métodos desse banditismo servem para o roubo ou para assalto ao poder. No país do dólar, as quadrilhas exigem dólar. Nos países do idealismo teórico e exaltação patriótica, as quadrilhas se organizam para assaltar o poder.

Mussolini, Hitler, Al Capone, os raptos de crianças e as gerações de “Balilla” por eles guiadas – são bem os sinais dos tempos ou o produto do regime burguês capitalista, o qual por demais já demonstrou, pelos métodos mais técnicos da técnica moderna – que o Direito é a Força!

Os políticos profissionais, vendo que estão perdendo terreno, porque o Estado vacila com o Capitalismo, tornam-se bandidos profissionais para continuar nos mesmos postos do poder e do assalto ao erário público. Surgem as expedições primitivas. É o fascismo. É com a imprensa covarde e vendida e com o funcionalismo público subserviente e domesticado que os Mussolini, Hitler e Al Capone contam, para levantar as bases da nova organização social de punhos firmes – para o assalto à bolsa e a consciência.

Não é mais necessário procurar derrubar o Estado capitalista. O poder já está noutras mãos. Os chefes dos governos são os serviçais do banditismo. Os métodos se aperfeiçoam. A tirania dos governos matou a Lei, e o Estado passou das mãos dos políticos profissionais. Quase sempre os homens são os mesmos...

A burguesia decadente provocou a falência do Estado. Os seus métodos requintaram-se, tornaram-se o apanágio dos bandos formados pelas modernas ditaduras dos fascistas ou dos *gangsters*...

Calar hoje é ser cúmplice.

Pratiquemos o crime inominável da coragem, no meio da covardia e do cinismo da hora presente.

\*\*

Como “a guerra é o para-raios colocado no Templo do Ricos”, estamos em plena guerra: há mais de 75.000.000 de desocupados que devem morrer, para tranquilidade momentânea dos filantropos. Para dar tempo ao tempo...

“O sistema capitalista leva em seu seio a guerra, como a nuvem leva a chuva”. De repente, desaba.

Já Napoleão dizia: “l'argent fait la guerre”.

E o círculo parece vicioso, mas, na América, tudo faz parte da doutrina Monroe. Os países da América Latina estão falidos. De onde tirar dinheiro

para eterna mascarada dos festins políticos, senão dos dois imperialismos que disputam, entre si, a posse do Continente?

Com esse dinheiro, governos e chamados revolucionários – políticos e militares, fazendeiros e capitalistas, os que mercadejam com o poder, compram armas para brigar, não eles, porém as massas, que vão para o açougue cantando hinos, seguidas do heroísmo sem par das “senhoras” e das melindrosas patrioteiras e madrinhas dos “poilus”.

Porque as guerras modernas não se fazem sem mulheres e sem jornalistas...

Mas, também não há guerras sem armamentos.

E estadunidenses e ingleses esfregam as mãos de contentes. Mas, os seus jornais nos ridicularizam, mostrando ao mundo como são “pitorescas” as revoluções na América Latina. Isso se deu há pouco, por ocasião da famosa “arrancada bandeirante”.

O dinheiro e as armas nos vem da Inglaterra e dos Estados Unidos, de quem já somos vassalos.

Então, armamos revoluções e guerras – para servir aos imperialismos que se querem ver livres dos 75.000.000 de sem trabalho – e nisso estão pleno acordo – e depois, aí é que divergem – tratarão de se apossar dos mercados mundiais.

Para dar tempo ao tempo, matam os desocupados. É uma solução...

Enquanto houver Estados, haverá força armada para sua manutenção e policiamento das fronteiras. Enquanto houver capitalismo, haverá Estado e capitalismo haverá guerras.

A formula feliz para o desaparecimento das guerras, seria fazer desaparecer o dinheiro, para por abaixo o Estado.

É lá possível? Todos dizem que não... O homem é muito estúpido para realizar a felicidade. É muito perverso para poder compreender a liberdade do próximo.

A anarquia não teve ainda anarquistas: é a mais santa utopia sonhada pela ingenuidade e pela pureza de um Réclus ou de um Kropotkine. Minto: conheço um anarquista: Cristo.

Os outros, os grandes, são os revolucionários da anarquia, os precursores, avanguardistas, os de boa vontade.

Muitos supõem que são anarquistas... Batizam-se, eles mesmos. São

burgueses rotulados pomposamente. “Ce sont des libertaires qui ont les idées de ma grand-mère...”

E são tantos... Quase todos... Anarquistas que se zangam conosco porque dizemos essas coisas... porque não acreditamos na existência de anarquistas...

Os anarquistas que conheço, todos? Quase todos, - anarquistas porque são autoritários...

Eu desconfio sempre dos rótulos. Mussolini foi anarquista. Mussolini foi socialista.

Os comunistas russos são comunistas de Estado! Não compreendo comunismo de Estado. Não compreendo comunismo à força. Não chego a compreender comunismo com governo, comunismo sob ditadura... Comunismo é comunismo, e mais nada. Nem Estado, nem ditadura, nem governo.

O gênero humano não sabe viver sem o rebenque do capataz, sem os donos e senhores, sem o chicote do feitor, a quem prestar a homenagem máxima da sua eterna imbecilidade servil.

Todos reclamam governos fortes!

E aqueles que são contra a autoridade, são intolerantes e autoritários...

Se conseguissem eliminar os governos (isso é utopia em nossa época) subsistiriam por outra, a organização social, esse maquinismo admiravelmente assentado no servilismo e na estupidez acarneirada das multidões que aplaudem a todos os “magarefes e afiadores de facas”.

E as turbinas e dínamos desse maquinismo apenas mudam de nomes... É uma fatalidade assentada na imbecilidade humana eterna e infinita.

Há sempre numero para todos os partidos.

Eliminada essa organização social, surgirá outra, regulamentada pela vontade de um grupo que a sustentará pela força, pelo dominismo, pela violência – sob pretexto de ter de salvar a humanidade.

E são os salvadores que precisam do militar, da policia, do Cambucí, da Clevelândia, do Biribi ou da Sibéria.

Inútil. É o coche social: uns sobem, outros descem. À força. E todos se agarram aos respectivos lugares e cada qual procura assaltar as posições já ocupadas. Salve-se quem puder. Os ingênuos têm a cabeça cortada, para não serem idiotas. É preciso ser prático.

É a palavra de ordem dos salvadores é dirigir, governar, impôr a sua vontade.

Não é a autoridade que é preciso combater: é o instinto animal de autoridade, desperto em todos os seres humanos. E o espírito de autoridade não pode ser combatido pela violência – que gera a violência – e desperta todos os trogloditas adormecidos dentro de nós.

“É o cérebro do indivíduo que se deve destruir o Estado, camaradas anarquistas, não nas barricadas”, é o que diz Leon Drovar.

Mas, “pedir a um homem que expulse a paixão e o egoísmo de seu coração; que seja bastante tolerante para acolher todas as sinceridades e extrair dele um esforço maior que o de se “cotizar”, ouvir um orador, insultar um adversário, ostentar um insígnia ou provocar a autoridade.

A revolução moral produzirá mais benefícios que a sangrenta, cujo o venenoso fruto é a ditadura”. (Gerard de Lacaze – Duthiers.)

E mais: “Estamos com os revolucionários (trata-se, aqui, dos verdadeiros...) cda vez que se proponham lutar contra a ignorância e o egoísmo, porém, eu os enfrento quando atraíam o seu ideal e procuram atrair e mobilizar a ignorância e o egoísmo para transformar a sociedade.

“A revolução se fará quando os indivíduos tenham compreendido que não é suficiente, para ser revolucionário, obedecer a uma voz de comando ou tomar um fuzil para atacar ao inimigo, e que, para merecer esse título, é necessário possuir uma alma e uma consciência”.

Mas, essa alma não pode ser uma alma clerical e essa consciência não pode ser a consciência do armamentista, do político ou do militar profissional.

As palavras nada exprimem, porque são as mesmas na boca de toda gente.

É preciso ser humano e ter saltado fora dos tapumes do redil social, ter deixado de ser um número no rebanho servil da domesticidade; é preciso ter sentido a fome no estomago dos outros; é preciso ter alargado o espírito de tolerância, para compreender as razões do próximo e não para tentar impor a autoridade da sua verdade contra os sonhos e as verdades dos outros idealistas.

E não será mais necessário impor pelas armas a revolução, porque, então, já foi realizada no mundo moral.

Porque as massas aceitam uma carabina ou a tomam, liquidar com o inimigo, seguem, cega e apaixonadamente, a voz do seu comando, e, tanto estão preparadas para defender o fascismo, como o nazismo, como o perrepismo, como o comunismo... Depende dos jornalistas, da palavra de ordem e... das mulheres.

A Itália era o país preparado para o comunismo. Todos julgavam que a Itália seria comunista antes da Rússia. E as hostes fascistas venceram. As “massas”, são as mesmas... Amanhã, se Mussolini entender de adotar o regime bolchevista russo, as hostes fascistas de hoje apenas mudarão a cor da camisa... e, em vez de cantar “La Giovenezza”, cantarão “A Internacional”. Sempre com o mesmo entusiasmo: ambos são cânticos de guerra...

E a imprensa muda a palavra de ordem...

Questão de voz de comando.

Questão de força armada.

Esse é o papel da violência organizada: cultiva o tartufismo e a covardia servil e a imbecilidade humana.

Todos procuram iludir-se a si mesmos, E continuam todos no mesmo lugar.

Com a violência e a autoridade nunca será resolvida a questão social – ou melhor – nunca será encontrada a solução para o problema humano da liberdade ou da alegria de viver. Porque o problema humano é, justamente, a supressão da autoridade, e, conseguinte, a supressão da violência.

\*\*

A psicose armamentista invadiu também a Rússia Proletária.

Defesa, dirão. Mas, qual a guerra moderna que toma o nome de agressiva? Ninguém mais, agride. Todos defendem. Lá está o Japão “moralizando” a China, defendendo-a do banditismo chinês... A defesa é um fato.

A proposito, vale a pena citar uma fábula.

Telegramas da Agencia Reuter informa que D. Salvador Madariaga, chefe da delegação espanhola à Conferência do Desarmamento, narrou, em sessão, uma fábula interessante, para explicar a razão de ser da proposta

russa do desarmamento geral e completo, provocando o riso de todos, inclusive do próprio “camarada” Litvinoff, autor do projeto e chefe da delegação soviética.

O Sr. Madariaga contou que “o leão, o touro, a águia e o urso se reuniram para deliberar também sobre o desarmamento. O leão, vendo a águia, propôs a abolição de suas asas; a águia, que olhava para o touro, pediu a supressão de seus chifres; o touro, que temia o leão, exigiu que abandonasse as garras, e, então, o urso mostrou-se partidário de todos esses pedidos, afim de abraçar os companheiros com os seus membros carinhosos...”

Luta de classes? – Não! Problema humano, senão, vejamos. Quem é que, no mundo inteiro, como palavras de ordem, enche a boca com as expressões – “luta de classes”? – Os intelectuais, meus amigos. Somos os pulgões de que falava Tolstoi.

“Nem uma obra de arte produziu um só grão de trigo”, diz Han Ryner.

Mas, o nosso orgulho, a nossa pretensão nos faz pensar que valem mais do que os proletários.

E queremos dirigi-los e... governa-los em uma Republica Proletária... Universal! A defesa é um fato.

“O proletarismo e o burguesismo, como diz muito bem Gerard de Lacaze-Duthiers, são duas tiranias que se unem. Cada qual procura impor a sua ditadura. Desgraçado daquele que possui originalidade: é o inimigo comum. Enquanto o povo não for melhor que os seus senhores, que não me venham falar em *revolução*”.

E tudo fica na mesma: a classe burguesa será substituída pela classe dos intelectuais dirigentes.

Aconselho os operários a se defenderem dos nossos carinhosos e a abotoarem o paletó...

É o abraço do urso...

Estou com Ruskin:

“Questão operária? Formulamos bem o problema. No fundo na há questão obreira, porém, questão humana. Sobre a terra só existem duas classes de homens: produtores e os que nada produzem; o que sustentam e acrescentam a vida e os que só gastam e a detêm. A questão se resume em apoiar os primeiros e em combater os últimos”.

Só quando o homem viver sem constranger o outro, pelas leis e pela polícia, só quando o homem não impuser aos outros homens a sua autoridade ou não se submeter servilmente à autoridade de outrem, então, estaremos no limiar da evolução humana para a revolução social. Até lá, não me falem em fraternismo ou solidariedade.

Enquanto o homem estiver armado, é um tirano e um covarde. Enquanto não fizer a revolução interior para a realização profunda, ninguém tem o direito de encher a boca com as palavras “*revolução social*” – porque só pode semear a verdade quem já fez a sua colheita.

Quanto ao mais, palavras lindas e lições aviltantes. Os homens e mulheres “de ideia”, deixam muito a desejar. O pensamento, em absoluta dissonância com as ações.

Só quando o homem realizar um ser superior, tendo abandonado a violência aos impotentes e aos degenerados, aos fracos e aos trogloditas, só então terá direito de exigir dos outros o respeito á sua dignidade de ser humano.

A violência é estéril. Nada cria. É força desordenada, destruidora. Fere ao acaso e gera a violência. Estéril? – Não! É a mãe do Ódio.

Quando o homem souber respeitar o outro homem, sem necessidade da polícia ou das leis escritas; quando desaparecer a violência e a autoridade, por imprestáveis, - porque o homem não condenará mais a tirania com o objetivo do assalto ao poder, para se aboletar, gostosamente, no trono do tirano... já não será necessária a revolução social.

Mas, enquanto os “escultores de montanhas” teimarem em obrigar os homens todos a pensar segundo o seu pensamento, a crer no que eles creem, inutilizando, massacrando os sonhos ou o pensamento dos outros – para assegurar o predomínio das suas verdades – prendendo, exilando, fuzilando ou mutilando os corpos e as consciências dos que pensam de maneira diversa: - as guerras e as revoluções sociais, uma após outras, hão de ensanguentar a terra, inutilmente, perversamente, degenerando, enlouquecendo a todo o gênero humano. Isso será até o suicídio coletivo da humanidade, através da técnica moderna da ciência – a serviço do canibalismo das verdades organizadas.

Um dia... muito longe... os homens saberão entender-se, através da formula feliz:

*“Associar ao individualismo dos espíritos, o comunismo das mãos”.*

Liberdade integral de pensar, de sonhar, e auxílio mutuo. Só então, comunismo e individualismo hão de entender-se, numa harmonia inconcebível hoje, e trarão a felicidade à terra – para todo o gênero humano – esgotado de erros e crimes bárbaros contra a liberdade de consciência e contra todas as tentativas de solidariedade.

Respeito absoluto, incondicional à liberdade de pensar e união de todos os braços, para a solução do trabalho produtivo e subsistência garantida pela coletividade para a coletividade.

O pão e o bem estar para todos e a liberdade integral para todos – porque ninguém mais pensaria em coagir a liberdade de semelhante, nem explorar o suor do próximo.

Por ora, uma linda utopia.

Os homens são muito egoístas e muito perversos para tentarem, livremente, o comunismo das mãos, e absolutamente incapazes, por estupidez, por despotismo e intolerância, incapazes, impotentes para permitirem o individualismo dos espíritos ou a liberdade de consciência.

Até hoje, nenhuma formula solucionaria tão harmoniosamente o problema humano.

Daí, a necessidade absoluta do entendimento entre intelectuais e proletários – no sentido de nos aproximarmos, tanto quanto possível, da formula admirável:

*“Unir, ao individualismo dos espíritos, o comunismo das mãos”.*

Fora disso, tudo mais é luta estéril de partidos, para as “revanches” incessantes da violência e o domínio do mais forte, do mais brutal, do que estiver mais bem armado.

Porque a violência é a vitória do instinto da espécie animal sobre a razão.

E, para pregar a violência, para pregar a revolução social, os apóstolos de todos os partidos falam às paixões e não procuram despertar às consciências.

Descreio da oratória. As multidões só querem a sonoridade das

palavras e as expressões violentas contra o “inimigo”...

E os oradores, sabendo disso, não falam à razão, não têm interesse em acordar o homem para sua realização interior, preferem os aplausos e precisam do número, para defender as “suas” verdades e formar o “seu” partido.

É o círculo vicioso da violência para violência e o assalto ao poder.

\*\*

Rodin sabia “o não será feliz enquanto todos os homens e mulheres não tiverem almas de artistas”.

Dizia: “O amor à Natureza e a sinceridade são as duas fortes paixões dos gênios. Todos adoraram a Natureza e jamais a traíram; cheios de amor e respeito a respeitaram sempre tal qual a viram. A Natureza é a nossa única deusa”.

O homem realizado volta a comungar com a Natureza, confunde-se com a Natureza. Só assim, consegue penetrar dentro de si próprio, viver harmoniosamente... Conhece-se. Realizar-se. Para aprender a amar.

A mais alta realização interior implica a mais eloquente simplicidade, a volta à Natureza.

Dar-se inteiramente, nada reservar de si mesmo – eis o grande segredo da arte do artista realizado. Faz parte do grande Todo, integrou-se na Natureza.

Tornou-se compreensivo – a mais alta virtude humana – penetrou da na dor dos outros corações, e semeia um pouco de beleza com lenitivo ao sofrimento e à inquietação das almas atormentadas.

A Arte é a Religião do Amor e da Beleza...

Transmutar a Dor em Beleza é sagrada alquimia da Arte.

Por isso, a Arte é a Liberdade. A Arte é o Conhecimento. A Arte é a Vida. A Arte é a Compreensão. A Arte é a Sabedoria. A Arte é o Amor.

O Artista não pode ter o espírito sectário nem exclusivista, não pode fechar-se dentro de partidos, dentro de igrejas, de escolas, academias; não se deixa arrastar por nenhuma circunstância ou nenhum interesse social ou religioso, não tenta “organizar” as suas verdade interiores – para as impor aos outros, como dogmas.

Daí a fórmula tão simples e tão genial de Han Ryner, o Artista e filósofo lírico do “sorriso da dúvida e da música dos sonhos”, essa fórmula ideal de liberdade e amor – que traria o céu à terra:

“Associar, ao individualismo dos espíritos, o comunismo das mãos”.

Mas, tem razão um grande amigo meu:

“O verdadeiro Artista ainda está para vir, porque, a sociedade, a vida moderna não permite ao indivíduo a liberdade necessária para ser Artista. O Artista será verdadeiramente livre, consciente e sincero no dia em que sua vida material não depender do seu trabalho intelectual. O verdadeiro Artista será aquele que, tendo realizado a sua parte do fardo social, dará livre e inteiramente seu pensamento, que, por ser livre, deve ser dado de graça.

A Arte se aprende realmente na vida rude do trabalho, que é sempre, antes de mais nada, o primeiro criador. Para ser um Artista livre, é preciso criar a sua vida livre”.

Associação das mãos e a liberdade dos espíritos – essa é a fórmula perfeita.

E a concepção do Estado moderno, não só fascista como soviético, não tem noção do Artista livre. Não pode ter. O Estado é a negação da liberdade qualquer que seja.

Na Itália, Mussolini distribui prêmios aos jornalistas e artistas fascistas, nomeia-os membros da Academia de Letras – por decreto - : compra-os para o “regime”. Prostitui-os. Faz o que fizeram todos os Mecenas do imperialismo romano. Persegue, exila, martiriza Toscanini, os de fora do partido!

Marinetti é a expressão genuína do artista fascista...

Na Rússia bolchevique, os Artistas têm garantida a subsistência – com a condição de executar mensalmente uma obra de arte, de concepção coletivista do Estado marxista. É o artista alistado no “partido”, comprometido a defendê-lo e a cultivá-lo pela execução artística dentro de uma concepção anti-burguesa de luta de classes. Mensalmente um quadro! Artista a prestações! Artista à força! O Artista tem o seu ritmo, a periodicidade para criar e para conceber ou repousar. Nem sempre está disposto. Nem sempre é intuitivo. Nem sempre tem inspiração. Não é um funcionário de ordenado mensal. Assim, não há liberdade para criar. E o

numero é a negação da qualidade em Arte. Em ambos os regimes, os artistas estão fechados no círculo de ferro de um “partido”. Funcionários do Estado proletário.

Há, entretanto, é forçoso confessar, uma diferença profunda entre o gesto de Mussolini, comprando os Artistas, Papini, Marinettis, e expulsando os rebeldes, como Toscanini, que se não prostituem, e a maneira como a Rússia proletária se aproveita da Arte para educar a juventude dentro da concepção muito mais ampla do ideal humano do comunismo das mãos. Mas, também a Rússia soviética não está a altura da liberdade dos espíritos.

Leonardo da Vinci a um só tempo fazia mil trabalhos. As suas notas “*Delle cose naturalli*” tomavam mais de cinco mil folhas de papel, observações desordenadas, uma infinidade de pedaços de papel desalinhados nos quais, ao acaso, apanhava “flagrantes”, pinceladas de inspiração ou observações ao acaso. Um gênio desses podia dar um quadro por mês?!... Nas suas notas, sobre Arte, há a seguinte observação:

“Às vezes o amor do dinheiro rebaixa também grandes mestres até a tarefa. Assim, meu compatriota e amigo florentino, o Perugino, atingira a uma tal rapidez na execução das encomendas que, uma vez, do alto do cavalete, respondeu à mulher que o chamava para o jantar: “Serve a sopa: eu, durante esse tempo, vou ainda pintar um santo”.

As eternas dúvidas de Leonardo, a sua hesitação permanente, os seus momentos decisivos de inspiração, o seu sistema de trabalhar, as suas eternas expectativas, a indecisão, a imaginação cheia de ideias novas e as continuas experiências na arte e nas investigações científicas faziam de Leonardo um indomável incapaz de se sujeitar a partido algum ou a qualquer regime, embora tivesse também de aceitar algumas encomendas, obrigando-se a multa no caso de atraso na execução... Mas, isso, na Republica... Foi a *Batalha d'Angiari*, do Palazzo Vecchio (vitória dos florentinos em Angiari, 1440, quadro pintado em 1503).

“Nunca, a serviço dos “tiranos”, como denominava com desprezo o gonfaloneiro, (perpétuo governador da Republica, Piero Soderini,) à corte de Ludovico o Mouro e de Cesar Borgia, Leonardo sofrera escravidão igual como ao serviço do povo, da livre republica, reino da igualdade burguesa”. (*A Ressureição dos Deuses* – Dmitry de Merejkowsky).

O que é certo que Leonardo trabalhara durante dezesseis anos no tumulto de Sforza, “O Colosso”, e, durante três anos trabalhou no retrato da Gioconda, sem termina-lo.

Mas, de toda a vida de Leonardo se conclui, com Merejkowsky: o leão automático, por ele construído para as festas do triunfador Francisco I, que atravessando a sala, ergueu-se diante do rei nas patas traseiras e, abrindo o peito, deixou cair aos pés de Sua Majestade, lírios brancos da França, - esse brinquedo prestou mais serviços à glória de Leonardo que todas as suas obras e outras invenções bem mais sérias...

Uma digressão apenas para reafirmar que o Artista, o Homem livre, o verdadeiro criador não pode sujeitar-se a um partido, nem se sente inteiramente à vontade para conceber e executar uma obra de arte – se foi encerrado no sapatinho de ferro de uma ideologia, qualquer que seja ela, por mais livre que se apresente, mais um motivo – uma vez que é ideologia de luta de classes, para se impor em todo o orbe.

A Arte não sabe de classes: a Arte é humana. Ruskin tem razão.

E a missão do Artista, na hora presente – uma ponde entre duas épocas – no momento em que o mundo inteiro é uma fogueira crepitando ódio imperialista e vontade de dominismo e crueldade sem precedentes, reinado brutal do bezerro de ouro da cupidez, do açambarcamento e da prostituição de tudo e de todos – o apostolado do Artista – também dos homens e mulheres que tiverem alma de artista, é a atitude viril do esteta da humanidade nova, a suprema resistência à reação e à ferocidade bestial do troglodita, despertada pelos aventureiros do poder no banditismo do dominismo absolutista dos imperialismos nacionalistas, é o aproveitamento das energias inquietas, buscando unir todos os povos dos Continentes, todos os povos do Mundo inteiro, unindo todas as raças, saltando por sobre todas as fronteiras, num anseio eloquente de liberdade, num gesto apolíneo de beleza – para a solidariedade de todas as mãos, em busca do pão para todas as bocas e um raio de lua para cada consciência.